

PARO

PARO



Rafael Morales

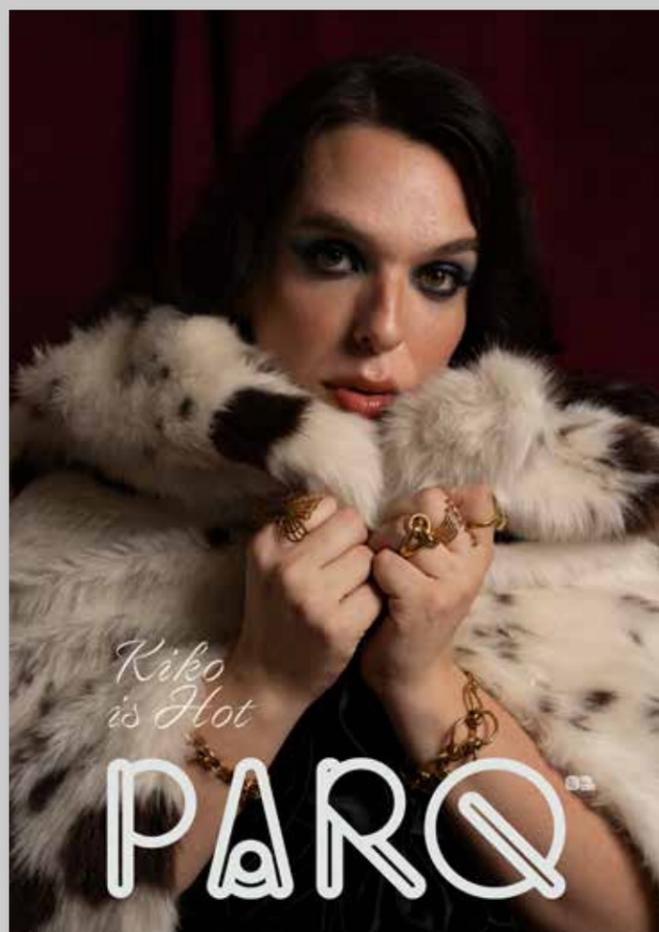


foto MANUEL GEADA
 direção criativa PATRÍCIA C. VICENTE
 styling TATJANA JOURDAIN
 ass. styling MARCO GOMES
 hair ESTEBAN
 makeUp INÊS ABREU LIMA

talent KIKO IS HOT

www.parqmag.com

facebook /parqmag

instagram /parqmag

youtube /parqmag

TEXTOS Alex Couto, António M. Barradas, Bernardo Semblano, Carla Carbone, Francisco Spratley, Francisco Vaz Fernandes, Hugo Pinto, H. Fortunato, Lara Mather, Maria São Miguel, Patrícia César Vicente, Rafael Vieira, Roger Winstanley, Sara Madeira, Tátá Seixo Garrucho, Taty Cool FOTOS Beatriz Temudo, Christian Zimmermann, Diogo Navy, Inês Melin, Lucas Fonseca, Manuel Geada, Márcia Simões, Marcus Sabah, Maria Gaggo, Maria Rita, Ruben Corta Largo, Sara Berenguer, Sara de Jesus Bento STYLING Beatriz Reto, Eduardo Tobar, Patrícia César Vicente, Pedro Chalbert, Tatijana Jourdan, Tiago Ferreira, Tomás Chambel ILUSTRAÇÃO Valdemar Lamego

PERIODICIDADE Bimestral · DEPÓSITO LEGAL 272758/08 · REGISTO ERC 125392 · EDIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. · NIF 508 399 289 · EDIÇÃO & PROPRIEDADE Francisco Vaz Fernandes · NIF 180063430 · Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2oesq. / 1000-251 Lisboa, Portugal · TELEFONE 00351 218 473 379 · IMPRESSÃO Suspensa. Disponível edição on-line · DISTRIBUIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda.

DIRECTOR Francisco Vaz Fernandes francisco@parqmag.com · EDITOR Conforto Moderno · EDITOR DE MODA Tiago Ferreira tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira · DESIGN Valdemar Lamego → A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2024 PARQ.



foto LUCAS FONSECA
 styling SILV3R STUDIO
 makeUp BEATRIZ TEXUGO

talent EDGAR MORAIS

Veste:
 jeans OUR LEGACY
 jockstraps AMORABLE

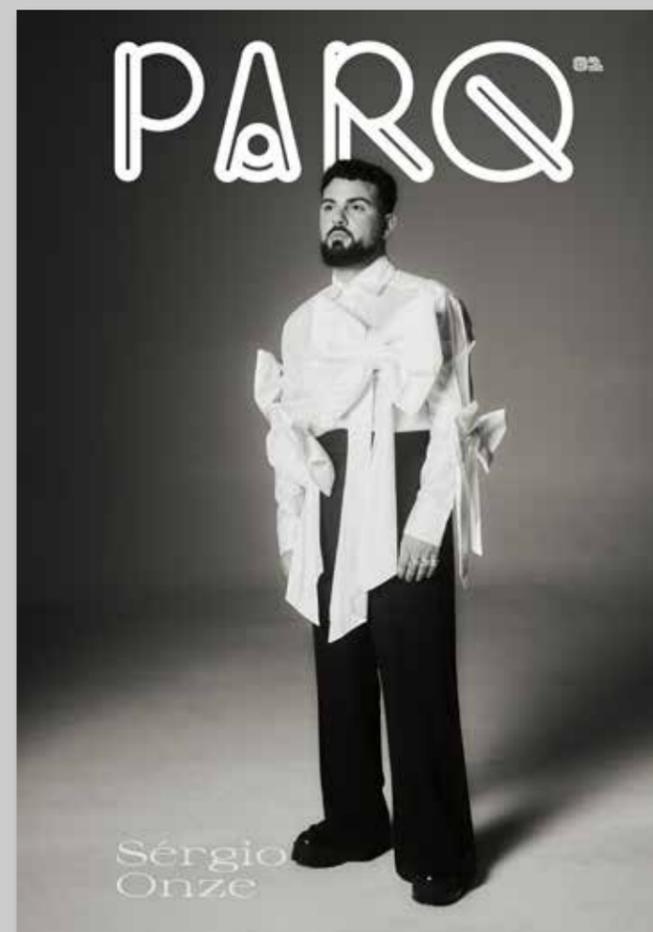


foto MARCUS SABAH
 styling SÉRGIO ONZE
 makeUp BEATRIZ TEXUGO

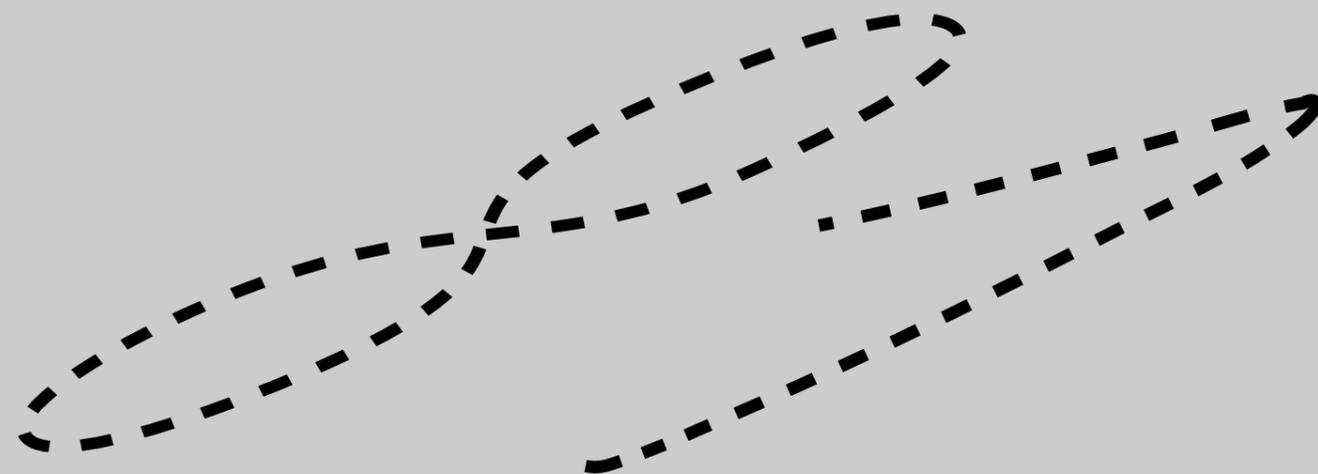
talent SÉRGIO ONZE

Veste
 camisola FLÁVIO BRANDÃO
 calças ASOS DESIGN



foto MARIA RITA
 styling TIAGO FERREIRA
 makeUp&hair PAULO FONTE
 ass. styling TATJANA JOURDAIN
 talent RAFAEL MORAIS

Veste
 casaco DRIES VAN NOTEN
 camisola COMME DES GARÇONS
 calças MAISON MARGIELA
 tudo na Stivali



RITUAIS DOMINICAIS



Aos domingos de manhã há um único café aberto no bairro pelo que não pesa sobre nenhum dos consumidores de cafeína desta área o paradoxo da escolha. Amanhã por esta hora haverá vários estabelecimentos onde consumir o precioso líquido daquele pequeno copo de porcelana. Uns vão por hábito e outros por crença. Há ainda os que vão na convicção de que o dia só começa depois daquela ingestão. Amanhã por esta hora haverá um festim de carros, pessoas, bicicletas e trotinetas. Haverá um concerto de birras de miúdos, de conversas de circunstância entre os graúdos e do silêncio dos velhos que assistirão ao passar de um “dia útil” sem lhe reconhecerem grande utilidade.

Mas hoje é domingo e as rotinas e crenças são outras. Um sino lá fora anunciou a missa mas aqui, dentro do templo do café matinal, ouve-se o som de duas dúzias de vozes em conversas desgarradas. Como se a torre de Babel tivesse acabado de cair, oiço falar inglês, português e uma estranha mistura de francês e português. Tudo isto intercalado com os estrondos do manípulo de uma máquina de café que não pára. O ocasional galão faz guinchar a máquina e as devotas que aqui se encontraram antes da missa e se viram obrigadas a continuar a conversa por cima do som suplicante emitido pela máquina.

Há uma peculiar mistura de cheiros: café, naftalina, pão, desodorizante, bolos e perfume barato.

“Nem só de pão...”, dizia o livro sagrado. E de facto, saem muitas caixas de pastéis e de miniaturas, geralmente às dúzias. Uma senhora pede uma caixa de cinco pastéis de nata, o que me entristece. É como se aquela vida estivesse incompleta e precisasse de um símbolo de vazio numa caixa de meia dúzia de pastéis menos um.

Os clientes que chegam dividem-se em dois grupos: os da casa, que se juntam ao coro de gritos quando reconhecem alguém, e os de fora que entram com um esgar de espanto enquanto os ouvidos lidam com o caos sonoro e os olhos, já livres de óculos escuros, se adaptam à estranha luz de hospital.

A hora da celebração chega, finalmente, e saem os mais bem vestidos de passo apressado. Fica no ar um silêncio inesperado, cortado apenas pelo som de um coro que canta na missa que a televisão emite. Mas este silêncio é rapidamente quebrado quando os empregados começam a dança da recolha da loiça, fazendo tilintar chávenas e pires com uma intensidade tal que se poderia pensar que têm medo do vazio sonoro que por aqui ficou.

texto —————> H. Fortunato
foto —————> H. Fortunato



EMILIA



O drama musical “*Emilia Pérez*” do realizador francês JACQUES AUDIARD, vencedor do prémio do Júri no Festival de Cannes 2024 estreou recentemente em Portugal no Leffest – Lisboa Film Festival no passado dia 10 de Novembro.

Emilia Pérez é um filme audaz que junta musical e drama, tendo um narcotraficante no centro desta história, que decide mudar de identidade, tomando a decisão de transitar de género com a ajuda de uma advogada, Rita, interpretada por ZOE SALDAÑA.

A atriz KARLA SOFIA GASCON, também ela transgénero, interpreta ambas as personagens, *Manitas*, um criminoso violento, líder de um cartel de drogas, e *Emilia*, a sua nova identidade, feminina, maternal e solidária. KARLA com 35 anos de carreira, e que vê agora o reconhecimento mundial com esta personagem, disse em entrevistas que a parte mais difícil de interpretar estas personagens não foi as duas identidades de género distintas, ou a transexualidade como poderíamos imaginar, mas sim conseguir acertar no sotaque mexicano sendo ela espanhola, natural de Madrid.

KARLA SOFIA GASCON, ZOE SALDAÑA, SELENA GOMEZ e ADRIANA PAZ venceram as quatro em conjunto o prémio de melhor atuação feminina no festival de Cannes este ano e não podia ser mais merecido. Cada uma destas mulheres transforma-se ao longo da narrativa e expõem através das canções tudo o que sentem de uma forma visceral. *Emilia* busca absolvição, *Rita* sonha com riqueza, *Jesy*, esposa de *Manitas*, interpretada por SELENA GOMEZ, quer ser desejada e *Epifania*, interpretada por ADRIANA PAZ, anseia por segurança.

ZOE SALDAÑA é cativante do início ao fim. A sua personagem serve de fio condutor entre a vida destas mulheres. É uma mulher inteligente, que se vê refém das suas origens humildes e da sua condição de vida, consequência da sociedade e do seu meio social.

O filme tem cenas musicais coreografadas por DAMIEN JALET, o foco não é a afinação das vozes mas sim a emoção e intensidade nas palavras cantadas por estas personagens. Dor e paixão são as palavras que melhor descrevem este filme.

PÉREZ



JACQUES AUDIARD baseou-se na obra “*Écoute*” de BORIS RAZON. Apaixonou-se pela história de renascimento de *Emilia* e inicialmente tinha como objetivo criar uma ópera. No entanto, como filme, o resultado é excelente, até porque a essência da ópera está na musicalidade.

O filme desenvolve-se maioritariamente em espanhol e foi filmado em estúdios, por questões de logística e estéticas que JACQUES introduz. A história é passada no México, retratando a vida precária e perigosa dos seus habitantes, que vivem na cidade do México uma realidade dura e violenta dominada pelo narcotráfico abordando a questão dos milhares de desaparecidos. A corrupção também é um tópico permanente, desde o início, em que *Rita* está no mercado, uma excelente abertura para o filme, e que dita o tom.

A cena do “*El Mal*”, na cerimónia da ONG que *Emilia* funda para se redimir do passado criminal é também uma crítica social e uma demonstração da hipocrisia das pessoas presentes no evento, incluindo as personagens principais.

A banda sonora original foi composta e escrita por CLÉMENT DUCOL e CAMILLE DALMAIS e conta no total com 16 temas vocais em espanhol. PAUL GUILHAUME é o diretor de fotografia, usa contrastes de luz e sombra e movimentos de câmara que acompanham cada passo de dança, estamos sempre em movimento, acelerados.

Não é um filme para toda a gente, é por vezes talvez demasiado arrojado ou “fora da caixa” para alguns mas é isso que o torna interessante. Existem rumores que “*Emilia Pérez*” poderá ser nomeado para os Óscares mas teremos que esperar para ver.

BLINK TWICE

A estreia da atriz ZOË KRAVITZ como realizadora tem dado muito que falar. O novo thriller *"Blink Twice"* estreou em Portugal a 22 de Agosto de 2024 e introduz-nos a *Frida* e a *Jess*, amigas e colegas de casa, ambas empregadas de mesa num evento de angariação de fundos do milionário tecnológico *Slater King*. Neste evento, *Slater* convida-as a juntarem-se aos amigos na sua ilha privada em que todos os dias são dias de festa. Porém, rapidamente a realidade vem ao de cima e acontecimentos estranhos começam a levantar dúvidas a *Frida* que acaba por ter que lutar pela sua liberdade e retomar a posse da sua vida.

ZOË KRAVITZ diz que se inspirou no jardim de Éden, numa ideia de um lugar em que tudo parece perfeito, em que todos são livres e felizes até provarem do fruto proibido. As cobras auxiliam essa referência. A mensagem no filme é bastante clara, e o abuso de poder e violência sexual tornam-se os temas principais. Os acontecimentos dessa ilha refletem, segundo ZOË, o que se passa na sociedade de hoje em dia. Segundo a realizadora, as mulheres são forçadas a perdoar e esquecer. E sem querer dar "spoilers" é exatamente isso que fazem no filme.

O argumento foi escrito pela própria realizadora e por E.T. FEIGENBAUM. É um filme pesado pela sua temática e visualmente apelativo. ZOË, uma jovem atriz com uma carreira já extensa, tendo trabalhado com vários realizadores conceituados como MATT REEVES, GEORGE MILLER, STEVEN SODERBERGH, DAVID YATES, entre outros, diz que foi através do seu trabalho como atriz que conseguiu perceber o que queria fazer em termos de realização ao ter observado durante anos quem a dirigia. O elenco é composto por estrelas e algumas caras novas, CHANNING TATUM, NAOMI ACKIE, ALIA SHAWKAT, CHRISTIAN SLATER, SIMON REX, ADRIA ARJONA, HALEY JOEL OSMENT, LIZ CARIBEL, LEVON HAWKE, TREW MULLEN, GEENA DAVIS e KYLE MACLACHLAN.

ZOË nunca quis protagonizar no seu filme tendo escolhido NAOMI ACKIE, uma atriz britânica, para dar vida a sua personagem principal, *Frida*. Com uma performance irrepreensível, não poderia ter havido melhor escolha para este papel. CHANNING TATUM, pelos papéis anteriores, talvez não fosse a escolha óbvia para o papel de *Slater King*, o vilão deste thriller psicológico, mas é convincente.

A cinematografia altamente intencional, com uma certa simetria, cores vibrantes, detalhes importantes para a narrativa no seu todo como o isqueiro, a fruta no champanhe, o jogo de xadrez, as unhas. Todos os planos são filmados com tripé, nenhum plano é filmado com câmara à mão. O diretor de fotografia, ADAM NEWPORT-BERRA é incrível. ZOË KRAVITZ inspirou-se em filmes como *"The Shining"*, *"Boogie Nights"*, *"Pulp Fiction"* e *"Rosemary's baby"*.

"Blink Twice" foi filmado no México e tanto o elenco como a equipa ficaram hospedados no hotel em que decorre a história. O design de som acrescenta também ao suspense e ao terror e a montagem é interessante. Há momentos temos apenas flashes rápidos de certos acontecimentos. Como o próprio nome do filme indica *"Blink Twice"*, há cortes no filme que parece que pestanejamos rapidamente.

O filme não é para os mais sensíveis, é um thriller psicológico mas também um filme de terror que contém violência sexual com cenas perturbadoras e também cenas gráficas de mortes. No entanto, acaba por ser também um filme de empoderamento feminino. ZOË KRAVITZ consegue com a sua primeira longa-metragem surpreender o público com um filme muito bem executado deixando-nos a desejar por mais.

texto —————> Lara Mather



DADDIO

A primeira longa-metragem da realizadora CHRISTY HALL *“Daddio”* estreou no festival de cinema Telluride no dia 1 de Setembro de 2023 e nos cinemas em Portugal no dia 5 de Setembro de 2024.

“Daddio” conta a história de uma jovem mulher que acaba de aterrar no aeroporto JFK em Nova Iorque e apanha um táxi para casa. Nesta viagem tardia, presa no trânsito nas ruas de Nova Iorque, ela tem conversas profundas com o motorista *Clark*, interpretado por SEAN PENN.

O filme é todo passado dentro de um táxi, com exceção da primeira cena, à saída do aeroporto e a cena final, com a chegada a casa. Conhecemos estes dois estranhos e os seus traumas, através dos diálogos vulneráveis, magnificamente escritos pela realizadora que quis passar a mensagem de como é importante comunicarmos uns com os outros, cara a cara. SEAN PENN estabelece o tom do diálogo com a sua passageira com um, *“It’s nice that you’re not on your phone”* (“É agradável não estares ao telemóvel”), o que resume bem o objetivo da realizadora.

Existe uma terceira personagem que se faz sentir via mensagens telefónicas explícitas e pelas reações corporais de DAKOTA JOHNSON percebemos exatamente quem é essa pessoa não visível e que tipo de relação têm.

CHRISTY, a realizadora, é nova-iorquina. Inicialmente escreveu o argumento para ser uma peça de teatro em 2017 mas acabou por não acontecer e quando surgiu a possibilidade de ser um filme optou por o fazer pela essência e movimento da cidade que não iria conseguir transmitir visualmente num palco. O filme independente foi produzido pela TeaTime Pictures, produtora fundada por RO DONNELLY e por DAKOTA JOHNSON que assim que leu o guião sugeriu logo SEAN PENN para o papel de *Clark*.

Foi filmado em 16 dias e a totalidade das filmagens com os atores foram realizadas num táxi dentro de um estúdio com o uso de painéis led, na versão tecnológica mais avançada. Esta técnica foi igualmente usada na série *“The Mandalorian”*, e será certamente uma ferramenta a ser usada por mais cineastas com mais recorrência. Segundo a realizadora, foi graças a esta técnica que foi possível filmar uma longa-metragem num curto período de tempo sem terem que se preocupar com quaisquer restrições de horários (luz noturna), condições meteorológicas, logística de equipa, restrições de quantidade de takes que podiam fazer porque não tinham que se preocupar em voltar a colocar o táxi no ponto de partida. Puderam manipular as imagens previamente filmadas do percurso do táxi, voltar atrás ou para a frente sem qualquer problema. Filmaram com dois táxis, um deles cortado ao meio para que a câmara pudesse caber entre os dois atores e captar os planos individuais de cada um.

Para CHRISTY era muito importante que este percurso fosse fidedigno para que qualquer nova-iorquino ou qualquer pessoa que visse o filme e já tivesse feito anteriormente aquele percurso, bastante cinematográfico, do aeroporto de JFK até Hell’s Kitchen em Nova Iorque, sentisse que estava de facto a fazê-lo com estas personagens. Foram usadas 9 câmaras array com lentes anamórficas para dar um aspecto mais vintage à imagem e o diretor de fotografia, PHEDON PAPAMICHAEL, ia alterando as luzes à medida do percurso para mais suaves ou mais fortes tendo sempre atenção aos reflexos da rua.

A atenção ao detalhe dentro do táxi é notória e existem certos elementos que embora apareçam, não são referidos, despertando a curiosidade no espectador, como por exemplo a planta que *Clark* tem ao pé do rádio. *Christy* numa entrevista disse que se tratava de uma árvore do dinheiro, uma pista colocada para os mais atentos e relacionada com o discurso de *Clark* sobre capitalismo.

Nos diálogos há rápida sensação de intimidade entre os dois, e os silêncios são importantes e muito bem geridos. Contudo não é muito realista o facto de uma jovem mulher entrar num táxi à noite nos tempos que correm e partilhar segredos da sua intimidade com um estranho que a leva a casa. Ainda assim, acreditamos como sendo algo singular referente a essa jovem mulher. Ela nunca revela o seu nome ou idade e é a sua postura desafiadora que dá credibilidade a esta ação e conduz o público feminino a identificar-se com a narrativa.

CHRISTY co-criou a série *“I am not ok with this”* (2020) para a Netflix e mais recentemente foi argumentista do filme *“It ends with us”* (2024). *“Daddio”* destaca-se principalmente pelo argumento, claramente a “praia” de CHRISTY, deixa-nos curiosos para saber mais sobre estas personagens em adição às belíssimas imagens das ruas movimentadas e iluminadas de Nova Iorque graças à tecnologia avançada escolhida. *“Daddio”* é certamente uma excelente introdução de CHRISTY HALL e deixa o público atento a outros filmes que possam surgir desta cineasta.



texto —————> Lara Mather

As obras de SUPER LINOX tomaram as ruas de Lisboa, Setúbal e outros locais de forma silenciosa, inteira, como se fossem parte integral da cidade. São figuras monocromáticas à escala real, coroando fachadas e vivificando de arte o cenário urbano.

SUPERLINOX

Quando e como foi o momento zero de arranque desse processo, incluindo a criação do teu nome artístico?

Antes do momento zero de criação houve toda uma vida. Fazer escultura era uma necessidade que não podia continuar a ignorar. Em setembro de 2020, instalei uma máquina de lavar cor-de-rosa em cima de um edifício abandonado com leitura da autoestrada, junto às portagens da cidade de Setúbal. Quando essa máquina de lavar foi instalada, havia já todo um plano para uma linguagem e identidade escultórica que não se esgotasse a longo prazo. O «quando» do momento zero deu-se com essa instalação; o «como» foi-se construindo antes, durante anos, com a vida.

Para me fazer um artista livre, precisava de um nome que funcionasse como uma máscara. Um grande amigo chamava-me LINOX quando jogávamos consola online e decidi apropriar-me desse nome. Vinha de um lugar de diversão, liberdade, bondade, amizade, boas energias e respeito. Acredito que tudo o que nasce daí, mais cedo ou mais tarde, tende a prosperar. De modo a salientar todas as minhas convicções, decidi acrescentar SUPER. Ocorreu-me que a minha super-convicção pudesse ser mal interpretada; na altura não me importei e continuo a não me importar. Não se trata de arrogância, mas de amor-próprio e autoestima. Acho que esta máscara se assemelha mais aos óculos de Clark Kent – personagem que tira os óculos graduados da cara e passa imediatamente a ser reconhecido como Super-Homem.

Crias em estúdio as tuas peças, testas diferentes superfícies e materiais, usas referências para as escalas e objetos?

Tenho um atelier onde me aventuro em diferentes experiências com materiais e técnicas com o propósito de alcançar as formas que procuro. Com uma só cor, uniformizo toda uma variedade de materiais, destacando assim o que mais me interessa: a Forma. O meu trabalho escultórico é inspirado e assenta numa metodologia de *Smart Working*. Não se trata de preguiça; trata-se de uma forma inteligente de trabalhar o tempo e os recursos, adequada à minha realidade, às minhas necessidades e também aos tempos em que vivemos – o nosso tempo é muito mais valioso que o material. Vou-me apropriando de todo o tipo de materiais e objectos que procuram uma vida nova, sobretudo de manequins. De que outra forma poderia instalar estátuas de forma gratuita na rua? A criação de uma estátua através de processos convencionais exigiria meses de trabalho. O meu pragmatismo escultórico cumpre as minhas necessidades e suscita diversas interpretações e sentidos. Por exemplo: o lugar original dos manequins são as montras de loja. Agrada-me que as minhas estátuas comecem por ser bonecos que existem com o fim de posar atrás de uma montra: não somos todos um bocado como estes bonecos?

A minha linguagem escultórica permite-me ser um artista verdadeiramente livre: ninguém me pode impedir de fazer escultura.

Sinto ironia e humor na forma como intervêns e ocupas as ruas e fachadas. Sentes que as tuas peças precisam desse contexto urbano, do diálogo com o observador?

Preciso de ironia e de humor, caso contrário, enlouqueceria ou sucumbiria na tristeza. O contexto é uma coisa muito complexa. Às vezes, parece-me que o contexto pode ser só um nome, uma assinatura ou um lugar. As minhas obras precisam de contexto tal como qualquer outra obra de arte (ou artista). O contexto



© Tiago Durães

SUPERLINOX



onde tenho criado é o urbano, mas há por aí muitos outros contextos com os quais quero vir a trabalhar e outros, se calhar, ainda por descobrir. Hoje o observador pode ser alguém atrás de um smartphone. Vou sempre interessar-me muito mais pelo espaço real, pelo objecto, pela escala, pela luz e sombra, pela presença e por tudo aquilo que define e potencia a experiência escultórica. O espaço público é o mais abrangente de todos os espaços na medida em que envolve todos os tipos de observador; já numa galeria ou museu, por exemplo, os espectadores, em princípio, vão à procura de Arte e adivinham-se entendidos na matéria; as minhas intervenções no espaço público funcionam um pouco ao contrário: são as esculturas que vão à procura de espectadores. Aparecem nas suas vidas quotidianas, sem aviso. Seja como for, nenhuma obra de arte existe sem observador. Fico muito contente quando sinto que as minhas esculturas encontram observadores.

A aproximação à escala real tem para mim duas características que acho particularmente relevantes: proximidade que cria empatia com o observador e sedução pelas formas e cores

A aproximação à escala real tem para mim duas características que acho particularmente relevantes: proximidade que cria empatia com o observador e sedução pelas formas e cores.

A escala real, e a intimidade que ela implica, continua a inspirar-me. Interessa-me a força e o poder das ideias, muito além da escala física. Continuo a esquivar-me dessa armadilha do «quanto maior, melhor». As cores são isso mesmo: uma sedução. Mesmo usando cores fortes, há muita gente que passa pelas minhas esculturas e não as vê. Entende-se. A maioria das pessoas vive na correria. A vida é rotineira. É preciso olhar para fora. É preciso desligar o GPS e conectar com o mundo. É preciso alimentar o olhar e o sentido da contemplação.

O que podemos contar contigo para breve?

Enviei recentemente dois velhos dentro de um contentor para a ilha do Faial, nos Açores. Vão aparecer no Festival Maravilha.

Como é que alguém te contacta se quiser adquirir uma das obras ou fazer uma comissão ou exposição?

Enviando-me uma DM nas redes sociais (@superlinux) que evidencie seriedade.

Os colecionadores privados que têm investido no meu trabalho têm pelo menos uma coisa em comum: muita coragem. Não só têm a minha gratidão, como a minha admiração. Muitos colecionadores de arte não investem num artista que não seja representado por uma galeria de arte. Num futuro próximo, talvez não fosse má ideia contar com a intermediação de uma galeria para fazer negócios, fazer exposições e participar em feiras de arte internacionais.



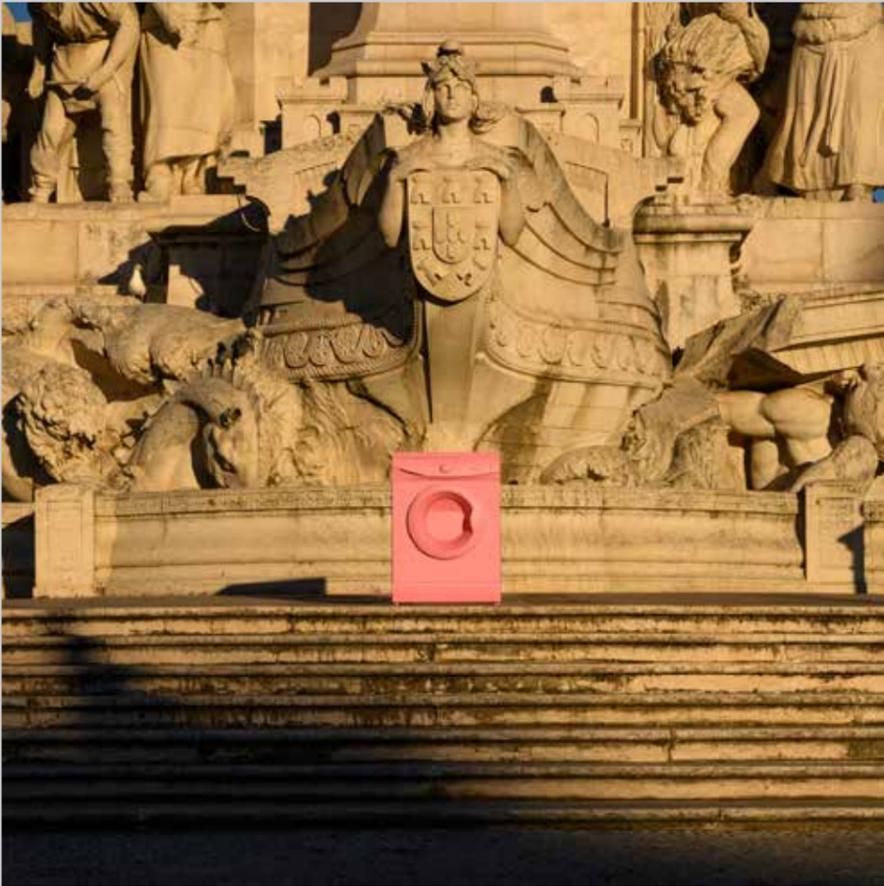
© Renato Vintem

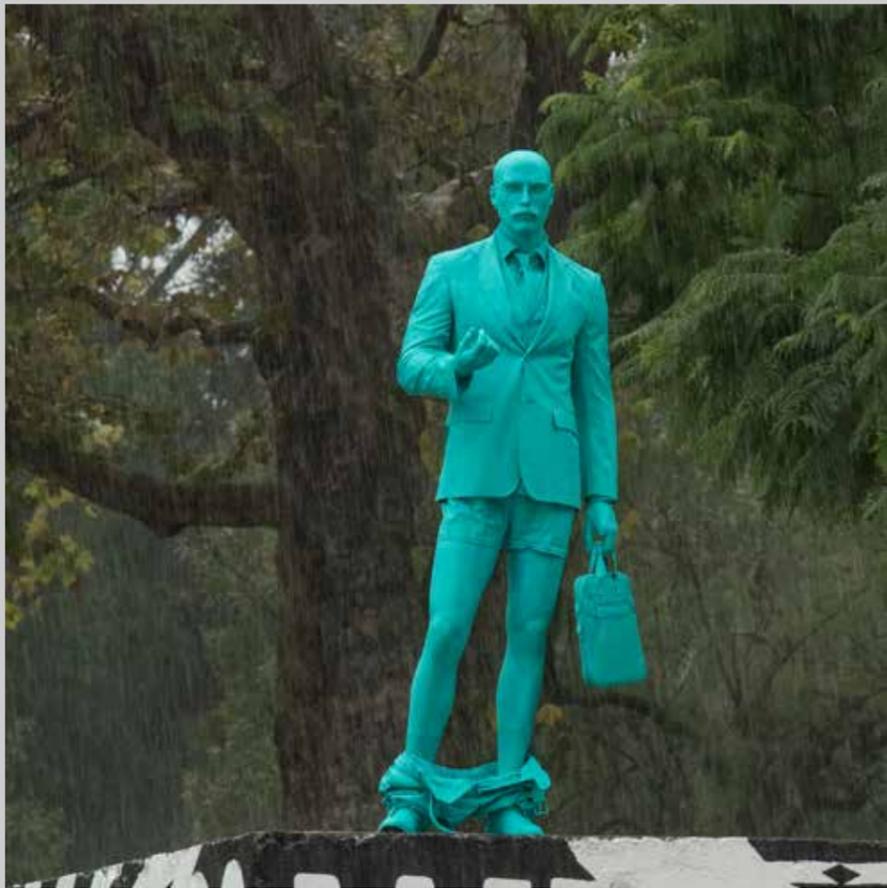


entrevista —————> Rafael Vieira



© Fausto Terceira





© Fausto Terceira



© Pedro Augusto Almeida

© Fausto Terceira



© Maique



GIL DELINDRO

www.delindro.com

ESCUTAR O INVISÍVEL,

Gil Delindro estará presente em Serralves, com exposição a partir do início de 2025

SENTIR O INAUDÍVEL



És um artista multidisciplinar, cuja opus se situa entre o som e a escultura. Explica-me esta relação.

Pensas sobre a singularidade do espaço onde vais instalar ou exibir a obra ou isso é secundário?

GIL DELINDRO é um artista multidisciplinar português, que trabalha com som, instalação e novos media, explorando a interação do homem com a natureza e tecnologia, investigando temas como o tempo, a decadência, a interatividade e a percepção sensorial. Tem uma abordagem experimental, alavancada em recolhas de campo e residências artísticas, criando obras que utilizam materiais orgânicos, assim como fenómenos naturais, como a recolha do som não audível dos sismos ou a captação de ventos. Explora as relações invisíveis e vibrações emanadas por esses diversos elementos, numa prática intensa e continuada que explora as conexões entre ecologia, antropologia, geologia e acústica. Falámos com o artista por ocasião de exposição no Convento de São Francisco, em Coimbra e na expectativa de inauguração de exposição em Serralves.

Comecei a estudar música muito cedo, toco bateria desde os 6 anos. Por volta dos 17 anos comecei a interessar-me por música experimental, estudei arquitectura, depois mudei para escultura e, ainda na faculdade, comecei a misturar muito os dois interesses. Trabalho profissionalmente nisto há mais de 10 anos, [no que] acabou por ser uma simbiose de interesses entre as coisas de que gosto de fazer. Na escultura, interesse-me mais por coisas que estejam a acontecer no exterior, do que dentro do estúdio.

A parte do som depende do tempo, das condições atmosféricas, depende de ir gravar a sítios onde alguma coisa está a acontecer, existe toda essa procura, investigação, trabalho de campo. Depois a parte sonora de criar objetos, situações, onde acontece uma composição sonora que não controlo. A nível conceptual gosto do [pensamento do] físico David Bohm. Comecei a interessar-me pela ideia de que, hoje em dia, fraturamos tudo em secções: arte contemporânea, sound art, video art... A orientação da sociedade está para que se especifique num nicho, tanto nas ciências como nas artes, e que esse nicho seja o mais estrito possível. Claro que isso tem a sua vantagem prática, em que se pode dedicar todo o tempo àquela coisinha. Mas depois tem desvantagens. O que Bohm diz é que, para estudar um certo tipo de coisa, às vezes só a consegues estudar comparativamente. Por vezes, ter uma visão mais geral, de simbiose e correlação entre os diferentes elementos, pode em algum momento ser mais vantajoso. Digo isto porque não vejo o meu trabalho como sound art, nem como arte contemporânea, nem como escultura, cada peça é uma simbiose de várias componentes. Se retirar um, a peça não funciona.

Quanto coloco [numa exposição] um field recording a ser reproduzido através da chapa, o resultado final sonoro tem a ver com a acústica do espaço, tem a ver com o material, tem a ver até com partes da gravação que eu não sei como é que vão funcionar. Acaba por ser uma procura pela fisicalidade do som. Uma procura geral, tendo uma visão mais holística das coisas. Quando eu faço instalações, penso imenso na localização das obras, na iluminação, na acústica, se tenho uma obra numa sala e outra noutra. Não faço isso ao calhas, para mim todos os elementos da exposição são importantes.

As obras de que mais gosto são aquelas em que [diferentes] elementos estão lá a cumprir várias funções. Para o público, não me importo que venham pessoas ver as obras e estejam mais interessadas em esculturas, outras mais interessadas no som, outras com preocupação mais conceptual. O público é completamente livre. Na exposição [de Coimbra], há uma peça de cortiça queimada em rotação, com vários elementos que se contaminam. A casca ardeu naturalmente, é uma árvore que tem função muito importante na floresta para travar a progressão de incêndios.





Tem um lado conceptual e simbólico, a transformação do material, que influencia a estética da peça e o som, porque a textura é completamente diferente. Há também a questão do odor. A rotação é a parte simbólica, mas também fundamental para a leitura sonora do objeto.

Falaste do som como material de afecto e com capacidade de modificar o espaço. De que forma se revelam essas características?

Para mim é importante, pelo menos quando estou a produzir obra, libertar de considerar-me um artista sonoro, ligado à sound art. Isto acaba por acontecer naturalmente, ao ser programado em festivais, em conteúdos de arte sonora. Mas vejo o meu trabalho de forma diferente. Há muito pessoal com trabalho incrível, mas que trabalha apenas com reprodução de áudio através de colunas, tem apenas esse interesse em mente. [Já eu] tenho poucas obras com colunas áudio.

Arte sonora é muito mais invasiva do corpo físico do que qualquer expressão no espaço. Existe um impacto físico nos corpos, muito mais pronunciado do que com outras opções escultóricas. Se a escultura é de facto sobre a fisicalidade, sobre o corpo, todas essas coisas, então o som tem um papel brutal na maneira como essa interação acontece. Pessoas com perda de audição que vão a concertos para sentir as vibrações graves, que se colocam junto à peça [exposta], porque sentem o corpo a vibrar. Cria uma relação muito mais dinâmica com o público, porque a maneira como experiências a exposição depende das opções que se fazem. É um dos poucos elementos na arte contemporânea que dá mais importância ao espectador, porque em o som vai ser diferente conforme o ponto da sala, o impacto no corpo será diferente, vai depender da acústica da sala, do corpo [do observador]. Acho isso bastante bonito porque existem tantos textos teóricos que falam na necessidade de envolver o espectador, mas depois existem exposições em que as peças são inacessíveis, e as pessoas nem sabem muito bem como circular.

Tens instalações com ultrassons, de frequência não audível ao ouvido humano. Não se ouve, mas existe energia acústica.

Todos os animais têm uma frequência auditiva própria. Nos seres humanos vai dos 20Hz até aos 20 mil Hz. Abaixo e acima desse espectro existem imensas fontes sonoras, só que não as ouvimos. Os elefantes, por exemplo, comunicam abaixo dos 20Hz. [Uma das peças] foi criada este ano porque estou a fazer um projeto com pessoas surdas no Porto. O termo surdo tem mais a ver com a tua perda auditiva ter ou não influência na tua percepção da fala. Mesmo as pessoas com uma perda bastante acentuada, conseguem sempre ouvir, sentir os graves e depois começa a entrar numa dinâmica que não sabes se estás a ouvir, porque os graves precisam de maior pressão acústica, precisam de mais energia. Sentem-se essas frequências no corpo.

Existe a vertente de trabalho o som para além do espectro normal, entendendo-o como um fenómeno físico não restrito ao ouvido. Tenho tentado perceber com algumas pessoas com perda de audição o motivo delas estarem habituadas a dar mais importância ao sentir do som, ao sentir físico, e acabam por ter uma vantagem ao sentir a pressão acústica. A maior parte das pessoas, como tem audição total, não vão dar tanta importância a isso. [Algumas das peças expostas] usam frequências abaixo dos 20Hz, outras acima.

Uma das tuas obras é constituída por centenas de peças de madeiras umas em cima das outras, dispostas em mikado, num jogo de camadas.

Essa peça naturalmente desfaz-se. Existem duas forças em batalha, a gravidade, porque [as peças] são postas umas em cima das outras, não existe cola; e as frequências supergraves, que são captações de terramotos, som associado à destruição de estruturas a destruir uma estrutura. Às vezes a estrutura mantém-se, outras vezes cai uma peça para o lado. Inicialmente, a ideia da peça,

porque pensei nela para uma exposição muito longa, seria que ela eventualmente se desmoronasse. Mas as pessoas [começaram a recolocar] as peças, achei isso interessante. Também dou bastante valor às partes inesperadas do que acontece em exposições.

Estou mais interessado na transformação contínua que está a acontecer a tudo, mesmo aquela que é lenta e não consegues ver. a degradação, a transformação do tempo, tudo isso, acho que é o foco maior que eu vejo dentro da parte material das coisas, dentro da escultura. Vai um bocadinho de oposição àquilo que é a escultura tradicional. Acho mais interessante a decomposição que acontece às coisas, nada é estático.

É curioso o teu processo de estudos de campo, com gravações em paisagem. E foste à procura de um som muito específico de um vento inglês.

Começou com uma peça para um festival em Winnipeg, no Canadá, o Cluster: New Music + Integrated Arts. Queria fazer algo com as características daquele lugar e Winnipeg atinge -30oC. Fiz uma peça que era um círculo de gelo com quase 2 metros de diâmetro, com microfones dentro do gelo. Era uma peça efémera, com 8 a 10 horas para derreter [na totalidade].

A partir desse festival houve uma série de residências em sequência no Saara e no Brasil, onde aprimorei este tipo de trabalho, de fazer algo específico ao local. Estive numa residência de 6 meses em Inglaterra, onde fiz vários projectos. Havia um meteorologista que tinha um interesse muito grande num vento, quase folclórico, porque tem nome. Conta-se até que, quando o vento vem na sua força plena, arranca tudo e voam velhas. Tem a parte científica e a indumentária folk. Para gravar aquele som, peguei nos diários dele, fui aos sítios onde costumava ir e tentei captar [o vento]. Criei uma espécie de instalação, um cabo de aço, para gravar o som daquele vento. Essa ideia de utilizar uma corda para captar ventos muito fortes, é algo que tenho repetido. Fiz no Saara para captar uma tempestade de areia, depois usei-a em Inglaterra e, mais recentemente, usei o mesmo método num dos pontos mais altos do Gerês, já que faço parte de uma associação, a Rural Vivo.

Estás a fazer alguma pesquisa sonora em Portugal?

Não, tive um ano com muitas exposições e já não faço trabalho de pesquisa há algum tempo. O que acaba por acontecer é que faço trabalho de pesquisa e não me preocupo com exposições, com o que vai sair dali, [dessa pesquisa]. Estou num ano de pegar em material antigo e de criar obra a partir disso.

Carlos Nogueira
Galeria Brotéria
Rua São Pedro
de Alcântara 3
Lisboa (Chiado)

→ 18 de Novembro

CARLOS NOGUEIRA

DENSIDADE E MEMÓRIA

Raios de luz despontam de um pequeno rectângulo, fixado a uma das paredes brancas, existentes na galeria Brotéria. A peça densidade e memória, 2023-2024, disposta ortogonalmente, revela-nos duas faces. De um lado, protegida por duas lâminas de vidro, ostenta uma correspondência com alguns dizeres, escritos à mão pelo artista, aparentemente desalinhados; do outro, um céu, descobre-se, num inequívoco azul, enleado por uma fileira de nuvens, recortadas.

Uma profusão de raios e sombras entrecem, enlaçam os seus destinos, e irradiam ao longo da parede. Há todo um “arco-íris” que também concorre nesta explosão de tiras de luz (que despontam no plano), sugerindo as paredes de uma casa, ou o esgar de uma porta que permaneceu suavemente aberta, e deixou, entretanto, entrar uma nesga de claridade. Ou ainda, o entendimento do que pode estar a acontecer do lado de lá. Existe toda uma interioridade. Primeiro vislumbra-se a peça, depois o olhar é impelido a descrever um arco no espaço, em busca de mais estímulos. É-se, subitamente, arrebatado por uma inesperada penumbra, que adensa, e revela, afinal, uma sala vazia. A lenta adequação do olhar,

dá lugar a um tombo, que vertiginoso, aquiesce diante o desconcerto. Como uma dor fantasma. Era ORTEGA e GASSET que dizia que a experiência estética se resumia, por vezes, a um exercício óptico, a uma constante acomodação ocular.

A exposição, densidade, e memória, de CARLOS NOGUEIRA, dá continuidade ao trabalho que tem empreendido em torno dos opostos, como a luz e a sombra, a simplicidade e a transformação¹, e que pode ser presenciado através, primeiro 1) do cuidado que revela em dispor, sobre a parede, um pequeno objecto que irradia luz, em contraste com uma sala ampla, escura, que se descobre vazia, 2) no anseio em comunicar com clareza, 3) na intencionalidade em escolher o que não se quer dizer.

No entanto, a luz, é reveladora de espaços. A luz, ou o fogo, como entenderia Éfeso: o fogo transformador de todas as coisas. A luz, como a veria PLATÃO, na *República*: “ainda que exista nos olhos a visão, e quem a possui tente servir-se dela, e ainda que a cor esteja presente nas coisas, se não lhes adicionar uma terceira espécie, criada expressamente para o efeito, a vista nada verá, e as cores serão invisíveis.”²

Na segunda sala, de configuração trapezoidal, alinham-se, à direita, 14 molduras em ferro, paisagem de mandar, 1980, contendo composições monocromáticas que vão variando a inclinação, da primeira à décima quarta.

Cobertas de esmalte negro, espelham o rosto de quem se posicionar diante. O mesmo (rosto) vai desaparecendo, e esfumando em memórias, como se estivesse a erguer a cabeça, em direção à luz, em direção ao céu? Um apontamento sobre o perecível, o transitório. Evocando, em simultâneo, a metáfora do progresso e da racionalidade, as diversas versões da modernidade, como diria NICOLAS BOURRIAUD, a centelha das progressões matemáticas, o reducionismo, as dores fantasma, (mais uma vez), evocando SOL LEWIT e as *Variations of Incomplete Open Cubes*, 1974.

texto —————→ Carla Carbone

¹Grau, C (2022) mais desenhos de casas para ti. (11/03/22 a 30/04/22). Folha de sala da exposição. Galeria 3 + 1

²Platão (2023) A República. Fundação Calouste Gulbenkian. Pág. 306





JOSEPH CESAR

@joseph_cesar_music

entrevista —————> Patrícia César Vicente



Olá Zé, temos um novo single “Até ao fim” lançado agora em Novembro. És tu que escreves, compões ou só interpretas?

Como é que começaste a cantar, e como é que foi o teu percurso?

Cantas em português, inglês e vives em Paris. O teu estilo é mais Pop/Rock. Quais são as tuas referências musicais? E qual é a tua inspiração?

Como vês o panorama musical, e porque é que achas que é tão difícil um músico ou qualquer outro artista viver só da sua arte?

Achas que é em 2025 que vamos ter um novo cd teu?

Se pudesses pedir um desejo, apenas um desejo para a tua carreira musical, qual seria?

A arte não implica esforço, talvez o esforço seja toda a vida que temos de viver para fazer arte. Concordas?

JOSEPH CESAR, vive, compõe e canta há alguns anos em Paris. Inicia o seu percurso a cantar em inglês, mas a 1 de Novembro sai o seu primeiro single em português do segundo álbum “Até ao fim”. Nesta entrevista compreendemos melhor o percurso de quem tem continuado sempre em frente, na direção dos seus sonhos. E a vida tem curvas, altos e baixos, mas depois também tem esta parte: a de poder criar tudo aquilo em que acreditamos.

Sou autor compositor e intérprete. Escrevo, componho e interpreto todas as minhas músicas. No que respeita a produção musical, sou eu e o meu produtor LIONEL RENAULT que realizamos em estúdio e por vezes com outros músicos convidados desde o meu primeiro álbum.

Já cantava na minha adolescência em França mas comecei realmente a cantar quando voltei para Portugal e formei minha primeira banda em Chaves chamada PLASTIC SOUL em 2001/2002. Voltei para França em 2006. Decidi seguir uma carreira a solo e comecei a escrever e a compor as minhas músicas que fizeram parte do meu primeiro álbum lançado oficialmente em 2016.

A maior parte das minhas músicas são em inglês porque fui sobretudo influenciado pelo rock americano e britânico (grunge, rock alternativo, punk rock) mas sempre tive interesse por outros estilos musicais. Ultimamente decidi cantar na minha língua materna. Criar uma música em português não é fácil e leva o seu tempo, mas graças ao trabalho e dedicação penso que consegui um bom resultado.

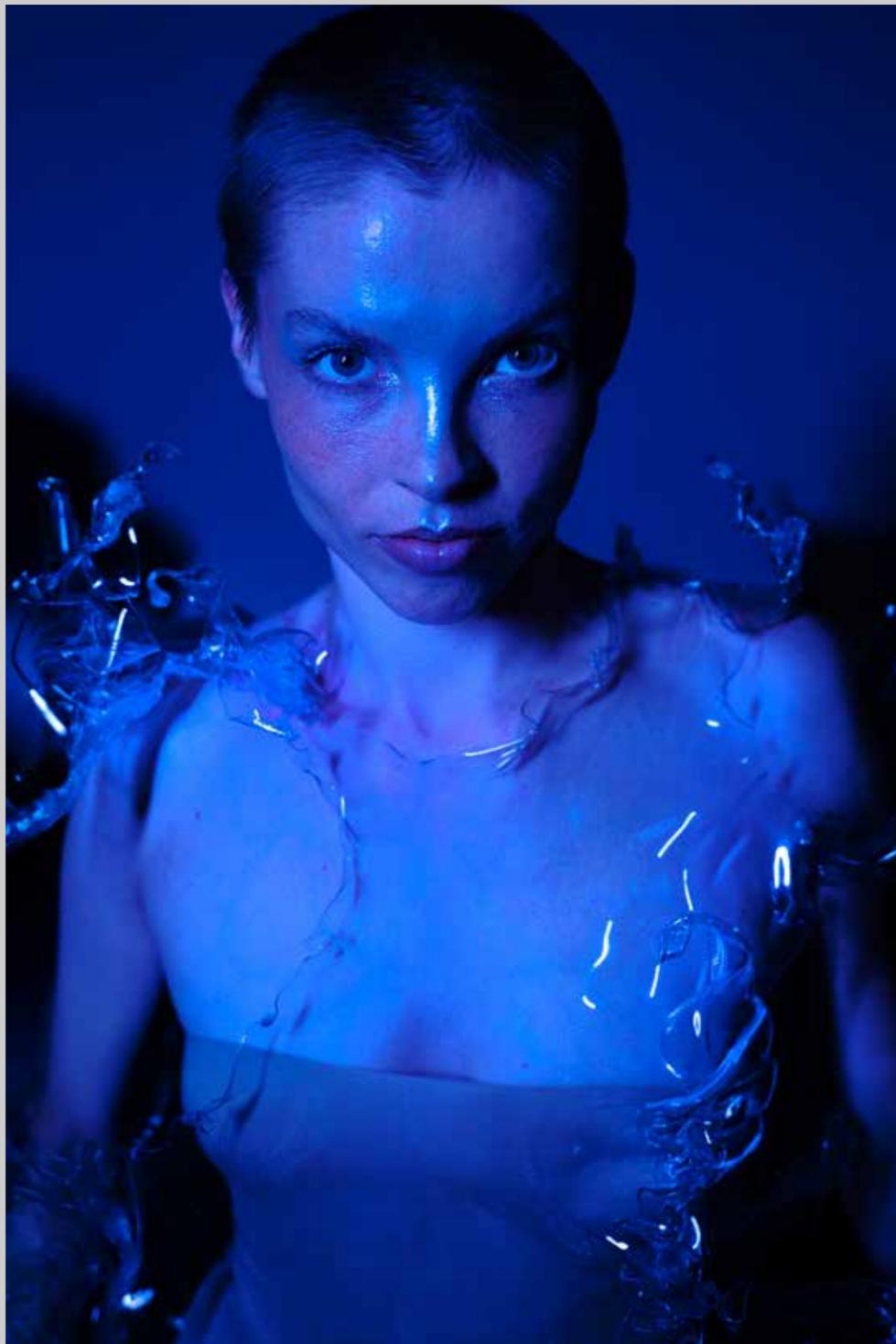
Em relação ao panorama musical, penso que a maior dos artistas que não tenha uma editora ou um agente por trás, não se safa e acaba por abandonar. Hoje em dia, a maior parte lança singles porque praticamente as pessoas já não ouvem um álbum inteiro como antigamente. E vai tudo muito rápido. Os artistas ou as bandas que lançam um álbum já são conhecidos a nível nacional ou internacional e tem todos os apoios necessários. Por experiência própria, é complicado seguir uma carreira quando não tens as boas pessoas ao teu lado e apoio financeiro. E claro que lançar um álbum sem estas condições é como um peixe no meio do oceano. Nunca serás destacado.

Eu estou a gravar o meu segundo álbum. Já tenho 8 músicas gravadas contando com os 3 singles que lancei desde 2022. E claro que mais uma vez é preciso tempo e dinheiro para poder realizar um álbum. Espero em 2025 poder acabar este segundo álbum, mas sobretudo encontrar uma editora que possa editar e distribuir este trabalho. Atualmente o CD praticamente não se vende ou muito pouco por causa das plataformas digitais. Por mim gostava de lançar o álbum em vinil porque acho que voltou novamente ao mercado e tem um formato especial.

O meu desejo para a carreira musical é sobretudo encontrar uma editora ou um agente que aceite e aprecie o meu trabalho e que possa editar, divulgar e promover a nível nacional e internacional e claro fazer uma tournée em Portugal, França ou pela Europa.

Sim, depende. Por exemplo na música, quando fazes um concerto tens que estar preparado fisicamente e por outro lado exige bastante técnica. Mas também podemos ver as coisas de outra maneira, ou seja, eu acho que a vida é uma luta e um esforço constante para nos sentirmos bem e ultrapassar obstáculos e é isso que me leva a fazer música muitas vezes para exteriorizar os problemas da vida. A minha música é o reflexo de momentos e situações vividas ao longo do tempo e é aquilo que realmente gosto de fazer na vida. A minha vida seria um vazio se não fizesse música.

Com propostas experimentais tanto nas formas como materiais e técnicas, LAURA SOUSA, ainda estudante de mestrado é um nome a ter em conta entre os jovens portugueses designers de moda. As suas criações já vestem figuras públicas, são apetecidas para editoriais de moda, tudo boas razões para sabermos como é que uma, ainda, estudante de mestrado recebe um convite para Fashion Scout que acontece na Fashion Week de Londres.



fotografia
mua
modelo

Márcia Simões
Ana Rocha Pereira
Anna Whittlestone

Então primeira pergunta . No ano passado foste selecionada para o Fashion Scout que acontece na Fashion Week de Londres. Como é que isso aconteceu e como foi a experiência?

A tua peça apresentada intitula se forms of water. É uma peça com um apelo orgânico constituída por uma forma e material curioso. Podes falar um pouco do processo criativo e do resultado?

Quanto tempo demora a criar uma peça dessas? Que meios estão implicados?

Já que estás tanto a falar do auxílio tecnológico, o quanto as tuas peças dependem do teu conhecimento tecnológico. as novidades tecnológicas desafiam-te a criar peças?

Estamos a falar de peças que crias, fazer um desfile é algo sem interesse para a tua geração?

Na tua experiência quais tem sido as tuas melhores ferramentas de divulgação do teu trabalho?

Quando estava a desenvolver o meu projeto "Forms of Water" publiquei um vídeo no atelier a montar e mexer a peça num manequim. A peça parecia que tinha um movimento muito semelhante ao de uma bolha de sabão e achei que seria interessante partilhar. Coloquei esse vídeo no meu instagram e alguém viu e encaminhou para a página KNXT (uma página de instagram com muito alcance e que publicita o trabalho de vários designers a nível internacional). O vídeo tornou-se popular na página chegando rapidamente às 60mil visualizações o que gerou imenso tráfego na minha página, recebi muitas mensagens de pessoas da indústria inclusive da Fashion Scout que me pediram para partilhar o vídeo (que teve depois meio milhão de visualizações!), convidaram-me logo a expor a peça durante o evento deles na London Fashion Week (Fevereiro de 2024). Primeiramente até recusei porque não tinha a peça comigo e era muito em cima da hora mas depois pensei melhor e decidi aceitar. Foi uma loucura porque faltava menos de duas semanas para a London Fashion Week e eu tinha acabado de voltar de LA e deixado a peça lá para outro stylist. Portanto foi uns dias de correria a refazer a peça de raiz, encaixá-la numa mala e seguir viagem.

O meu trabalho de design é muito experimental e esteve sempre relacionado com manipulação têxtil, tanto em textura como em volume. Gosto da ideia de pegar num material e brincar com as suas propriedades para chegar a resultados inesperados e inovadores. Muitas vezes eu não antecipo o resultado dos meus designs, o resultado parte de uma brincadeira com o material, aliás várias brincadeiras e no final eu escolho só a melhor delas todas. Esta peça foi feita numa espécie mais resistente de acetato e cortada inteiramente com corte a laser, a forma como é cortada permite-lhe ganhar uma estrutura orgânica quando é criada tensão em certos pontos.

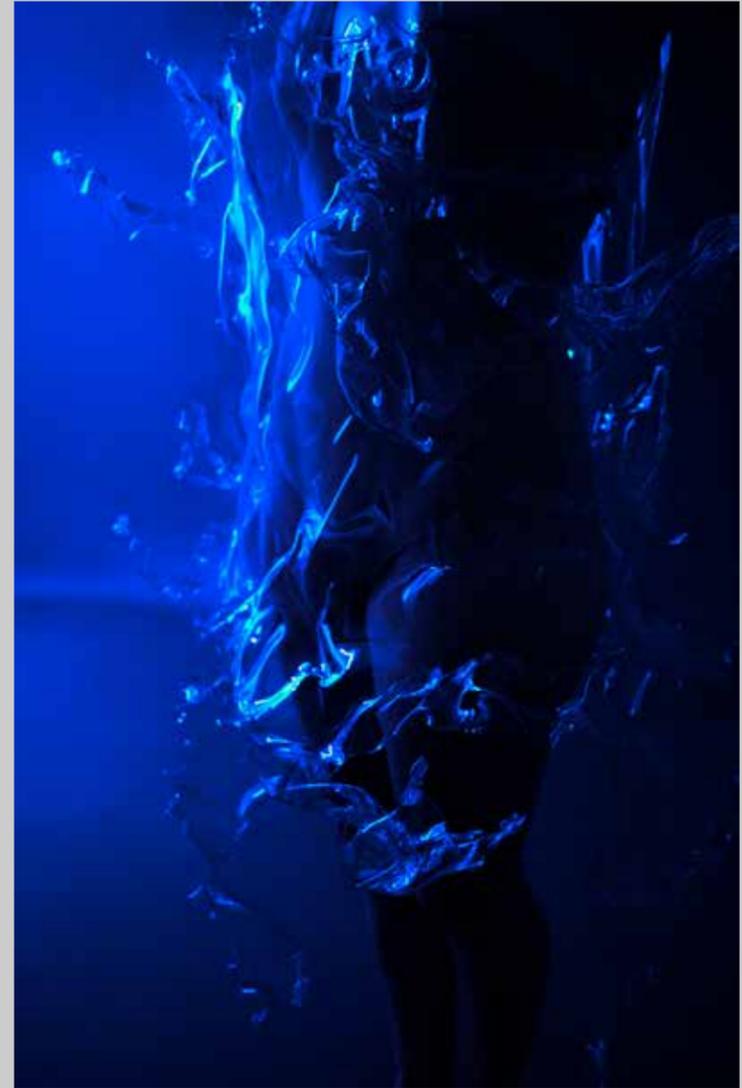
No caso particular da peça "Forms of Water" eu criei em desenho vetorial as peças para serem cortadas a laser e montadas como um puzzle 3D. Cortar as peças todas são umas horas e montar umas quantas horas também. Não demora muito. Todos os testes e experiências para chegar ao resultado final é que demoraram muito tempo, cerca de 2/3 meses.

Depende da peça, no caso das peças que crio com corte a laser tenho de dominar um programa de vetores e estudar os materiais e as suas propriedades. Nem todos os materiais podem ser cortados ou se comportam da mesma forma. O que realmente faz o efeito visual das peças tem mais a ver com o meu processo experimental aliado a uma tecnologia que permite um resultado ultra preciso e que me obriga a arquivar o processo digitalmente e evoluir sempre como uma "investigação".

Fazer um desfile como eram feitos há 30 anos atrás deixa de fazer sentido numa geração presa a estímulos rápidos e cuja a atenção é difícil de cativar. Acho que é importante haver um momento. Esse momento é desenhado pelo designer ou pela sua equipa, e deve ser uma continuação da narrativa da marca/designer. Pode ser em forma de performance, desfile ou outra forma que faça parar o tempo para mostrar uma coleção.

Relações humanas e redes sociais e aliar isso a colaborações com outros criativos com um trabalho interessante. A moda é um trabalho muito colaborativo e que para ser excepcional tem de unir muitas forças.







Olá Constança, em primeiro lugar vou esclarecer os leitores da Parq de que somos amigos e de que trazemos uma certa descontração a esta conversa que é justificada pela nossa proximidade. Em segundo lugar, estás boa?

Ótimo, obrigado. A tua marca, Erelisbon tem ganho um destaque cada vez maior na internet e na vida das pessoas. De onde surgiu o teu interesse em joalharia?

Podemos dizer então que as jóias foram algo que te acompanharam sempre?

Há quanto tempo é que tens a tua marca? O que é que tens aprendido?

E começaste logo a criar desenhos originais?

Paciência, a literatura também desafia a minha. Quais são os materiais que mais gostas e porquê?

Não fazia ideia, mas talvez comece a usar essa informação em conversas. Quais são as tuas principais inspirações?

Então e celebridades, há alguma que te dê altas coordenadas estéticas?

Olá amigo, estou bem e tu?

Desde pequenina que os meus pais me rodearam de coisas bonitas e interessantes, entre elas a joalharia. Tenho memórias de o meu pai oferecer uma peça à minha mãe em momentos importantes e também de a minha mãe comprar pedras preciosas para fazer as suas próprias criações.

Ao longo do meu crescimento tive estilos diferentes, mas as jóias foram sempre uma constante, em diferentes estilos e feitios eram essas peças que sentia que transpareciam a atitude que queria mostrar ao mundo. Acredito que isto tenha tido impacto para anos mais tarde me dedicar a este mundo das jóias.

A ERELISBON foi criada em 2021 quando senti que a minha carreira em marketing não preenchia o suficiente a minha veia criativa e precisava de um meio para me expressar.

Comecei a produzir peças em aço e ao fim de um ano passei para prata e ouro que permitem posicionar a marca num patamar mais interessante. Todo este processo fez-me aprender a ser mais paciente, uma característica que não me é muito natural, mas que é muito necessária no mundo da joalharia, onde tudo leva o seu tempo.

Tantos, mas sobretudo gosto de materiais na sua cor natural, prata prateada, ouro dourado, etc. Também sou apaixonada por pedras e aí começa um outro mundo de materiais apaixonantes, entre eles diamantes pretos, tanzanites, rubis, e tantos outros. Sabias que uma tanzanite é ainda mais rara que um diamante?

Depende muito das colecções, mas diria que neste momento os objectos do nosso quotidiano e como lhes podemos dar um twist e transformar algo banal em algo muito especial como uma jóia. Mas claro também vou buscar constante inspiração a tudo o que me rodeia, seja a mim, ao meu companheiro, amigos, família ou viagens. Devemos absorver tudo e depois filtrar para ir ao encontro do que imaginamos.

Sim, posso acrescentar KANYE WEST, MARGIELA, REI KAWAKUBO, MICHELE LAMY e todos os que não têm medo de criar fora do que a sociedade espera.



Por falar nisso, muito fixo teres conhecido a MICHELE LAMY no concerto do TRAVIS SCOTT. Trabalhas sozinha ou achas que joalheria pode ser colaborativa?

O que é que torna as tuas peças únicas num momento em que joalheria é uma tendência cada vez mais omnipresente?

E por falar em conversas iniciadas, há uma que me interessa muito, a da Sustentabilidade. Sei que tens preocupações com isso, como é que a integras na tua marca?

Assim sim. E o que te levou a ires fazer a campanha da marca para Nova Iorque com a MARIA RITA?

Para acabar, um conselho prático. Tens algum conselho sobre como devemos tratar as nossas jóias?

Joalheria tem que ser colaborativa, uma marca de jóias é um trabalho de equipa, não conseguimos fazer nada sozinhos. Sem o meu joalheiro, as fábricas onde produzo, a minha equipa das sessões fotográficas, o meu companheiro com quem faço constantes brainstorms, seria impossível ser um one women job.

Acho que as peças da Erelisbon são intrigantes e, algo que me agrada muito, é que são peças que iniciam conversas.

Uma coisa muito importante para mim foi centralizar a produção da ERELISBON o mais perto possível de mim. Todas as peças são produzidas entre Lisboa e o Porto. Para além disso, procuramos usar prata reciclada em todas as peças e minimizar o desperdício.

A última colecção da ERELISBON foi inspirada nos Yuppies de NYC e o seu universo de objectos do quotidiano, dentro desses mesmos objectos está certamente uma caneta BIC com a tampa mordida e foi isso mesmo que quis trazer para esta colecção. Fez todo o sentido para nós ir para o território que serviu de inspiração para a nova colecção, mais precisamente Wall Street e fotografar lá. Não poderia ter escolhido melhor fotógrafa e parceira de aventuras.

Sim, vivê-las. Mas, o meu joalheiro pediu para dizer para não colocar perfume sobre as vossas jóias.



Estava a fazer isso mesmo, Constança. Muito obrigado pela conversa, desejamos tudo de bom para ti e para a tua marca.

entrevista → Alex Couto
fotografia → Maria Rita

SANGUE NOVO

Todos os anos em Outubro durante a Lisboa Fashion Week, desfilam os seleccionados ao *Sangue Novo supported by Seaside* e no final são anunciados os cinco finalistas que competem aos prémios *ModaLisboa x IED - Istituto Europeo di Design e ModaLisboa x RDD Textiles*. Os finalistas são: DRI MARTINS, DUARTE JORGE, FRANCISCA NABINHO, GABRIEL SILVA BARROS e IHANNY LUQUESSA que quisemos conhecer melhor lançando um conjunto de perguntas sobre a coleção que apresentaram e a sua condição de jovens designers de moda

IHANNY

@ihannyluquessa

LUQUESSA

IHANNY LUQUESSA, nascido em Angola, embarcou em uma jornada para Portugal em 2020, para perseguir a sua visão artística. Formou-se em Design de Moda pela ETIC – Escola de Tecnologias, Inovação e Criação. O seu trabalho é uma ousada exploração de formas com uma abordagem experimental. Ihanny desconstrói peças de roupa tradicionais, reinventando-as com uma criatividade sem limites. Impulsionado pela sua paixão pela arte, performance e Moda, criou recentemente o projeto “*The Art of Seeing*”, que transcende as fronteiras da arte, moda e identidade, colocando-as numa narrativa singular.

O que representa para ti passares para a segunda fase do *Sangue Novo*?

É uma oportunidade de desenvolver ainda mais minha visão criativa e compartilhar minha perspectiva com um público mais amplo. Além disso, é a chance de me conectar com outros profissionais e outros criativos, expandindo o meu conhecimento.

Qual foi a inspiração da coleção apresentada?

A inspiração da coleção foi o silêncio que existe na minha cabeça, e até que ponto podia abraçar este mesmo silêncio.

O que esperas do teu país enquanto jovem designer?

Enquanto aluno da vida e do design, espero que as pessoas do meu país vejam a moda como uma forma de arte, um reflexo da nossa identidade, cultura e alma coletiva. Sonho com um país que valorize a expressão artística como algo essencial, que veja o trabalho criativo como um espelho que nos ajuda a entender quem somos e quem podemos ser.

E espero também que o país acolha e incentive os sonhadores, aqueles que ousam desafiar fronteiras e propor novas narrativas.

Quais são os planos para o futuro?

Continuar a explorar e expandir minha linguagem de design, e continuar a aprender com todas as pessoas que me rodeiam.

O que significa para ti “*Singular*”?

É um convite para olhar para dentro e ter a coragem de ser fiel à própria visão e expressá-la.





DRI

@drimadedream

MARTINS

DRI MARTINS, natural do Porto, formou-se em Design de Moda na ESMOD Paris, onde se especializou em artes e performance. Durante a sua formação, descobriu uma paixão pela tecnologia 3D, a qual passou a ser uma componente fundamental do seu trabalho. Utilizando essa tecnologia, DRI MARTINS cria peças que desafiam os conceitos convencionais de Moda sustentável, refletindo uma abordagem futurista. A designer procura, assim, redefinir o Design de Moda, promovendo um equilíbrio entre inovação e responsabilidade ambiental.

O que representa para ti passares para a segunda fase do *Sangue Novo*?

Passar para a segunda fase do *Sangue Novo* é um reconhecimento importante e uma motivação para continuar a evoluir. Representa a oportunidade de partilhar mais da minha perspetiva sobre moda e inovação e continuar a crescer como designer.

Qual foi a inspiração da coleção apresentada?

“*Tal Ingenuidade*” explora uma visão onde a natureza não é vista como separada do progresso, mas como algo que pode coexistir nas estruturas que criamos. Cada peça da coleção, desde os moldes até à joalharia, foi desenvolvida com 3D, minimizando desperdícios. Embora o conceito não seja novo, esta coleção reflete a minha visão pessoal de um futuro inovador e sustentável.

O que esperas do teu país enquanto jovem designer?

Enquanto jovem designer, espero que o meu país continue a valorizar e a criar iniciativas como o *Sangue Novo*, que oferecem uma plataforma fundamental para novos talentos. É motivador ver o reconhecimento da moda nacional e o incentivo à inovação e sustentabilidade no setor.

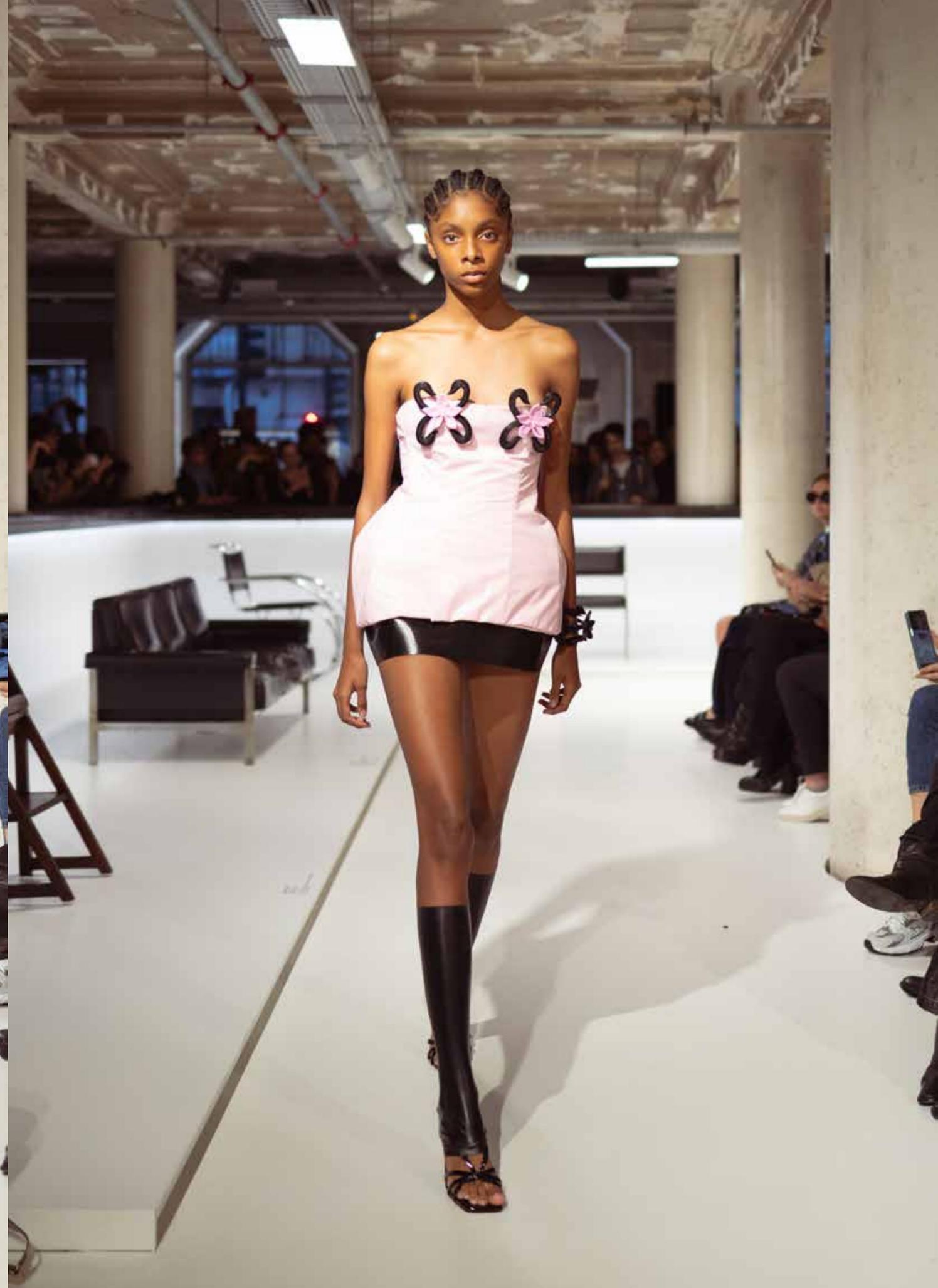
Quais são os planos para o futuro?

Os meus planos para o futuro passam por continuar a explorar a interseção entre tecnologia e sustentabilidade. Acredito que a moda deve ter um impacto além da estética, e é isso que quero continuar a perseguir: criar com intenção, integrando novas tecnologias e abordagens.

O que significa para ti “*Singular*”?

Para mim, “*Singular*” significa algo que vai além da estética, um propósito! É o valor de cada peça como um reflexo único de uma ideia ou visão específica, tornando-a distinta.





SANGUE NOVO FRANCISCA NABINHO

@franciscanabinho_studio

O que representa para ti passares para a segunda fase do *Sangue Novo*?

Qual foi a inspiração da coleção apresentada?

O que esperas do teu país enquanto jovem designer?

Quais são os planos para o futuro?

O que significa para ti "*Singular*"?

FRANCISCA NABINHO vive e trabalha em Lisboa. Com formação em Design de Comunicação e licenciada em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, encontra-se atualmente a finalizar o mestrado em Design de Moda na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Durante o seu percurso académico, estudou em Itália e realizou um estágio em Copenhaga, com as marcas THE GARMENT e DESIGNERS REMIX.

As artes plásticas e a natureza são influências centrais nas formas e padrões que cria. A designer dedica-se à pesquisa e integração de materiais naturais no seu trabalho, sempre em harmonia com os temas e conceitos dos seus projetos

Representa uma conquista pessoal e profissional e uma responsabilidade. Ser uma das 5 finalistas é, para mim, um reconhecimento do trabalho intenso e das ideias que tenho vindo a explorar. Esta é uma plataforma muito especial e importante para jovens designers em Portugal, e poder continuar no concurso traz-me uma grande motivação para continuar a evoluir e dar mais visibilidade ao meu trabalho.

A coleção "*Vagar*" inspira-se numa reflexão profunda sobre o ritmo acelerado da vida atual e sobre a importância de apreciar o tempo. O próprio nome da coleção, "*Vagar*", sugere esta necessidade de abrandar, fruir e de nos dedicarmos a processos mais lentos. Para mim, "*Vagar*" não só reforça a importância de criarmos com tempo e propósito, mas também coloca em destaque técnicas sustentáveis e demoradas. Trabalhei com tecelagem manual e criei cristais de sal para trazer brilho natural às peças, rejeitando materiais sintéticos. A estética e os materiais inspirados no mar refletem a busca de harmonia e calma onde nada é imediato. Cada peça tem uma história e tempo investido, o que traduz o conceito de moda sustentável de forma íntima e artesanal.

Enquanto jovem designer, espero que Portugal continue a investir no futuro da moda sustentável e que valorize o design como parte fundamental da nossa cultura e economia. É importante que o nosso país crie oportunidades para que designers emergentes possam explorar as suas ideias e desenvolver projetos inovadores. Vejo muito potencial em Portugal para ser um polo de inovação e sustentabilidade na moda. Acredito que a cultura e o talento jovem em Portugal merecem mais reconhecimento e apoio.

Para o futuro, pretendo continuar a explorar as vias da sustentabilidade e da inovação no meu trabalho. Quero aprofundar a pesquisa de materiais naturais e sustentáveis, e desenvolver uma linguagem estética que una as minhas influências artísticas com as preocupações ecológicas. Pretendo também solidificar a minha marca, que iniciei experimentalmente há dois anos. A longo prazo, gostaria de contribuir para uma moda que respeite o planeta e ofereça uma visão alternativa à fast fashion, com uma abordagem autêntica, sustentável e ligada aos processos e técnicas artesanais.

Para mim, "*Singular*" representa a autenticidade e a capacidade de criar algo único, que reflete a individualidade do designer e do processo criativo. "*Singular*" é também a busca constante por uma expressão própria, que se destaca pela sua originalidade. "*Singular*" é não seguir tendências.





SANGUE NOVO

DUARTE VAZ JORGE

@hellabuv

O que representa para ti passares para a segunda fase do *Sangue Novo*?

Qual foi a inspiração da coleção apresentada?

O que esperas do teu país enquanto jovem designer?

Quais são os planos para o futuro?

O que significa para ti "*Singular*"?

DUARTE VAZ JORGE é um jovem designer de moda natural de Lisboa. A sua curiosidade pela exploração criativa, levou-o até à Escola Artística António Arroio, onde se especializou em têxteis, tendo posteriormente ingressado na licenciatura em Design de Moda e Têxtil na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART). Atualmente, está no 2º ano do Mestrado na mesma área. Complementarmente, tem vindo a explorar as suas competências em áreas como a modelagem digital (com o CLO3D). As suas criações refletem um estilo alternativo, arrojado e sustentável, com uma paleta cromática dominada pelo branco e preto, que são marcas distintivas do seu trabalho.

Para mim, o ter passado para a segunda fase do *Sangue Novo* representa uma oportunidade fantástica de voltar a desafiar-me e de aprender mais e mais...e aprender com quem é do meio e tem experiência nacional e internacional é, de facto, um privilégio. Espero vir a conseguir surpreender o júri... e a mim mesmo. Representa igualmente a prova de que quando queremos muito uma coisa, e trabalhamos para isso, tudo é possível.

A coleção '*Tiangou*' é inspirada no teatro das sombras chinesas, sendo uma expressão artística da lendária entidade chinesa do mesmo nome que, segundo a tradição, pode devorar a lua, causando um intrigante eclipse lunar. Essa inspiração foi cuidadosamente explorada através da paleta de tecidos predominantemente pretos e brancos, expressão de luz e sombra. As silhuetas distorcidas nas peças evocam a misteriosa presença de Tiangou, proporcionando uma impressão única que estimula a imaginação. A coleção captura a magia do que poderia ser vislumbrada num quarto escuro, por exemplo, a partir de uma cadeira cheia de roupa. À medida que '*Tiangou*' progride, alcança-se o ponto de um eclipse total, onde apenas as silhuetas das peças permanecem e a luz já não se encontra presente. Daí o ter utilizado tecidos como o Musou Black Fabric Kiwami, um tecido capaz de absorver 99,9% da luz visível, representando um avanço na indústria têxtil. Para criar '*Tiangou*' também utilizei Piñatex da coleção de metálicos e de minerais, retratando a misticidade tratada na lenda. É um tecido feito a partir das folhas de abacaxi, sendo uma alternativa sustentável ao couro, material das quais as figuras chinesas são feitas.

Enquanto jovem designer, desejo que o meu país continue a acreditar, apoiar e promover talentos emergentes, como faz a ModaLisboa com iniciativas como o *Sangue Novo*. Acredito que a arte, incluindo a moda, é uma linguagem incontornável para o desenvolvimento sustentável do nosso país. É certamente um caminho com percalços, dificuldades, mas belo e com impacto. É uma forma de projetar para fora uma imagem de um Portugal inovador, criativo e consciente.

No futuro, ambiciono abrir uma pequena loja onde possa dar a conhecer tanto a minha marca como a mim próprio. Quero partilhar as minhas ideias e pensamentos através das roupas. Além disso, tenciono continuar a desafiar-me com peças mais escultóricas, provocando a reflexão em torno do que é a norma e mantendo sempre um compromisso com a sustentabilidade. Embora este seja um tópico já muito falado, acredito que pode sempre ganhar mais relevância. O que mais desejo é sentir que estou a partilhar o que me faz feliz – o meu trabalho – com as pessoas.

Para mim, "*Singular*" significa ser único, disruptivo, ser eu. É o meu traço, a minha linguagem – desde o primeiro rabisco que fiz, ao que sou hoje e ao que serei amanhã. Cada indivíduo é singular, tem a sua singularidade, e cabe a cada um mostrá-la, nutri-la e transformá-la... em novas singularidades de si-mesmo. Este concurso representa, precisamente, uma possibilidade de explorarmos e apresentarmos as nossas singularidades através da produção.





SANGUE NOVO GABRIEL SILVA BARROS

@_gabrielsilvabarros

O que representa para ti passares para a segunda fase do *Sangue Novo*?

Qual foi a inspiração da coleção apresentada?

O que esperas do teu país enquanto jovem designer?

Quais são os planos para o futuro?

O que significa para ti “Singular”?

GABRIEL SILVA BARROS cresceu na Ilha da Madeira e estudou Design de Moda na Central Saint Martins e na Universidade de Westminster, em Londres. O designer combina influências ecléticas do passado e presente, criando silhuetas dinâmicas entre tradição e o não convencional. Apaixonado por artesanato, desafia normas de género através da construção de mundos e storytelling. Trabalhou nas marcas PALMER / HARDING e VIVIENNE WESTWOOD, e ambiciona introduzir uma perspetiva diferente no vestuário masculino, contribuindo para um futuro inclusivo. Procura reviver a fantasia e exclusividade na moda.

Receber esta oportunidade no *Sangue Novo* é uma experiência incrível para todos nós, como jovens designers portugueses. Este tipo de apoio é muito encorajador nas etapas iniciais das nossas carreiras; sentimos que a indústria nos vê e ouve. Há um novo senso de comunidade, e é muito empolgante! Sinto-me nas nuvens por fazer parte da família *Sangue Novo*! Representar a nossa cultura Portuguesa é muito especial para mim, e continuo a explorá-la através do meu trabalho. Encontrei o lado positivo do que nos faz portugueses, a beleza preciosa de quem fomos e quem somos como uma nação. Estou a olhar para Portugal agora com uma perspetiva mais gentil. Percebi que o poder está em nossas mãos, como jovens criativos, de criar um futuro mais inclusivo para Portugal. Espero que as próximas gerações também possam sentir-se vistas e orgulhosas. Passar para a segunda fase do *Sangue Novo* representa para mim o poder de causar mudança. Estou incrivelmente orgulhoso de todos nós!

A coleção “*Masquerade at the Gentlemen’s Club*” inspira-se numa mistura fantástica de surrealismo e drama teatral, evocando o charme caprichoso de um livro infantil entrelaçado com a profundidade das tradições folclóricas. Brinca com as fronteiras fluidas entre feminilidade e masculinidade, ecoando o espírito do cabaré dos anos 1920. Com foco em fluidez e movimento, antónimos ao estereótipo masculino, oferece uma fantasia escapista. O espírito de Peter Pan serve como uma força orientadora, com a Ilha da Madeira imaginada como a Terra do Nunca moderna, um lugar de imaginação ilimitada. A estética geral projeta a opulência e a excentricidade de uma festa surrealista de um Rothschild ou de um Grande Baile de Máscaras, misturando texturas e detalhes intrincados.

Espero que mais comunidades como o *Sangue Novo* surjam; Portugal tem muitos talentos à espera de reconhecimento e apoio. Desejo que haja mais incentivo para a indústria criativa, inspirando os novos talentos portugueses a desenvolverem as suas ideias e a sustentarem seus talentos no nosso país. Acredito que o país está pronto para acolher novos talentos e novas perspetivas!

Num futuro próximo, gostaria de me estabelecer em Portugal, um regresso a casa. Sou sonhador e espero que meu trabalho reflita isso. Sonho um dia poder transmitir as oportunidades e habilidades da mesma forma que aprender ao longo do caminho. Seja através de colaborações, trabalho, ensino ou até poder despertar uma nova perspetiva em outro criativo com o meu trabalho. Neste momento, estou focado em desenvolver minhas habilidades, minha linguagem de design e o meu mundo.

Singular é o efeito borboleta de cada pequeno detalhe na mudança. Isso nos lembra que somos todos um; todos podemos aprender das diferentes perspetivas uns dos outros.





Está de boa saúde a música portuguesa. Há muita gente nova a fazer bom som nos mais variados géneros. Em 2024 houve cinco nomes que vi ao vivo e que se destacam por trabalhos sólidos e frescos. Vamos numa viagem pelo afrotuga de Nídia com Valentina, passamos pelo hip-hop bem disposto do Conjunto Corona a caminho do free noise de Caceira. Terminamos na nova estrela Ana Lua Caiano, sem esquecer a cena avacalhada dos Unsafe Space Garden.

texto por

Hugo Pinto

COLHEITA 2024 NACIONAL

NÍDIA e VALENTINA



O afrotuga continua a dar bons discos anualmente. Este ano há NUNO BEATS, NIGGA FOX, DEEJAY VEIGA e KOLT. Tudo da editora PRÍNCIPE. A label alfacinha continua a dar pérolas aos distraídos. Mas este movimento global não cabe neste quintal da tugalândia. Cada vez mais há pessoas que, exclusivamente pela sua arte e engenho, merecem a atenção de artistas internacionais e de aí colaborações adivinham-se.

A NÍDIA é uma senhora artista. Nascida na margem sul e emigrada em França, NÍDIA deu nas vistas logo com o seu primeiro registo, NÍDIA é má, NÍDIA é fudida. Estávamos em 2017 e ela fazia suar as pistas de dança. Em 2020, duma assentada, lança o EP *S/T e Não fales nela que a mentes*. O primeiro é para dançar mas o segundo já se ouve em qualquer lado.

Começava aqui a notar-se a sua abertura a outras dimensões do género. Já não é exclusivamente música de dança, está mais aberta a outras BPM, o som é mais adulto, menos certinho, mais onze da noite que quatro da manhã. Em 2022 assisto a um DJ Set dela num fim de tarde da Gulbenkian e admiro a tenacidade. Num ambiente muito cool e familiar, ela borrifou-se para isso e fez um set durinho para quem queria dançar. Ser fiel ao género não é apregoar em entrevistas, é ser genuína contra a corrente. (Este ano lá voltou para a inauguração do Centro de Arte Moderna, curioso como ela cola tão bem com as vanguardas da Gulbenkian).

VALENTINA MAGALETTI é uma extraordinária percussionista italiana. Ela faz parte dos HOLY TONGUE e dos VANISHING TWIN mas é nas colaborações que ela brilha mais alto. Ainda o ano passado com ZANGAMIN fez um dos discos do ano, o magnífico *Suono Assente*. Ora, no último Setembro, saiu pela francesa LATENCY, o álbum de VALENTINA e NÍDIA chamado *Estradas*, indubitavelmente um dos discos do ano. Há afrotuga e há percussões esperatas. É música de dança para ouvir em qualquer lado. Faz bater o pé e mexer a alma.

Quando fui ao OUTFEST do Barreiro não sabia bem como funcionaria ao vivo mas foi uma agradável surpresa. O dúo entende-se perfeitamente, nunca se opondo nem sombreando.

Como chefe de máquinas, NÍDIA estava compenetrada, sempre atenta aos detalhes, para que nada falhasse. Já VALENTINA, a tocar de pé no meio de várias percussões, estava mais descontraída mas nem por isso descuidada e sempre a bater em qualquer coisa. Esta colaboração é, tendo em conta as BPM de NÍDIA, surpreendentemente orgânica. Sabem aquela conversa dos “ritmos ancestrais africanos muito tribais”? Em 2024 é por aqui que se encontram. A Europa e a África, os Clubs e o sofá. E acima de tudo, ritmo e tempo! Foi um concerto inesquecível, só a lamentar pela hora tardia.

COLHEITA 2024
NACIONAL

CONJUNTO CORONA



CONJUNTO CORONA é um duo de hip-hop alternativo nortenho. DAVID BRUNO e LOGOS andam nisto há mais de 10 anos, pintados com vários discos conceptuais, enrolados em dezenas de palcos, embriagados de sentido de humor em beats aprazíveis. DAVID BRUNO já é um nome maior da música portuguesa, uma espécie de MANUEL JOÃO VIEIRA séc. XXI. A solo recomendo o épico suburbano *Miramar Confidencial*.

LOGOS fez carreira nos RAIZ URBANA e em vários registos a solo. Quando os CORONA lançaram *Santa Rita Lifestyle* em 2021, eu achei que eles iam rebentar. E rebentaram. Tocaram no PRIMAVERA, em PAREDES DE COURA e no NOS ALIVE. Mas ainda sabe a pouco porque eles merecem mais. O ano passado lançaram *Estilus Misticvs*. Outro disco conceptual, carregadinho de anagramas demoníacos, referências a santos e mesinhas e a um Portugal raramente retratado nas rimas. Sim, é hip-hop e é urbano mas não se fica aí. É uma amálgama que tanto bebe de RUN THE JEWELS como de QUIM BARREIROS. Têm a graça nos beats que, embora aparentem ser básicos, não deixam por isso de ser populares e equilibrados. As suas letras são uma pimbalhada inteligente, com aquele sentido de humor dos bifés, uns SLEAFORD MODS de Gondomar, como se o EMANUEL tivesse caído num caldeirão de álcool e erva. Tudo isto é cultivado pelos próprios, não há desculpas.

Quando subiram ao palco secundário do NOS ALIVE, os groupies do duo, nos quais eu obviamente me incluo, já esperavam aquela mistura de rimas e notícias, algo entre o Correio da Manhã e o Jornal de Letras. Foi uma festa que me fez cantar, gritar, suar e dançar como nenhum outro concerto naquele festival. Os beats certos de DB e as rimas acutilantes de LOGOS fizeram deste concerto uma pândega monumental. O homem do robe, criatura mística que está para os CORONA como o BEZ estava para os HAPPY MONDAYS, foi o cicerone distribuindo hidromel e “dançando” como só ele sabe.

E se gritar “Gondomar” é um statement no NOS ALIVE, o que dizer de meter várias referências explícitas ao Isaltino no meio de “Mafiando bairro adentro”? É esta capacidade de endrominar a realidade lusitana que me fascina neles. Sim, um dia destes haverá uma geração para quem tudo isto fará sentido e se tornará um clássico, por agora basta ser despreconceituoso e estar atento. Também ajuda ter sentido de humor e saber rir de si próprio.

CAVEIRA



COLHEITA ²⁰²⁴
NACIONAL

CAVEIRA é uma força da natureza. Já andam nisto há 20 anos, com várias formações, sempre a desbravar caminhos nada fáceis. O projeto do guitarrista PEDRO GOMES tem o impacto de um mur(r) o e a alma de um relâmpago. O álbum ficar vivo saiu em Março pela SHHPUMA e foi uma galocha numa poça de água suja. É um rock mas é tão mais que isso.

Não é fácil, não é pop, não se ouve ao fundo, esborraça-se na nossa fronha.

São três longos temas com várias layers de compreensão. Com variadíssimos modos de destrinçar e a pedirem fruição. Isto é música para adultos, longe do previsível refrão e mais perto do avacalho momentâneo. Embora pareça, nada é casual aqui. Há muito estúdio e muita alma, muito detalhe no noise, muito ar naquele sax, muito groove no baixo e tanto comedimento na bateria. O free ajuda sempre. Dá asas ou bilhetes de avião a quem souber conduzir. Ao vivo tudo aquilo rebenta.

No OUTFEST do Barreiro, PEDRO GOMES atuou quase sempre de costas para o público, virado para quem lhe interessa, uma parede de amps. Pelo meio havia pedais, os tijolos sónicos que ele, naquele preciso momento, engendra. A seu lado MIGUEL ABRAS tinha SIMONON no baixo. Não o do reggae mas o da energia de 77. ABRAS tem um groove punk notável, algo idiossincrático porque é de muitos tempos diferentes, de muitas ondas, de vários mares. (Ninguém no mundo com aquele ar, faz aquele som. É delicioso).

Na frente de palco, PEDRO ALVES SOUSA dava-lhe muito bem no saxofone tenor. PEDRO faz carreira no jazz. No free jazz mais especificamente. Tem talento mas a mim impressiona-me o seu ouvido. A capacidade de entrar e sair sem pedir licença mas no momento oportuno. No Barreiro esteve expansivo, liberto de constrangimentos, como se quer. E depois há GABRIEL FERRANDINI, um dos grandes bateristas de jazz da atualidade. No GABRIEL impressionou-me a capacidade de não se impor. É raro um baterista ser tão ciente de si próprio. Ter a capacidade de ser arrasador e ainda preferir aquela delicadeza. Sim, GABRIEL é tecnicamente rápido e bate com força quando é preciso, mas eu gosto que ele se contenha e prefira o imprevisível detalhe. Ao vivo, CAVEIRA não é para todos mas a ninguém é indiferente.

ANA LUIA CAIANO

ANA LUIA CAIANO é um dos nomes de quem se fala. Faz uma fusão contemporânea de música popular portuguesa com ritmos dançáveis. Não soa bem dito assim, pois não? Eu emendo. ANA LUIA CAIANO, com ajuda de maquinaria leve e quase lo-fi, junta samples de música popular portuguesa com BPM e tudo isto com letras amargas. É uma atitude profundamente contemporânea.

O seu disco *Vou ficar neste quadrado*, saiu pela prestigian-te editora alemã GLITTERBEAT, vai fazer parte de muita lista de discos do ano pela imprensa nacional e a entrega de prémios já começou. Raramente o Hype se justifica mas, volta e meia, lá acerta. ANA LUIA lançou uns quantos EPs nestes últimos tempos. Neles se percebe que foi bem educada na música popular portuguesa. Que ouviu trip-hop e que gosta de brincar com máquinas. Também ajuda ter uma imagem cuidada. Ajuda mais ter aquele sorriso e uma atitude humilde e didática.

É ao vivo que a ANA LUIA brilha. Sozinha, de dia, a meio do gigante palco principal do KALORAMA, ANA levou um sampler, um adufe e um tambor. Mais um pequeno teclado e uma ou outra máquina. E com muito boa atitude lá desconstruiu os seus temas, gravando o adufe, depois samplando-o, metendo uma layer de sinetas, um beat, depois uns versos cantados. Mais tarde mais uma layer de cantoria e dá-se uma polifonia inteligente.

Acrescentar várias layers da mesma frase, dita pela mesma pessoa, com entoações e timbres diferentes, até termos um delicioso coro séc. XXI é aquilo que me agarra. Isto ser tudo feito no domínio da música popular, despretensiosamente, é o morango no topo do chantily.



COLHEITA ²⁰²⁴
NACIONAL

UNSAFE

SPACE

GARDEN

COLHEITA ²⁰²⁴ NACIONAL

Os vimaranenses UNSAFE SPACE GARDEN foram para mim a grande surpresa do KALORAMA.

Quantas bandas haverá no mundo que tenham tanto de BLACK MIDI, KING LIZZARD e ANIMAL COLLECTIVE como de JOSÉ MÁRIO BRANCO e das músicas dos desenhos animados? Poucas certamente. Este sexteto “liderado” por NUNO DUARTE e ALEXANDRA SALDANHA começou com o EP *Bubble Burst* de 2019 e o álbum *Guilty Measures* de 2020. Rock psicadélico, alguma monumentalidade, letras surreais e... já alguma palermice assumida. É malta nova que se segue por regra nenhuma. Há sintetizadores australianos a cruzar com guitarras do rock sinfónico e letras infantis. Tudo no pavilhão de Merryweather.

Em 2021 lançam *Bro, you got something in your eye — A guided meditation*. Há uma certa amargura tuga nesta fábula contemporânea. Certo que é disfarçada de infantilidade mas ainda assim são traumas existenciais nos lamentos destes refrões. O som varia bastante, mas há um indie rock com sintetizadores que domina a coisa. Desconstruído e psicadélico pois então. Em 2023 sai *Where 's the ground* e soam mais bem produzidos. Também mais confiantes, a espaços já se canta em português. O som continua aberto, livre de restrições de género. Sim, ainda é um rock alternativo e sim, é tudo meio avacalhado mas soa mais pro, o que no caso dos USG é dizer muito pouco. Isto é malta despreocupada.

Não tinha ouvido nada disto quando os vi no KALORAMA. Era um fim de tarde num dos palcos secundários e as expectativas eram zero. Entram meia dúzia de marmanjos de cara pintada e roupas coloridas mais uma jovem de totós, qual turma da primária. Agarram-se a teclados psicadélicos e uma guitarra sónica e começam num cagaçal que tem tanto de pesado como de tri-pante. E depois são aquelas letras, algo infantis e muito existenciais. Isto também é malta que lê. Acima de tudo marca-me a atitude despreocupada, o sentido de humor inteligente, o apreço pelo sotaque minhoto, o bom gosto nos arranjos e o despretenhosismo da cena. É tudo muito fresco.



SÉRGIO

ONZE

Final Havia Outro

entrevista
fotografia
styling
make-up&hair
vídeo
ass. produção
estúdio

Francisco Vaz Fernandes
Marcus Sabah
Sérgio Onze
Beatriz Texugo
Sofia Rodrigues
Diogo Fernandes
Warehouse Studio

Agradecimentos MORADA

camisola FLÁVIO BRANDÃO
calças ASOS DESIGN



O Sérgio Silva, fadista e o Sérgio Onze stylist, viveram durante anos como facetas opostas de uma mesma pessoa. Quem via um dos lados não percecionava o outro, como se se tratassem de universos disjuntos, até ao momento que surgiu "NÓS" um álbum de fado. Então, pela primeira vez, Sérgio Onze, o stylist passou a cantar fado assumindo assim uma versão multifacetada da personalidade, na certeza que em todos nós há sempre um outro. Pela primeira vez exploramos essa duplidade do Sérgio que nestas páginas aparece à frente e atrás da câmara.

Já nos conhecemos há bastantes anos na área da moda, mas foi uma surpresa o facto de lançares um disco de fado. Como surgiu isso?

Para mim, é um pouco difícil responder porque estes dois mundos sempre fizeram parte da minha vida. Canto fado desde os 9 anos, todas as noites, em casas de fado. Gravar um disco foi apenas o culminar natural desse processo. Foi um caminho longo e ponderado, porque queria fazê-lo no momento certo, quando achasse que fazia sentido e tivesse as condições para apresentar ao mundo o meu "NÓS".

Na verdade, não consigo imaginar outra forma de ser. Não me conheço de outra maneira. Cantar fado é a melhor forma que tenho de me encontrar, de me descobrir, de solidificar, de atar e desatar as coisas na vida. Sei que foi uma surpresa para muitas pessoas da área da moda, porque não conheciam este meu lado. Não que o escondesse, mas simplesmente não estava tão exposto como está agora.

Porque razão estes dois universos foram mantidos separados durante tanto tempo?

Foi uma coisa muito natural, não foi intencional. Acabavam por não se cruzar tanto assim. Claro que existiam alguns fatores que ajudavam a manter essa distância, como o facto de eu não usar o mesmo nome como fadista e como stylist – coisa que agora já faço. Mas acho que isso também se deve ao facto de estes dois universos viverem em lugares e contextos diferentes. Tocam-se, mas são mundos distintos.

E porquê agora seres o SÉRGIO ONZE nas suas múltiplas facetas?

Muito honestamente, porque achei que já não fazia sentido manter essa separação. Eu sou só um: fadista, stylist, e tantas outras coisas que fazem parte de quem sou. Mas sou sempre o mesmo.

O facto de teres lançado um álbum implica que abraçaste o lado profissional do espectáculo? Isso significa que vamos perder o stylist?

O fado é algo a que estou sempre dedicado, faz parte de quem eu sou. Não consigo ser de outra maneira. O lançamento do disco trouxe, felizmente, um lado mais presente de espetáculos, concertos e trabalho nesse sentido. Mas o styling vai continuar, claro. É apenas outra forma de contar histórias, através da roupa. São dois mundos meus.

No mundo do espectáculo, onde a construção da imagem é importante, em que medida o stylist influenciou a tua imagem final?

Acredito que foi uma coisa muito natural. E, honestamente, não acredito muito nessa ideia de "criar a imagem de um artista". Tem de ser genuíno. Ou é, ou não é. Claro que pode haver um cuidado, uma definição melhor, mas tem de estar sempre alinhado com quem se é. Eu sou um fadista deste tempo, que por acaso também é stylist, e visto-me assim porque é quem eu sou.

É possível falar de ti através da tua imagem. O que procura transmitir essa imagem?

Procura transmitir isso mesmo: verdade. Sou eu, por inteiro, ali. A imagem, o cantar, o que digo em concerto... é um lugar muito vulnerável, porque é honesto. Juntar estes elementos é o que me define.

A tua imagem parece provocar a imagem clássica do homem fadista. É intencional?

Não penso muito nisso, na verdade. Ou melhor, penso na minha imagem, claro que sim, mas não a penso dessa forma. Acho que a minha imagem, como a de qualquer pessoa – ou, pelo menos, deveria ser assim – deve ser uma extensão da sua personalidade. E é isso que tento fazer: é parte de quem sou. Na verdade, acho que tem muito de fado e bebo muito dos clássicos, mas transporto isso para mim e para o meu tempo.

Alguma vez possas ter sentido alguma discriminação por estares no mundo da moda muitas vezes preconceituosamente pensada como fútil?

Como disse anteriormente, durante muito tempo, esses mundos não se cruzavam assim tanto. Depois, no início desse processo, posso dizer que senti alguma "ligeireza" no assunto, mas penso que de ambas as partes. Contudo, acredito que isso acontecia simplesmente porque as pessoas não conheciam a minha forte dedicação a ambos os campos. É normal.



fato, camisa e gravata ERNEST W. BAKER
sapatos ASOS DESIGN

Preconceito, não, porque também não permito que isso aconteça. Respeito muito os dois mundos e sou um defensor convicto quando é necessário.

Estando tanto tempo no mundo do fado teres conseguido fazer um álbum teu representa o quê?

Representa uma grande conquista. Esperei pelo tempo que considerei certo, e isso envolve muitos factores: amadurecimento pessoal e profissional, decidir o que quero dizer e como. O mundo em que vivo, as minhas lutas, os meus NÓS. Só assim faz sentido para mim. Anteriormente, senti que alguns desses factores não estavam onde eu queria que estivessem. Na verdade, esta ideia é algo utópica, pois não há um "tempo certo". Foi uma questão de feeling. Poderia ter gravado um disco muito antes –existiram oportunidades. Mas não me arrependo de nada. Estou muito contente com esta minha primeira página. É como resumir tudo o que tenho feito até agora num só objeto, o que não é nada fácil.

Como foi o processo?

Foi intenso. É a primeira palavra que me ocorre. Digo isto porque, apesar deste processo ter começado a ganhar vida há algum tempo, antes da pandemia –que o interrompeu– ainda bem que isso aconteceu, pois decidi regravar tudo o que estava a fazer. Numa primeira fase, comecei este projeto sozinho, o que foi uma grande aventura. Mas foi ótimo, porque serviu como uma espécie de maquete para o que queria criar.

Por sorte, encontrei a CARMINHO na casa de fados onde canto habitualmente, a BELA. Ela foi de uma generosidade incrível. Quis saber mais sobre mim, sobre as minhas ambições, e transmitiu-me ensinamentos e partilhas fundamentais. Nesse momento, decidi começar de novo, pois sabia que ainda não estava onde queria. A CARMINHO conseguiu um apoio do Museu do Fado, o que foi extraordinário, e foi aí que finalmente comecei a trabalhar a sério neste primeiro disco.

Digo que foi intenso porque, a partir daí, foi necessário juntar muitas peças que se tinham acumulado e estavam dispersas: temas, ideias, estúdios, produção, sonoridades, fados –tudo com prazos e orçamento limitados. Ao mesmo tempo, foi uma viagem incrível. Fez-me questionar muitas coisas e foi uma grande viagem interna. Aos poucos, as coisas foram ganhando vida, com os produtores e músicos. É uma sensação mágica.

Como foi trabalhar na produção com dois polos tão diferentes como podem ser o AGIR e o RICARDO RIBEIRO?

Foi desafiante, mas muito gratificante. O que mais me atraiu nesta junção foi precisamente o facto de parecer algo pouco provável. E muitas vezes é nesses lugares inesperados que as coisas acontecem. Trabalhar com o RICARDO foi um privilégio. Nunca imaginaria que um dia isso seria possível. Só tenho a agradecer por este legado, que sinto ter-me sido transmitido. O RICARDO é um mestre, um fadista que admiro muito e há muitos anos. Ele trouxe-me essa casa e elevou-a, que era exatamente o que eu pretendia –o fado.

O AGIR, cuja entrada na produção foi uma sugestão do Ricardo, trouxe-me o outro lado que eu procurava. Queria que, de vez em quando, o "barco balançasse". Ou seja, não queria transformar o fado noutra coisa, mas precisava que, às vezes, outro vento soprasse. Isso faz parte de quem sou e daquilo que me rodeia. Ele trouxe algumas intervenções criativas que o fado tradicional não possui, respeitando-o e sem o transformar noutra coisa.

Como é que chegaram à seleção dos temas? Tinhas uma ideia já muito definida ou os temas foram surgindo durante o processo?

Eu fui fazendo uma seleção de poemas que gosto muito. Fui juntando ao longo do tempo, desde poetas populares a contemporâneos. Alguns fados que sempre gostei também fizeram parte. O processo passa sempre muito pela palavra. Depois fui caminhando e contando a história. Há um fio condutor. São histórias que me dizem muito. Os temas originais que fui introduzindo e que me escreveram eram as peças que faltavam.

Contas também temas do CONAN OSIRIS e da JOANA ESPADINHA, foram nomes que procuraste ou fazem parte do teu círculo de amigos e são cúmplices do teu processo de afirmação no meio musical mais em geral?

Todas essas colaborações aconteceram de forma muito natural e um tanto aleatória. Claro que sou fã do trabalho de ambos. Conheci a JOANA quando trabalhei como stylist para o novo disco dela. Já era um grande fã do trabalho da JOANA, mas eu, SÉRGIO *stylist*, nunca pensei em falar sobre o meu trabalho enquanto fadista. Poderia parecer que estava a aproveitar-me da situação. Mas, em conversa, apercebi-me de que a JOANA já sabia que eu cantava, e também percebi que a CARMINHO tinha sido uma pessoa importante para ambos –a JOANA até chegou a escrever alguns temas para ela. Um dia, a JOANA disse-me: "Gostava muito de escrever alguma coisa para ti, se tiveres vontade", e eu respondi: "Claro que sim, tenho muita vontade." Ainda bem que isto aconteceu. Foi curioso ela ter-me escrito o tema "Amanhã", porque, na altura, eu estava numa fase complicada, com alguns problemas de ansiedade, e o tema acabou por refletir um pouco disso, sem ela própria saber.

Com o CONAN talvez tenha sido o processo mais divertido de todos. Não o conhecia pessoalmente, mas gostava muito do trabalho dele. Sempre achei o estilo dele irreverente e muito interessante. Um dia, fui ver o concerto de apresentação da RITA VIAN no LUX com uns amigos, e ela cantou um tema escrito pelo CONAN que começa com "Eu já sabia que queria / Ficar até nascer o dia". Os meus amigos começaram a brincar e a dizer: "Sérgio, esta música podia ser tua", pois sou sempre o último a querer sair das festas. Achei graça àquilo e saí de lá com a ideia de "quero um tema do CONAN". Pensei que fosse daquelas ideias que desapareceriam no dia seguinte, mas houve algo que me fez avançar. Falei com um amigo em comum para ver se poderia contactar o CONAN, e ele respondeu-me muito rapidamente. Para minha surpresa, ele já me tinha ouvido cantar e disse que seria um enorme gosto escrever um tema para mim. Quando ele me perguntou sobre o tema que eu gostaria que ele abordasse, percebi que ainda não tinha nenhum tema que falasse sobre a dualidade entre ser stylist e fadista. Disse-lhe: "Gostava de falar sobre isso. Já vesti tanta gente, acho que agora é a vez de me vestir a mim próprio e apresentar-me ao mundo." O CONAN escreveu um tema que encaixou na perfeição e que veio a chamar-se "Sapatinhos". É quase uma metáfora: procurar sempre um lugar de leveza mesmo nas situações mais difíceis. Tornou-se algo muito autobiográfico.

Achas que ainda há barreiras entre os géneros musicais e apesar do fado estar a aparecer nos horários nobres da televisão no mundo do espetáculo ainda é ghetizado?

Acho extremamente necessário haver essa abertura para a experimentação. No meu caso, tenho muito cuidado e respeito pela forma como apresento e nomeio as coisas. Ou seja, o fado –tradicional– é fado, e tem uma forma muito específica de o ser. Não o podemos desvirtuar nesse sentido. Isto é, não podemos chamar fado a algo que não o é. Sinto que precisamos de ter mais esse cuidado para que as pessoas não fiquem baralhadas e para que não se percam elementos importantes que caracterizam este estilo musical. Por exemplo, não podemos chamar fado a uma fusão com eletrónica só porque tem uma guitarra portuguesa pelo meio. No meu álbum, não digo que a faixa "Sapatinhos" é um fado, porque não é. Sim, está dentro de um universo fadista, porque quando canto sou fadista, mas não posso dizer que aquilo é fado. Tudo depende da forma como apresentamos as coisas.

Sou, no entanto, super recetivo a experimentar coisas diferentes, até mesmo a ter artistas contemporâneos a escrever para o fado tradicional, porque isso é possível e, além disso, acho uma escolha muito interessante –pegar em músicas antigas e dar-lhes uma nova história. Mas aqui o ponto é que certas fusões não devem ser chamadas de fado. Na verdade, acho que alguns artistas fazem muito isso e, se calhar, não têm um único fado no disco. Talvez seja uma fusão musical ou outro estilo de música urbana portuguesa. Será outra coisa que não fado.

Estiveste no cartaz do CAIXA ALFAMA, o que isso representou para ti?

Foi muito bom. Nunca tinha participado no festival, embora fosse um espetador assíduo. Levar o meu primeiro disco e poder apresentá-lo nesse núcleo deixou-me muito feliz.

Onde é que te vamos poder ouvir nos próximos tempos?

Continuo a cantar nas casas de fado onde sou fadista residente: PARREIRINHA DE ALFAMA, O CORRIDO e a TASCDA DA BELA. Em breve, terei algumas novidades para apresentar, incluindo novos concertos e outras surpresas a caminho.





fato ASOS DESIGN
camisa e botas ERNEST W. BAKER



camisa e calças
LIDIJA KOLOVRAT

fato SÉRGIO ONZE
sapatos ERNEST W. BAKER





casaco e calças
LIDIJA KOLOVRAT

look total LUIS CARVALHO





sapatos
ERNEST W. BAKER

fato LUIS CARVALHO
gravata KENZO VINTAGE





look total
ERNEST W. BAKER



look total
ERNEST W. BAKER



fato TWISTED TAILOR
camisa ERNEST W. BAKER

camisa e gravata LUIS CARVALHO
calças ASOS DESIGN
casaco ERNEST W. BAKER





SUSANA MARQUES PINTO

Antes de ter e ser toda esta personalidade na moda nacional, como era a SUSANA com vinte anos? Em que é que acreditava?

Então, PATRÍCIA, como é que era a SUSANA aos 20 anos... Acho que a SUSANA é um bocado como qualquer pessoa, é com este distanciamento tão grande de vida vivida em que, claro que, eu acredito que a idade nos traz sabedoria, nos traz conhecimento e nos traz autoestima e, portanto, tudo isso está mais enraizado hoje do que estaria com certeza na altura, mas eu já era alguém que sabia que queria seguir esta profissão na vida, queria seguir a imagem, queria trabalhar nesta área, portanto, só que tinha começado dois anos antes, e claro que dois anos antes é diferente das décadas que se passaram desde então, e uma coisa é começar a trilhar outro caminho, outra coisa é olhar para trás e ver o caminho que se trilhou. Mas eu acho que no fundo, passa-se isto com qualquer pessoa que tenha uma profissão e siga essa profissão porque sente que vai evoluindo nela. Se calhar diferentes pessoas que ora fazem isto, ora fazem aquilo, ora fazem aquilo outro, talvez. Mas quem faz uma profissão por paixão acredito que tenha sempre esta possibilidade de evolução constante porque é sempre com prazer e com autenticidade. Acho eu.

Como é que é o seu dia-a-dia como consultora e assumir posição de direção de guarda-roupa?

Então, quando estou a exercer as funções de consultora de guarda-roupa para ficção, normalmente, sou o topo da pirâmide de uma equipe bastante grande com quem eu trabalho quase sempre e que há algumas posições que estão praticamente ao meu lado, há outras que estão um pouco abaixo, e depois há outras que estão mais abaixo ainda, ou seja, como qualquer hierarquia. Portanto, somos todas parte de uma equipa, todas respondem, obviamente, às chefias, tal como eu também tenho de responder a outras chefias que não são de guarda-roupa, mas que são de direção. E, portanto, acaba por ser um pouco diferente quando estou a fazer styling. É um processo mais solitário, enquanto neste caso realmente envolve muita equipa, uma equipa de bastantes pessoas. Acaba por ser criativo, desafiante e interessante, porque é mais dinâmico.

Nada é feito sem ser validado por todas as partes, o que é um exercício diferente de haver só uma a dizer que é assim, até no fundo, se calhar me sinto mais apoiada, apesar da responsabilidade ser tanta quanto estou a fazer editorial. Idealmente é um trabalho muito dinâmico, muito exaustivo, de um horário super cansativo, de dias e dias a trabalhar sempre, porque são muitos personagens e leva muito tempo a conseguir concretizar e a ser validado até as personagens começarem a tomar vida e forma. É mais ou menos isto.

Há quantos anos é que dá aulas? Qual é o seu principal objetivo com o curso e a quem é que é dirigido?

Bem, eu comecei a escola há 15 anos e comecei sem qualquer pré-determinação. Não pensei em ter uma escola. Aconteceu porque eu sou uma pessoa que sigo os desafios. Eu sinto os desafios e sigo-os. É algo assim.

Comecei por uma casualidade e apesar de nunca ter pensado em ter uma escola, já lá vão 15 anos. Agora, qual é que era a pergunta? Na realidade não criei a escola a pensar que ia criar uma escola e que ia ganhar dinheiro com uma escola e que ia ter imensos alunos. Eu comecei com a escola, a escola começou a correr bem e eis-me 15 anos depois ainda a dar aulas.

Ou seja, a quem é que o curso é dirigido? O curso é dirigido a quem sentir que deve aprender para ter bases sólidas para iniciar esta carreira. Portanto, é dirigido a quem quiser, é dirigido a quem sentir que para trabalhar, poderá adquirir conhecimentos na PULP FASHION. Portanto, no fundo, é quem escolhe, porque, de uma maneira geral, as pessoas que vêm ter comigo, muitas vêm pela passa palavra de umas e de outras pessoas, o que me faz muito feliz, porque na realidade faço muito pouca publicidade aos cursos, faço uma divulgação geral da minha vida e do meu trabalho, porque obviamente é um trabalho que só faz sentido sendo exibido para o exterior, mas dou as aulas, hoje em dia, a quem quiser aprender comigo. Portanto, o meu público é o público que quer vier ter comigo e que me procura para aprender.

Para quem estiver interessado onde é que pode ter acesso a mais informação sobre os cursos de produção de moda?

Quem quiser entrar em contacto connosco, pode ser através do site, do Facebook, do Instagram, de e-mail, tudo em *www.pulpfashion.pt*. O e-mail é o *geral@pulpfashion.pt*, e as redes sociais estão exatamente também nesses dois nomes, quer Instagram, quer Facebook.

As pessoas que estudam moda e terminam os seus cursos sentem-se perdidos e não sabem por onde começar, quais são os seus conselhos?

As pessoas não saberem para onde começar, quando acabam os cursos... Também é uma constante. Não só de um curso de styling, mas de um outro curso qualquer, se me lembrar, por exemplo, medicina, sei lá. Só se tiver aquelas notas, estás a estudar, não sei bem para ir para onde, estão jovens de todas as áreas a migrar, estão à procura de uma vida melhor. É inerente a vivermos num país pobre, pobre culturalmente e pobre de todas as maneiras. E, portanto, se as pessoas se sentem perdidas, não há um grande conselho para dar, quer dizer, o que é que se pode dizer a alguém. Se eu disser a alguém que está perdido que se oriente, e que tenha calma... Parece que não faz sentido dizer isto, capaz de me responderem: "ah, assim não lhe custa dizer isso" ... É algo inerente a ser jovem. Ser jovem é também isso, ser jovem é sentir-se perdido, ser jovem é achar que já nada vai acontecer e ver o futuro um bocado negro. É a parte negativa de ser jovem. Portanto, diria às pessoas que sejam mais.... Sejam mais.... Aceitem melhor o dia-a-dia e esperem por um amanhã. Não queiram logo que aconteça tudo de uma vez, porque nada acontece de uma vez. Se eu estivesse a falar para esta entrevista há 50 anos, se calhar, também era uma jovem com medo. E, portanto, ocupem-se, dediquem-se, não percam o foco. Se caírem, levantem-se. E pronto. Novamente, acho que é extensível a qualquer profissão, extensível a ser jovem. Acho que esta actualidade tem uma dualidade. tem muita oferta de muito, o que pode ser um risco grande, porque em vez de ajudar a focar, pode ajudar a desfocar. Mas... São os males inerentes, sei lá, se calhar também em parte em relação às redes sociais, que alteraram muito a visão de tudo. O estar perdido é uma constante na vida. Nós nunca temos a certeza de que o amanhã está garantido, portanto, quando se é jovem eu sei que isso tem uma pressão grande.

Deste lado tenho trabalhado com uma nova geração de stylists e todos eles me dizem que não se conseguem aguentar muito tempo na moda porque praticamente todos os trabalhos de moda não são remunerados ou estão em estágios não remunerados. E quando se vêm obrigados a trabalhar para pagar as suas contas não conseguem disponibilidade para estar presentes e fazerem os seus trabalhos em moda. Temos perdido muitos talentos por esta razão, ou devemos encarar como uma selecção natural?

A actualidade é difícil para quem está a começar uma vida. Vemos isso na televisão todos os dias, de jovens de todas as áreas, não é exclusiva de moda, sendo que a área de moda é uma área que provavelmente será mais difícil de ganhar, reunir as condições para se começar a ganhar dinheiro do que as outras. Também é uma área em que se calhar se estuda seis meses ou até nem sequer se estuda, enquanto nas outras as licenciaturas ou as formações são três ou cinco anos, e aí continuam a ter as mesmas dificuldades. Portanto, A questão da selecção natural, por acaso, é uma questão, é desagradável de dizer e de afirmar, mas se calhar é assim, se calhar é mesmo uma questão de selecção natural, sei lá bem, se calhar os mais fortes sobrevivem e quem não está tão determinado se calhar não sobrevive, mas também se não sobreviver nesta área e se quiser mudar e quiser ser mais feliz noutra, também não é um drama, ou seja, trabalhar em moda não pode ser uma coisa apelativa porque é moderna. No fundo, basta ser uma coisa que tem que vir das entranhas, das vísceras, ou seja, é uma coisa que ou nasce connosco ou quase que não nasce connosco. É um bocado difícil.

Quem nunca sentiu o apelo por esta área, poder-se dedicar a ela lendo uns livros, ou seja, é uma área que, se calhar, a questão de ela fazer essa selecção, ela não o faz por querer, faz-se por causa do que se vive na actualidade, mas se calhar os mais fortes ou os mais talentosos acabam por sobreviver e eu vejo isso em muitos dos meus alunos, e sinto-me muito orgulhosa por saber que não são todos, em área nenhuma, em licenciatura alguma, são todos, mas o mercado de trabalho está cheio de alunos meus e alguns que eu se calhar na altura nem achava que pudessem vir a sobreviver na área e afinal estão. Se calhar, eram mais fortes do que os outros, se calhar eram mais determinados, ou se calhar também tiveram mais sorte, porque também há sempre uma dose de sorte na vida, mas essa escolhe-nos, não somos nós que a escolhemos, apesar de que eu continuo a acreditar que a sorte dá muito trabalho realmente.

Qual é a sua opinião para os stylists que são contratados de acordo com a sua visibilidade nas redes sociais?

Sabemos, Patrícia, que muitos profissionais, presentemente, são contratados através dos seus números de visualizações no Instagram. Não são só stylists, são cantores, são actores. Enfim, toda uma classe de artistas, de pessoas que trabalham com a parte artística, que são desafiados, que são contratados pelos seus números de visualizações. O que é que eu acho? Acho que não é completamente justo, mas também não pode ser completamente injusto, porque a pessoa até pode ser uma boa profissional, como pode não ser? E isso... Também me parece que atualmente não é particularmente de relevo. Principalmente na área de moda em que toda a gente pode quase que parecer que sabe. E principalmente se tiver muitos likes no Instagram, então de certeza há pessoas a se poderão considerar desde logo uma grande, ou um grande stylist. Mas quem sou eu?

As coisas valem o que valem para mim, e para os outros valem o que valem, ou seja, eu provavelmente não contrataria nunca ninguém por essa situação, mas também não posso impedir que os demais o façam com base nisso. Sim, não é justo. Então, na classe de actores, com quem eu trabalho imenso, isso ainda é muito mais visível e muito mais chocante. Eles queixam-se imenso, imenso, imenso e pronto. Quem não, quem nunca é o que é, é a vida, é o que temos hoje em dia, é a actualidade.

O que é que lhe salta logo à vista quando olha para alguém e pensa: esta pessoa tem sentido de estética?

Bom, há vários sentidos de estética. E eu até acho que o gosto se discute. Mas não é por aí que eu quero responder à questão. Há vários sentidos de estética que eu identifico como sendo bons e outros que eu identifico como não sendo nada bons. Portanto, é completamente diferente daquilo que eu considero agradável à vista. Penso que a pessoa que tem o sentido estético é diferente do meu, é o que eu penso, mas eu constato isso com muita frequência. Na realidade, imagem não é uma coisa que seja necessidade básica, nem que as pessoas venham munidas com ela, nem que não é como pão para a boca. Ou seja, há quem tenha, há quem não tenha, há quem queira desenvolver, há quem nem se interessa, nem saiba.

O que é que ainda lhe falta fazer ou cumprir?

O que é que me falta fazer? Esperando que o universo me continue a ter coisas para mostrar-me, a apresentar-me coisas para eu fazer até ao último dia da minha vida. Os projetos surgem e nós não... Eu, pelo menos, nunca estou satisfeita com tudo o que fiz, porque quero sempre mais. Sou ambiciosa, não de dinheiro, mas sou ambiciosa de cumprir com projetos e com o dever e com o bem executado, com algum brio profissional, por assim dizer, e falta-me fazer muita coisa. Uma das que ainda me falta fazer, que eu não sei quantas mais serão, mas uma está prestes a acontecer, que é uma marca de acessórios para animais com o nome da minha cadela, Gaia, que é a minha terceira pug e que me inspirou particularmente porque é um ser muito especial e porque eu continuo a ser perfeitamente permeável e desafiante para qualquer projeto que se me afigure possível, mesmo que seja difícil de conquistar, de prosseguir, de qualquer coisa. O caminho faz-se caminhando.

Um conselho que lhe tenham dado ao longo da sua extensa carreira e que possa partilhar connosco?

Honestamente, não me lembro de nenhum conselho que me tenham dado e que me tenha marcado assim tanto. Eu acho que tenho vindo a construir a minha lista de conselhos ao longo destas várias décadas de trabalho, mesmo que me tivessem dado algum conselho, provavelmente já nem me lembraria, porque as coisas também não têm a mesma validade sempre ao longo dos tempos. Eu continuo a achar que trabalhar com seriedade, dedicação e com paixão é o único conselho que eu posso dar e que posso transmitir. O resto cada um agirá de acordo com o que entender, o que puder e o que estiver ao seu alcance.

entrevista
fotografia
styling
make-up&hair
ass. styling

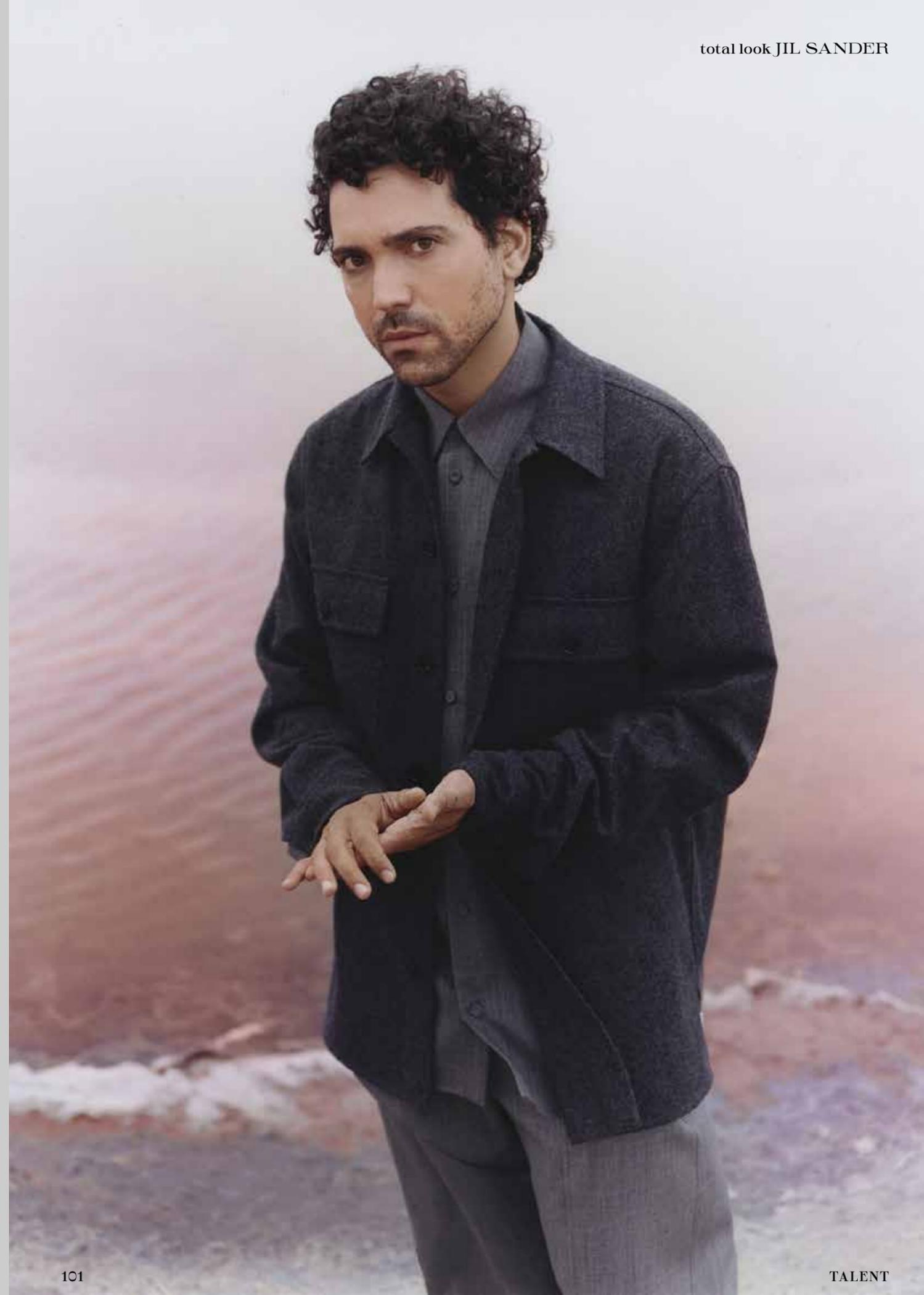
Alex Couto
Maria Rita
Tiago Ferreira
Paulo Fonte
Tatjana Jourdain

Agradecimentos Stivali Lisboa
e Salinas do Samouco

Entre a Paixão e a Obsessão

RABANEL

MORAIS





total look JIL SANDER



total look JIL SANDER



casaco BOTTEGA VENETA
camisa RICK OWENS
calças DRIES VAN NOTEN





camisa RICK OWENS
calças DRIES VAN NOTEN

O actor português RAFAEL MORAIS está cada vez mais conhecido, mas continua a trazer-nos uma sensação de up and coming, talvez pela sua aptidão camaleónica para as diferentes personagens que interpreta. A sua dedicação ao cinema português, onde já trabalhou com os maiores colossos de diferentes gerações de grandes realizadores portugueses (como JOÃO CANIJO, MARCO MARTINS, TIAGO GUEDES e PEDRO CABELEIRA), elevou o seu perfil ao ponto de o associarmos a obras-primas inesquecíveis, ao mesmo tempo que lhe trouxe papéis de relevo em grandes produções da NETFLIX, como *White Lines*, *Glória* e *Rabo de Peixe*.

Nesta entrevista falamos com o actor acerca dos seus projectos mais recentes, onde destacamos a estreia da série *Irreversível* de BRUNO GASCON (já a ser transmitida pela RTP1 e disponível na RTP Play), assim como a muito aguardada estreia em Portugal do filme *A Cup of Coffee and New Shoes On* (Um Café e Um Par de Sapatos Novos). Este filme de GENTIAN KOÇI, foi a obra seleccionada para candidatura aos Óscares por parte da Albânia em 2023 e pela qual RAFAEL MORAIS foi distinguido com prémio de Melhor Actor Principal no PriFest.

RAFAEL MORAIS é um conversador nato, habituado a falar sobre a sua prática com um nível de detalhe apaixonante. Recortado pela silhueta dos seus caracóis e do seu casaco de cabedal, a nossa conversa prolongou-se durante reflexões que aproximaram Lisboa de Los Angeles, mas sempre centradas numa carreira cujos pontos altos começam a ter algo de miradouro.

A oportunidade de perceber como a arte não é só aquilo que ele faz, mas também é uma constante fonte de inspiração onde continua a ir buscar forças para se continuar a desafiar é inspiradora para nós e acreditamos que será uma leitura memorável para todos.

Começamos a falar com RAFAEL MORAIS acerca dos seus novos projetos e dos desafios que lhe trouxeram como ator dedicado à sua arte.

Então, a série *Irreversível* marca a minha segunda colaboração com o GASCON. Fiz o filme *Pátria*, que já estreou nas salas e do qual vai surgir também uma série intitulada *Evadidos*, que vai estrear na RTP no próximo ano. Gosto de voltar a colaborar com realizadores e actores em diferentes projectos, porque há desde logo uma abertura e facilidade de comunicação pelo facto de já termos trabalhado juntos e isso facilita todo o processo criativo. Tenho trabalhado mais em cinema em Portugal. Depois das séries internacionais que fiz, este projecto marca o meu início, a nível de estreia em séries nacionais.

Posso dizer que é um thriller com tons nórdicos, o que me entusiasmou logo na primeira leitura do argumento. Acho que os thrillers de séries nórdicas são a referência do género a nível global. A minha personagem é o Detetive Pedro Sousa, que vai investigar o homicídio de uma jovem que aparece morta na praia e que, por se tratar de uma adolescente e o caso envolver menores, vê-se obrigado a colaborar com a psicóloga Júlia, interpretada pela MARGARIDA VILANOVA, para o ajudar no caso. Este crime vai levar a que eles se voltem reconectar, depois de terem tido um passado romântico, o que vai de certa forma dificultar todo o processo de resolução do caso.

Foi uma personagem interessante de explorar, diferente. A complexidade emocional desta personagem atraiu-me de imediato –um homem que não só está à procura de respostas para resolver um homicídio mas que está também à procura de si mesmo e de se redimir.

Então, de certa forma, isso trouxe também um desafio técnico para ti?

Sim, diferente do que tenho feito e muito diferente da personagem que fiz no *Pátria*, que era um gajo imprevisível, violento, extremamente agressivo.

Neste caso, o que me atraiu foi o facto de este detetive ser um homem que quer estar em controlo total, parece que está sempre com uma máscara, com uma carapaça, para não mostrar quem ele realmente é, não só por motivos profissionais, porque é detetive, mas também porque carrega muita mágoa.

Acho que o mais interessante para mim de explorar foi precisamente construir todo um passado e toda uma vida interior e emocional da personagem.

A obsessão que ele tem com a sua profissão por exemplo é, de certa forma, uma fuga inconsciente que ele criou para evitar ter de se confrontar com ele próprio e os demónios que o perseguem. Um indivíduo pragmático, racional e duro à superfície mas extremamente frágil, solitário e fraturado no interior. As dualidades humanas interessam-me imenso.

Quis que essa dualidade estivesse não só presente a nível emocional mas que se materializasse de uma forma física também. Que se manifestasse numa constante tensão muscular, por exemplo. Quer seja na maneira como ele se expressa fisicamente, com poucos gestos, por exemplo, quer seja na forma como fala.

Isto surgiu com as entrevistas que fiz a uma inspectora da Polícia Judiciária, na fase de pesquisa. Apercebi-me que ela tinha uma tensão física constante, que afectava a sua maneira de falar. E eu achei isso muito interessante e quis trazê-lo para a personagem. Conversar com ela ajudou-me também a ter uma ideia mais clara de como funciona o sistema policial em Portugal, muito diferente do que estamos habituados a ver em filme e séries americanas, por exemplo.

Foi essencial também para tentar perceber qual o impacto emocional e psicológico inerentes a estas profissões. Como é que eles levam, ou não, para casa o peso do trabalho, como é que se ela se deparasse com um crime destes, sobretudo algo horrendo como neste caso, como acontece na série, como é que ela lidaria com isso.

Trouxeste essa comunicação física, não é?

Uma comunicação não verbal e limitativa. Nesta personagem fazia sentido, como ele parece estar sempre a mascarar o que está a sentir e quem realmente é. Primeiro que tudo, porque está a interrogar pessoas que são suspeitas, há uma frieza necessária nesta profissão. E, segundo, porque há esta relação pendente e por resolver com a psicóloga. Ele quer tentar manter o profissionalismo nesta colaboração, o que é difícil, tendo em conta o passado amoroso entre os dois. Achei esse conflito muito interessante também.

Outra coisa que adorei logo no argumento, que eu achei muito fixe, é não vermos a casa dele. Vemos a casa de quase todas as personagens, onde elas habitam, mas do inspetor Sousa não se vê. E eu acho que isso é fixe, porque basicamente só o vemos no trabalho, no escritório, que é, na verdade, a sua casa. Deu-me asas para imaginar o que será a vida dele fora do trabalho.

Interrompo o RAFAEL MORAIS para lhe dizer que esta personagem me relembra da obra *A Balada da Praia dos Cães*, do JOSÉ CARDOSO PIRES, em que a figura do detetive também é uma personagem muito soturna. Pergunto-lhe se o Detetive Sousa tem algum animal de estimação, tal como a iguana do Elias Santana?

É muito giro que digas isso. Porque foi precisamente o que eu imaginei. Primeiro que tudo imaginei que o gajo é um solitário. Não acho que ele vá a dates, não acho que ele esteja ativamente à procura de amor, por exemplo. Acho que esta relação com a Júlia foi uma coisa que aconteceu e que o marcou bastante e que ele sabe que não vai voltar a acontecer, da mesma forma. E imagina, inicialmente até sugeri ao BRUNO dar-lhe um animal estimação, para acentuar ainda mais a sua dificuldade de socializar com outros seres humanos. Não chegou a acontecer, mas há um momento na série em que eu estou a tomar conta do aquário da Júlia, dos peixes de estimação dela, quis trazer essa sensibilidade para a personagem. Não queria que fosse o típico detetive que estamos habituados a ver na maioria das séries deste género.

Eu imagino-o na casa dele, a beber, sozinho, mas não acho que seja um alcoólico. Acho que é solitário e acho que é obcecado pelo trabalho, acima de tudo.

No argumento original, quando a personagem é apresentada pela primeira vez, vemo-lo a correr sozinho, o que achei muito fixe, mas pareceu-me demasiado másculo e estilizado e portanto sugeri ao GASCON que ele tivesse um inalador para a asma, para dar-lhe logo um lado de fragilidade desde o início. Inalador que vai usando, em momentos mais stressantes ao longo da série.

A tua carreira tem sido marcada por colaborações com realizadores de grande prestígio no universo do cinema português, que cada vez recebem mais atenção internacional. E o díptico *Mal Viver/Viver Mal* venceu o Urso de Prata em Berlim. Achas que nos podes guiar acerca da diferença entre fazer cinema e televisão?

Mesmo dentro do cinema, cada realizador trabalha de forma muito distinta. O JOÃO CANIJO gosta, é mesmo a maneira de trabalhar dele, de passar muitos meses a entrevistar os atores, a reescrever o argumento, tendo em conta o que os atores trazem para a mesa, é o método dele e um luxo raro para os actores. Mas para a televisão não é normal ter o tempo de preparação que o Canijo investe. Isso é o mais normal aqui ou lá fora, não teres esse tipo de tempo para construir a personagem ou o argumento com os atores, é uma excepção. E nem todos os projectos podem ou devem ser feitos assim.

Eu gosto, na maior parte dos casos, não todos, mas quase todos, de criar e imaginar um passado para a personagem. Portanto, parte do processo para o Irreversível foi criar o passado desta personagem, foi a relação com ela, o que aconteceu antes, e o historial todo do porquê da solidão dele, etc.

É o momento para perguntar a RAFAEL MORAIS se essa experiência foi radicalmente diferente de trabalhar em *A Cup of Coffee and New Shoes On*, filme onde RAFAEL MORAIS foi distinguido com o prémio de Melho Actor Principal no Festival de Cinema PriFest.

Primeiro que tudo, estou muito contente de finalmente estrear o filme Portugal, depois da longa vida que o filme teve em festivais de cinema internacionais, que é incrível, e no qual ganhou vários prémios, e estou muito feliz por estrear nas salas de cinema. É um filme que acho que deve mesmo ser visto em sala.

O convite surgiu através de uma mensagem que o GENTIAN KOÇI, que é o realizador, me mandou depois de fazer a série *White Lines*, a dizer que estava a procura dos protagonistas para este filme e que estava a sofrer para os encontrar, porque é uma história muito peculiar e sensível, é muito livremente baseada numa história verídica de dois irmãos belgas que são surdos e que descobrem que têm uma condição genética em que vão perder a visão.

E foi um dos primeiros casos de eutanásia na Bélgica. Os únicos pedidos deles, dos dois, antes da eutanásia, foi um café juntos e um par de sapatos novos. E portanto, a história é totalmente criada à base disso, mas é livremente baseada. Apaixonei-me pelo argumento e adorei a primeira longa que ele fez, *Daybreak*. Soube desde logo que tinha algo muito especial entre mãos e que queria fazer este filme, pela qualidade do argumento e, obviamente, pelo desafio gigantesco que seria interpretar esta personagem. Foi uma longa fase de castings até ele formalizar o convite.

Tu tens um processo que guia o teu trabalho como actor? Ou preferes abordar diferentes filmes de formas igualmente diferentes?

Eu não tenho um processo específico enquanto ator. Acho que isso pode ser muito limitador. Cada projecto, argumento, realizador e personagem pedem uma abordagem diferente. E eu gosto de começar do zero, sem ideias preconcebidas, como uma tela em branco. Estudei na Stella Adler, estudei na Escola de Teatro de Cascais, estudei com a IVANA CHUBBUCK que é coach privada de estúdios e de actores como o BRAD PITT ou a CHARLIZE THERON. Estudei em várias escolas, com vários métodos. E não adoptei nenhum método específico ou uma fórmula, porque acho que isso é contraproducente. O instinto foi e continua a ser a minha bússola.

Mas este filme foi a primeira vez em que eu, entre aspas, fui mais método. Acho que hoje em dia a ideia de Method Acting está tão banalizada que até tenho receio de mencionar, mas foi absolutamente necessário, porque eu não sei o que é não poder falar, eu não sei o que é não poder ver. Este filme exigiu de mim uma pesquisa e preparação muito mais profunda do que qualquer outro projecto que fiz até hoje.

Consegues contar-nos como foi esse mergulho num processo mais próximo do method acting?

Em primeiro lugar, tive oito meses de aulas de língua gestual, albanesa, porque é diferente de país para país, algo que não sabia. Depois tivemos uma fase de ensaios de dois meses e meio antes de filmar na Albânia, com o elenco principal, onde vivemos juntos na mesma casa, como as personagens e na maior parte do tempo, em personagem, durante toda a fase de ensaios e durante toda a rodagem.

Nesses meses que passei na Albânia antes da rodagem, pedi ao realizador

para me arranjar uma venda, tipo uns óculos de ski mas que tapassem os meus olhos totalmente, e andei durante dias vendado pela cidade de Tirana, fui jantar fora a restaurantes vendado, e há um vídeo engraçado, em que estou a comer num restaurante, com os olhos vendados, e estou a comer com o garfo do avesso, sem me aperceber. Saí do hotel até ao restaurante, a tocar em tudo, agarrado às paredes da cidade. Uma coisa é imaginar, outra coisa é realmente experienciar. Trabalhei também vários dias numa carpintaria, a cortar madeira, porque é o trabalho da personagem no filme e queria que me fosse natural e orgânico antes de começar as filmagens.

A primeira coisa que pedi ao realizador e produtora foi que tivéssemos uma pessoa da Associação de Surdos da Albânia não só presente nos ensaios, mas em todos os dias da rodagem, quis garantir que esta comunidade fosse representada de forma honesta e tão realista quanto possível. Essa ajuda foi essencial e não o teria feito doutra forma.

E o maior desafio nem foram as aulas de língua gestual, que era algo essencial porque o meu personagem já nasceu surdo, o mais difícil foi “explorar” a cegueira, sobretudo transmitir fisicamente, para a câmara essa cegueira. No caso do Agim, a minha personagem, acompanhamos todo o arco da cegueira, desde o primeiro sintoma até à cegueira total. Foi extremamente difícil encontrar esse equilíbrio da evolução da doença, as nuances todas. Física e emocionalmente, claro .

Foi incrível e muito duro ao mesmo tempo, tive entrevistas e conversas e jantares com o pessoal da Albânia e de instituições de cegos e surdos e isso tornou-me mais empático e, acima de tudo, fiquei transtornado e muito enraivecido pelas injustiças e desigualdades totalmente desnecessárias que estes indivíduos são obrigados a suportar.

Porque é que não aprendemos a língua gestual nas escolas? Porque é que não é mandatório, porque é que não faz parte do currículo escolar aprender? Porque as pessoas que eu conheci, todas me diziam a mesma coisa: “eu vou a um bar, queria ir beber um copo e não tenho como comunicar com outra pessoa.” Não faz sentido nenhum, a maioria das pessoas não percebe o quão doloroso é não ter maneira de comunicar com os outros, pura e simplesmente porque a sociedade não o permite e para mim isso não faz sentido absolutamente nenhum e só demonstra o quão individualista é a sociedade em que vivemos.

Ganhaste uma ligação maior a este tema da acessibilidade com a tua dedicação a este personagem e a este filme?

Sim, tornei-me muito próximo e criei uma grande intimidade com as várias pessoas que conheci neste longo processo de pesquisa, jantámos juntos, saímos à noite. Foi incrível ter tido este tempo para os conhecer como deve ser. E, entretanto, perguntei a ambos, portanto a um indivíduo cego, e agora se tu descobrisses que vais ficar surdo, como é que irias reagir? Perguntei o mesmo uma pessoa surda: “E agora, se descobrisses amanhã que vais ficar cego?” houve sempre assim uma pausa comum antes de responderem, fico todo arrepiado só de pensar nisso. Houve uma pausa semelhante de duração em todos os casos e a resposta foi sempre a mesma: “Preferia morrer.”

Imagina, não podes ver, não podes ouvir nem falar. Portanto, se tu és cego, ao menos consegues falar, consegues ouvir, há uma forma de comunicação. Se tu és surdo, consegues ver, consegues escrever, consegues ler, consegues comunicar, ter uma vida social, percebes? Agora, não tendo essas duas coisas, só tens o tacto e o olfacto. Estás enfiado numa caixa escura e essa caixa é o teu corpo. És um prisioneiro de ti mesmo. E posso-te dizer que isso foi um dos maiores desafios, enquanto ator, que eu tive. Fui a sítios mais dark, profundos e existenciais que nunca tinha ido antes, e ainda bem que tive a preparação que o realizador me permitiu, porque era impossível, de outra forma. Era impossível. Nem acho que teria aceite fazer esta personagem sem essas condições. Se não tivesse tido esta preparação, teria sido impossível.



casaco DRIES VAN NOTEN
camisola COMME DES GARÇONS
calças Maison Margiela

Achas que a arte continua a ser uma das melhores formas que temos de prestar atenção ao outro, de empatizar com as suas dores?

Sim, para conhecer uma realidade que não é tua, que é necessária. Para conhecer esta, tão distante da minha, foi essencial, passar dias sem falar, sem dizer nada, sem comunicar com o realizador verbalmente, sem falar com ninguém. Passei dias com bloqueadores de som nos ouvidos, sem conseguir ouvir nada, e passei dias a andar vendado, em casa e na rua. Foi um processo muito imersivo e duro, muito duro, mas extremamente enriquecedor. E isto é só a superfície do que estas pessoas passam, não é? Mas eu precisava de ter uma ideia mais ou menos clara, tentar ir o mais fundo possível.

Também acho que a maneira como o GENTIAN KOÇI, o realizador, filmou, e a ideia que ele tinha para o filme era, logo desde o início, muito crua, até nos movimentos de câmara, por exemplo. Eu acho que esse trabalho, assim como o design de áudio do filme é incrível, porque joga com isso, os sons são exagerados, por exemplo, o som neste filme é uma personagem muito importante.

O filme abre comigo, na cozinha a lavar a louça, e os sons são exagerados para acentuar, sublinhar a minha condição. Esta pessoa não ouve, logo, não tem noção do barulho que está a fazer. E foi muito gratificante aperceber-me de que o cuidado no pormenor também na realização e pós-produção do filme

O filme trouxe-te uma crítica incrível na revista norte-americana VARIETY –foi um motivo de orgulho para ti?

Sim, obviamente. Ter a VARIETY a dizer que a minha prestação foi uma das melhores do ano foi uma surpresa incrível. Mas mais que as críticas e os prémios, o que me enriquece ainda mais é a resposta que o público tem tido ao filme. A maneira como o filme lhes toca e como as pessoas saem emocionadas e tocadas da sala, a maior parte sem conseguir falar. Isso para mim não tem preço. Para nós atores, nesta profissão tão instável, tão insegura, às vezes tão injusta, é bom ter essa palmadinha nas costas, dos prémios e boas críticas, às vezes, é importante, é bom, no meio de tanta incerteza ser reconhecido pelo trabalho e entrega que dás às personagens que interpretas, veres o teu esforço reconhecido, isso é ótimo.

Claramente tu és um actor que sente a arte, digamos assim. Tens interesses artísticos além do cinema e da televisão?

Pintura, música, fotografia, tudo. São áreas que o cinema incorpora. Tudo ligado. Gosto de arranjar sempre alguma coisa, uma ligação para mim quando começo a atirar-me a uma personagem, uma obsessão ligada com a arte. Na altura de *Como Desenhar um Círculo Perfeito*, tinha literalmente uma casa, um estúdio que arrendei no Bairro Alto, cheio de fotos impressas, e escrevia um diário de personagem em personagem, a desenhar, a escrever poemas para a minha irmã do filme. No caso do *Cup of Coffee*, isto para falar de outras artes, a grande referência foi o FRANCIS BACON, que não estava diretamente ligado, mas havia qualquer coisa no movimento da pintura dele, que identifiquei nesta personagem.

E eu, enquanto estou a trabalhar numa personagem, tento, sem sombra de dúvida, obcecar-me e ligar outros tipos de arte. Faço playlist de música para uma personagem, isso é uma coisa que eu faço sempre, tento ver filmes ou documentários relacionados com a personagem ou com o mood do filme. Portanto sim, a arte sempre esteve presente e está sempre presente de uma forma ou outra, é a minha paixão.

Mas o cinema é a tua principal paixão, certo? Li numa entrevista do TIAGO MANAIA para a Máxima que começaste a ver filmes do BERTOLUCCI com a tua mãe.

Eu tenho uma obsessão com o cinema desde muito novo. A única coisa que eu quis ser antes de ser ator foi astronauta, quando tinha 5 anos, e desde aí sempre soube que queria ser actor. É uma benção e uma maldição, acho, saber logo desde muito cedo o que queres fazer da vida. Uma benção porque tens um objectivo delineado, uma maldição porque, pelo menos para mim, não tenho outra escolha.

E a primeira obsessão era a obsessão de ver filmes –três ou quatro filmes por dia, do videoclube, faltar às aulas para ver filmes. E a obsessão acho que é um palavra que está muito presente, mesmo para mim enquanto ator. Sinto a necessidade, enquanto ator, de estar obcecado com a personagem que estou a fazer.

Acho que surgiu de uma coisa menos pensada, mais inconsciente, que foi o divórcio dos meus pais. Os meus pais divorciaram-se e foi muito duro, porque passei da cidade, porque estávamos em Vila Nova de Gaia numa turma com 20 alunos, para a terra da minha avó e para uma Telescola –era uma das últimas escolas à distância no país. Passar da cidade para uma aldeia foi muito duro, não só por causa do divórcio dos meus pais, que na altura foi muito difícil para mim perceber o que é que estava a acontecer. Passar de uma turma de 20 alunos para uma turma de 6 ou 7 alunos... Portanto, nunca me encaixei, sentia-me quase um alien naquela aldeia

Depois fui para a Covilhã, onde a minha mãe arranjou trabalho. Não me habituei e não me encaixei lá também, mas a paixão pelo cinema começou a explodir, porque tinha acesso a um videoclube e tinha acesso ao cinema, coisas que na aldeia não tinha.

Lembro-me do quote do Tarantino: “When people ask me if I went to film school I tell them, ‘no, I went to films.’” Falas-me sobre a diferença de realidade entre a tua experiência em Los Angeles e a nossa realidade nacional?

Estive em LA e sei perfeitamente que o sofrimento de ser artista e ator é igual, mas a diferença é manter e ter um nível de vida, uma qualidade de vida, segurança financeira, que cá em Portugal, enquanto ator, é muito, muito complicado.

Nos Estados Unidos, onde tenho vários amigos, por muito que não estejam a fazer projetos interessantes como eu estou, e eu não trocava o que estou a fazer por isso, mas a nível financeiro tu consegues fazer uma vida como um working actor em LA, fazes um anúncio e estás bem durante um ano, fazes um papel pequeno numa série, ou protagonismo numa série e estás fixe durante 10 anos só com residuals.

Em Portugal isso não existe, é quase como um recomeço cada vez que acabas um projeto, mas pronto... Não trocava isto por nada!

Lembro-me da tua citação em que dizes que há um “Hunger Games” nas Artes em Portugal.

Exato, é uma consequência de sermos pequenos, não é intencional, mas falta união. Por exemplo, a greve que houve há pouco tempo nos Estados Unidos dos argumentistas e dos atores, acho que em Portugal seria muito difícil isso acontecer. Acho que há uma competição natural, porque o mercado é tão pequeno, há tão pouco trabalho que é uma competição inata, infelizmente, que nos vira uns contra os outros, quando na verdade nos devíamos unir, mas a realidade é esta, a que está toda a gente a travar. A realidade é survival.

Há poucos projetos que são financiados, não há investimento privado, agora talvez comece a haver um bocadinho, mas não é diferente –produz-se pouco e isto faz com que a indústria se fragmente, não haja uma união entre realizadores, entre atores, entre agentes, entre todos. É cada um a puxar para o seu lado, e isso é pena, mas é um resultado das nossas condições, não é?

Por exemplo, acho que nos falta um sindicato para os atores, que nos proteja, que alguns técnicos já têm. E estou a falar de coisas mínimas, valores mínimos, tendo em conta o orçamento de certos projetos. Juntos, porque isto é o faroeste cá, infelizmente, porque atrás de ti há cem actores que vão fazer o teu trabalho por metade do preço, até valores que são criminais, quase escravidão.

Obviamente, e eu não posso julgar, porque também a verdade é que precisas de trabalho para trabalhar e para fazer novo trabalho, e acho que é uma bola de neve que ainda não ultrapassámos que nos faz estar presos neste ciclo de injustiça.



camisola JIL SANDER
calças ETRO



camisola JIL SANDER
calças ETRO



camisola e cachecol JIL SANDER



Quero falar da importância da beleza para ti. Acho que tu és uma pessoa que por um lado admiras muito a beleza, mas por outro lado, ainda há pouco falavas do Bacon que, para mim, é um bom exemplo de anti-beleza.

Há muita beleza no grotesco. Acho que a beleza é uma coisa subjetiva. E há esta ideia universal, global, whatever, que nos é impingida, está agora a mudar com as novas tendências sociais. Para mostrar uma ideia geral do que é a beleza, acho que é totalmente criada pela sociedade capitalista em que vivemos. Não há um ideal de beleza, por muito que nos tentem vender essa ideia nos anúncios de moda e numa obsessão por cosmética. O ser humano inclui o falhanço, o triste e o feio. Isso é belo, é ser humano. E isso atrai-me imenso.

Talvez seja algo esotérico, mas a beleza, para mim, é o que nos torna humanos. Acredito que há uma ligação entre todos os seres, humanos ou não, mas especialmente humanos. Isto pode ser algo universal, que nos liga. Acho que fazemos parte de um todo que não temos perfeita noção do que é, que se há, talvez nunca iremos ter. Acho que nós somos uma célula, nós a nível global de humanidade, somos uma célula, uma parte ínfima de uma coisa muito maior.

Por muito que te continuem a considerar up and coming, o que é que tens a partilhar com quem sonhe com esta carreira? O que é que tu achas que podes dizer que seja valioso?

É uma pergunta difícil. E há cada vez mais jovens a quererem envergar para esta profissão. O mercado está totalmente saturado, aqui ou em qualquer lado. E tendo em conta o que em Portugal se produz, a discrepância ainda é maior.

O único conselho que eu acho que é justo dar e que foi o que eu ouvi de algumas pessoas e que queria ter ouvido de outras, foi para não desistir.

Acho que é necessário ter uma obsessão. Ter uma necessidade de envergar pelas artes. Para ser ator ou o que for. E eu acho que tem de haver uma necessidade para isso resultar, uma sede e necessidade absoluta de autoexpressão. Porque eu acho que há uma seleção natural que é feita. No sentido em que se tu não tiveres isso, vais perceber muito rapidamente que isto não é para ti.

Até mesmo se perceberes que tens de desistir. Se te aperceberes que tens de desistir, então desiste. Isto não é para ti. Mas acho que há uma viragem. Para mim, houve certamente.

Podes bater no fundo. E certamente baterás no fundo. Vai haver muito desespero, muita rejeição. E vais perceber ou não se essa rejeição, se essa tristeza, dureza, dificuldade, ansiedade constante, vale a pena. E essa viragem de pensamento acho que surge quando percebes que podes usar todos esses sentimentos como uma vantagem, como gasolina para ires mais longe e te desafiases a ti mesmo. Correr riscos. Quero arriscar, quero ser desafiado e levado ao limite.

O que eu posso dizer é pela minha experiência. Foi o que eu passei. E houve momentos muito duros. E continuo a ter momentos muito duros. De rejeição. De desespero. De projetos que caem. É como teres o coração partido de tempo a tempo e ainda este ano aconteceu-me algumas vezes. Tipo um mini heartbreak. Não é fácil, especialmente quando envolve projectos internacionais com pessoas que crescestes a admirar e que sabes que o processo te vai desafiar e preencher artisticamente. A tua vontade e a tua paixão pelo que fazes tem de justificar passares por isso. Se não justificar, então não faz sentido.

Não fazemos ideia de que profissões é que daqui a 10 anos vão ser relevantes ou não, por causa da AI. Não há qualquer tipo de segurança garantida na profissão que escolhes para a tua vida. Muitas pessoas acreditam que a AI vai acabar com os artistas mas, na verdade, eu acredito que talvez seja das poucas coisas que vai sobreviver – precisamente por serem tão humanas.



camisa RICK OWENS
calças DRIES VAN NOTEN



Para que servem as coisas



Depois de muitos anos fechado, para grandes obras estruturais no edifício, o MUDE reabre. Tem sido aos poucos, gerindo muito bem as expectativas e afirmando desde já que é um espaço aberto multidisciplinar com uma grande centralidade e que está além de um espaço cristalizado em torno de uma coleção de design de grande valor. Assim a exposição inaugural que decorreu no andar térreo falava sobre o próprio espaço ao longo dos tempos desde a sua função original, de bloco habitacional pombalino, até as adaptações consequentes que decorreram até ao momento que se transformou na sede de um banco, o Banco Nacional Ultramarino, que na década de 50 levou obras de grande vulto. Sob a orientação do arquiteto CRISTINO DA SILVA o programa da arquitetura de interiores juntou os melhores artistas da época que realizaram uma obra de grande qualidade que se tornou representativa da mestria das artes aplicadas vividas na época.

A exposição inaugural levou-nos ao seu piso térreo tendo ao longo desse percurso revelado, antes de mais, um majestoso balcão em pedra preta polida, talvez o elemento simbólico mais relevante de uma antiga instituição bancária, talvez ainda presente na memória coletiva do lisboeta. Por milagre escapou à ruína vítima de uma conceção de museu antecedente que defendia uma apagação generalizado de todas as particularidades e memórias do espaço, propondo uma sala tipo white cube, tudo ao contrário do que podemos ver hoje, onde somos confrontados com a impúdica nudez do espaço que revela as várias camadas da história do edificado. A atual direção do MUDE, procurou que refletíssemos sobre os vários estratos desse local até como extensão da história da cidade no tempo. Nessa exposição podemos encontrar elementos sobre a evolução do edifício, dando grande destaque para os anos 50 quando o edificado levou grandes obras em consonância com a relevância de uma sede de um banco importante. A Curadoria não se poupou a esforços dando uma dimensão arqueológica, reunindo o mobiliário original, tanto o que mobilava os gabinetes dos funcionários, como os da direção da sede do Banco Nacional Ultramarino. Revelam-se assim peças criadas e produzidas em Portugal, envolvendo aos mais importantes designers portugueses da época, revelando o imputo transformador que se vivia em certos sectores dentro de um país que imaginamos no essencial conservador.

MUDE
Museu do Design e da Moda

Rua Augusta, 24 – Lisboa
Ter. – Dom.
10h – 19h

11€ (adulto)
5,50€ (estudantes, 13-25, maiores de 65)

www.mude.pt

Passada essa fase de referencia à estrutura arquitetónica do MUDE, chegou o momento de falar da exposição *Para que Servem as Coisas*, apresentada como de longa duração e que tem como objetivo principal mostrar a coleção do MUDE e como tal, será durante algum tempo a exposição principal. Só não é permanente dada a dimensão da coleção e a possibilidade de se poderem de formar outras perspetivas igualmente relevantes. Com a curadoria da diretora do MUDE, BÁRBARA COUTINHO, a mostra *Para que Servem as Coisas* pode ser vista como um percurso evolutivo entre núcleos representativos que condensam o pensamento, movimentos ou períodos temporais. Algo que percorre uma ideia evolutiva modernista que tem início em 1900 chegando aos nossos dias. Todos os grandes ícones do design de produto e de moda estão em geral presentes e nesse sentido, esse percurso há tanto um sentimento de surpresa como de reconhecimento de peças que apenas vimos reproduzidas em imagens difundidas em revistas e livros especializados. Esta coleção que tem como ponto de partida o acervo desenvolvido por FRANCISCO CAPELO, foi adquirida pela Câmara Municipal de Lisboa e contém peças de grande qualidade, peças originais, peças únicas que tornam este conjunto uma referencia em qualquer parte do mundo.

O percurso oferece-nos ainda uma visão de contextualização com a realidade portuguesa, um trabalho essencial dado que os meios de difusão das áreas culturais, ontem como hoje foram e são muito insípidas não conseguindo chegar ao domínio público. Por essa razão, essa perspetiva traz-nos mais surpresas e desperta a curiosidade de conhecer mais sobre o que se revela a título nacional. Por exemplo, um vestido em organza transparente de 1930 desperta-nos a curiosidade e o interesse de querer saber mais sobre uma tal DELFINA MARQUES. Uma modista? Inquirimos intrigados. Ao lado de uma cadeira *Thonet* para dar um contexto temporal e não longe de uma portuguesíssima cadeira tipo rabo de bacalhau, para não perder contexto local.

Nesta exposição é claro que a ideia de um país ideal progressista é presente mas vivido no essencial por uma elite mais informada que olha para fora e procura estar a par. Nesse sentido é muito sintomático a mobília de quarto que THOMAZ DE MELO desenhou para a família Roo (1942). O MUDE expõe o toucador e o guarda-fatos desse conjunto onde imediatamente encontramos ressonâncias a peças de GIO PONTI, mas que entram perfeitamente a imagética nacionalista 1930-1950, cristalizada na proposta de RAUL LINO, quando o regime da época ainda se mostrava empenhado num fim regenerador da cultura portuguesa com alguns laivos de progresso modernista.

O design contemporâneo também está presente na mostra até porque o design nacional mesmo que exíguo nunca desapareceu e reaparece após o 25 de Abril como elemento essencial para a imagem de um país aberto, totalmente integrado nos ideais da cultura ocidental. Temos então presente uma primeira geração que surge de uma formação que agora pensa o design como disciplina independente. Contudo, é uma geração com dificuldade de chegar à produção industrial que nos idos de 80, tal como hoje, parecia uma miragem. Nesse sentido o que podemos ver da época são projetos com

edições muito reduzidos e mais uma vez destinados a uma elite. Nesse sentido, é emocionante estar a frente do Iglo de FILIPE ALARCÃO, uma peça icónica que sobrevive ao tempo e que desperta grande curiosidade. Também de referir as peças de FERNANDO BRÍZIO que no seu conceptualismo consegue desenvolver uma poética ímpar.

Esta exposição e a coleção fazem com que o MUDE ocupe uma centralidade no panorama museológico nacional. Já se viu que pode acolher a programação de grandes eventos que venham de fora, e as solicitações devem ser mais que muitas e não estranhas à sua localização, entre o Rossio e a Praça do Comércio. Não podia ser mais central e por isso é de esperar que seja cada vez mais transversal que possa chamar vários públicos e nesse sentido, tornar-se um ponto de passagem cada vez mais obrigatório na cidade. Esperamos ainda pela abertura do serviço de restauração previsto para o seu rooftop com uma vista sobre a baixa de 360 graus. Promete vir a ser um hot spot da cidade.

texto
foto

Francisco Vaz Fernandes
Luísa Ferreira



FRANCESCO

SAL



PENNA

Decorria o ano de 2019 quando nós na Parq nos debruçamos para a questão do aumento de cirurgias estéticas entre os 18 e 25 anos.

Certo dia questionei-me como é que iria a moda das intervenções estéticas 5 anos depois... Vi o FRANCISCO SÁ PENA na capa da FORBES, e pelo que li iam bem, cada vez melhor. Mas porquê? O que é que aconteceu? Qual é a mentalidade das pessoas que procuram intervenções estéticas? E não, não é crítica. Aqui defendemos que toda a gente está a dar o seu melhor para se sentir no seu melhor. Mas claro, queremos saber muito mais. Por essa razão liguei novamente ao FRANCISCO SÁ PENA, a sua autenticidade foi algo que me marcou desde aquele dia algures em 2019. Mas agora fomos mais longe... O que mudou? Quem é que já se operou ou não? Qual é o futuro da estética? Quais os melhores cremes? E o que é que está a bombar forte ao nível de tratamentos estéticos? E preços, aquilo que ninguém fala, mas nós falamos.

E para sentirem a naturalidade desta conversa, aqui fica integralmente tudo o que foi dito. Vírgula por vírgula. Se há coisa que nos orgulha é a nossa transparência para quem nos lê, e dos nossos entrevistados. E num mundo de estética que se mantenha a coerência e a aceitação de quem somos, do que fazemos, dizemos e sonhamos um dia ser!

Olá Francisco, olha, conta-nos aqui um bocadinho, de uma forma resumida, o percurso, a história da NB Clinic.

Ok, então, a NB Clinic começou e primeiramente abria no Bioclinic em 2018, 2017-2018 e depois em 2021 criei um rebranding que foi a NB Clinic, pronto, eu sempre preferi este segundo, a primeira era um protótipo, digamos assim. O percurso foi de facto, quando comecei na Bioclinic, tudo era diferente no mundo inteiro, era mais fechado, o mundo era mais fechado nesta área, já existia, mas não havia muita comunicação e nós já tínhamos falado sobre isso há uns anos.

Agora, a evolução do projeto, como é que dá o salto?

Dá o salto em 2020 para 2021 com a Covid. Basicamente as pessoas começaram a estar em casa, a olharem para si toda a hora em espelhos fechados, começaram a ver coisas que não viam antes e sobretudo começaram a estar mais ligadas ao telemóvel e à comunicação cibernética. Parte das pessoas, que as pessoas começaram a pensar: "ok, como é que eu trato-me a melhorar da minha pele? O que é que eu posso não gostar em mim?" Isto vem despoletar coisas negativas e positivas, os exageros de alterações físicas, tanto como se calhar as pessoas terem mais awareness de skin care, terem mais noção. E a partir daí o meu negócio.

Foi...expandiu, não é?

Sim.

Desde a última vez que falámos, como é que sentes que tem sido a evolução da estética em Portugal? Ou seja... Nós falávamos em...2019, exatamente.

Foi em 2019, sim.

O que é que tu sentes que evoluiu na estética em Portugal, do modo geral, não só ligado à NB Clinic, da tua visão, porque tu tens uma ótima visão e foi isso que te trouxe aqui.

Sim, acho que é incrível ver a abertura da mentalidade a nível da estética. Existe uma evolução clara que nós estamos a ver, finalmente, que é a evolução da mentalidade. Finalmente pessoas que tinham muitos preconceitos e que já tinham mais de 40 anos, a maior parte, e que diziam que ainda não, ainda não, ainda não, lá após 60, 65, 70 anos, finalmente começaram a perceber que dá para prevenir imensas coisas antes de chegar a essa idade, dá para tratarmos da nossa pele e mesmo prepararmos a nossa pele para um futuro facelift nessa altura, que vai ter muitos melhores resultados porque tens uma pele melhor. Isso tem sido incrível de ver, mesmo em meios que nós não estamos à espera, mas muito conservadores, muito fechados, que estão a abrir as portas publicamente em relação a isto, já se está a normalizar as pessoas falarem entre elas. É incrível ver também no público mais velho, digo mesmo, 55, 60 anos, eu ouvia muito isto, já não há nada a fazer, já não posso fazer nada, pronto, estamos a falar de pessoas que se calhar nunca iam fazer um facelift e diziam já não posso fazer nada e eu vim, eu e acho que todas as clínicas no geral em Portugal, da estética, vêm-me mostrar agora publicamente que isso não é verdade, tu

podes ainda tratar muita coisa, não é a mesma coisa, but it's not over, nós podemos melhorar a tua vida.

Ok, achas que isso também tem que ver, falando aqui abertamente, preços?

Sim. Preços.

Qual é a intervenção mais comum?

A intervenção mais comum é botox e preenchimento labial. Gira à volta dos 320, 300€. Há sítios que às vezes cobram...

Ok, e quanto tempo é que dura?

6 meses, 3 a 6 meses, 3 a 6 botox, no máximo 6, mais do que isso não, e preenchimento labial 1 ano.

Achas que as pessoas tinham a ideia de que esses procedimentos eram mais caros? Antes? E que talvez fosse isso que nos levasse a não arriscar?

Assim, isto é uma pergunta já um bocado complicada, porque acho que sim, mas quando se habituaram a estes preços também querem mais baratos e depois vão à procura de uns que são 180, 100 e que lhes dão três vezes mais problemas. Quando é para ti lembra-te que tu só tens um corpo e uma pele, tu não queres saber do preço, como é óbvio depende sempre da tua circunstância de vida, mas por exemplo, eu tenho uma paciente que chega aqui e larga mil euros e é indiferente, como por exemplo, tenho uma miúda e aquilo faz-lhe muita falta e é importante para ela, ela vai juntar o dinheiro. Às vezes tenho pacientes que me dizem assim, eu não vou já, mas em novembro, dezembro estou aí porque estou a juntar para ir fazer o meu preenchimento labial. É importante para elas, porque autoestima, valorização, valorizarem-se elas próprias, sentirem que estão a mudar alguma coisa, que estão bonitas, que não estão paradas, faz parte do estímulo.

Então, achas que neste momento, as coisas estão mais caras? Ou seja, acaba por ser a prioridade de alguém, da mesma forma como há pessoas que todos os meses que têm 100€ para o ginásio?

Qual é o teu mindset? Qual é o teu tipo de self-care? Onde é que tu queres investir? Aquilo que tu guardas, aquilo que tu juntas, queres gastar aonde? E também vou sempre dizer isto e direito de todas as entrevistas que eu dou. Gasta-se em álcool. Então, pronto, a pessoa gasta em álcool porque quer. Então pronto, mas é uma prioridade. Gasta-se em tabaco. Então, mas gasta-se nas drogas, gasta-se nas...Estás a perceber? Tem a ver com prioridades. Têm prioridades. E esse dinheiro que o paciente gastou em tabaco, em álcool, se eu o guardar, dá-me uns fáceis 320€. Há pessoas que são assim, há pessoas que não são assim, nós não podemos ter tudo na vida.

Eu também queria ter uma coisa, mas também não posso porque estou a fazer X. É isso que define. Isto aqui é óbvio, eu adoro viajar e, portanto, gosto tanto de viajar, estou sempre a viajar, a aprender com outras coisas.

Exatamente, é a prioridade de cada um. Agora, que temos de assumir algo, sobretudo agora, em 2024, para a frente, nós estamos a viver uma era de alterações gigantes na nossa mentalidade. O ano de 2024 tem provado desde o início do ano que as mudanças estão a ir a cataclismos e isto vem a mostrar uma coisa nova que é o self-care saudável está na moda. Está na moda nós gostarmos de nós de uma maneira mais saudável, mais prioritária e sem tantos exageros. Uma coisa mais orgânica e a medicina estética tem altos e baixos em exageros e agora está naquele médio que eu gosto. Eu estou-me a identificar com esta era que é trata de ti de uma maneira tranquila, de uma maneira ponderada, ter bom senso: O bom senso está na moda este ano, está-se a mostrar que é, vamos descobrir novas coisas, vamos descobrir novas técnicas, novas maneiras de pensar, isso para mim é a maior evolução da humanidade a nível estético até agora, isso tem sido incrível.

Dá-nos uma sugestão, isto não estava previsto, mas por acaso ouço as pessoas perguntarem, geralmente a maquilhadores... um bom creme, um bom creme para miúdas com 20 anos, um bom creme para miúdas com 30 anos, um bom creme para miúdas com 50 anos.

Então, um bom creme hidratante, não é?

Hidratante que tu recomendes diariamente. E aqui o objectivo é dar aos 20, aos 30 e aos 50 um bom creme para cada uma dessas gerações.

Eu diria que para miúdas um must have de uma jovem, diria Kiehl's All Day Cream, depende do tipo de pele, atenção, que eu depois tenho que consultar o dermatologista delas, mas tu tens dois tipos. Tens um All Day Cream. E depois tens para peles oleosas No Oil Free Water Based Cream. Ok, em Kiehl's. É light, não é pesado, não tem fórmulas de muitos químicos, é uma coisa

mesmo jovem. Para pessoas de 30 anos eu recomendo Advanced Hydration Skin Ceuticals porque os primeiros sinais de envelhecimento começam a partir dos 26, 27, eles manifestam-se devagar E a partir dos 30 há ali uma quebra, sobretudo em pacientes de sexo feminino, a quebra de colágeno. E a SkinCeuticals ajuda muito na reposição, depois associada a outros produtos deles, de sérums, mas o creme deles, depois envio para ti, agora não estou bem a saber o nome exato, mas eu mando-te o creme deles, mas é Advanced Care da SkinCeuticals Hydration. Para 50, por experiência, aquilo que nunca falhou até hoje e não falha é a Guerlain.

Sério? Sim, a Guerlain não falha. Atenção, a melhor marca do mundo de skincare privada, cientificamente, é a SkinCeuticals, sem dúvida. Mas a Guerlain tem um produto deles, chama-se Orquídea Imperial, que é um muito, muito bom... mas é muito caro.

300€ ou mais, não é? Eu tenho um e tipo, quando eu uso... eu faço, e quando uso aquele creme eu fico com um lifting na cara... E da SkinCeuticals para mulheres com 50 anos, também há um, é um 50 plus, é mesmo 50 plus advanced care. A SkinCeuticals é a minha marca preferida de skincare.

E em termos de preços, varia de quantos a quanto? Se querem poupar e têm uma boa genética, Nivea. A Sofia Alves só usa Nivea.

A sério? Sabias? A Sofia Alves só usa Nivea. Ela não faz mais nada. Sabes porquê? A Nivea é usada na fórmula da Guerlain.

Não fazia ideia. Sabes que a pessoa que criou a Guerlain foi uma das pessoas que trabalhou na Nivea. E a fórmula da Nivea é a mesma coisa na Guerlain mas com o alvo. É uma coisa que quase ninguém sabe. Se eu escrever isso, se nós agora escrevermos isto na revista, vai toda a gente comprar latinha azul. E se quiseres, eu não sei até que ponto é que isto é cientificamente verificado, mas é muito falado, é muito falado. Mas digamos que para coisas mais baratas, temos cremes que funcionam bem da Avène, temos algumas coisas boas, temos a Bioderma.

Há uma marca que agora que toda a gente está a falar que é a Ceravê... Por exemplo, olha, bom exemplo, exactamente. Mas isso não é creme, é mais gel de limpeza. Sim. Mas se queres uma marca low budget que funcione para tu começares, e tu ainda não tens uma skincare avançada vai para uma Ceravê, acho que sim. Quando queres coisas mais avançadas e estás disposto a isso, passas para uma Kiehl's. Ok. Para mim a melhor preço-qualidade é Kiehl's, não é cara e a qualidade é estrondosa e cientificamente provada. O laboratório da Kiehl's, ou seja, o marketing da Kiehl's é o mesmo marketing da SkinCeuticals, portanto é só pensarem. Simplesmente não podem estar juntos na maneira como se expõe.

Já temos aqui uma ideia, não estava previsto, mas é uma coisa que as pessoas questionam, e portanto percebemos aqui desde o mais barato ao mais caro e passando por diferentes públicos... Obrigada Francisco! Há uns anos falavas que as miúdas e mulheres que chegavam aqui à tua clínica, com fotografias da Kim Kardashian, Bella Hadid e Kylie Jenner. Neste momento quem são as referências? Porque houve ali um over!

Um over! Todas pela Europa têm todos os mesmos lábios e a mesma cara. E na altura era verdade.

Foste a primeira pessoa que me disse isso. E depois eu comecei a reparar e era tudo verdade. Na altura eram as referências: A Bella Hadid, a Kim Kardashian e a Kylie Jenner. Verdade. E agora? Kylie Jenner fora. Já foi. Já não é. A única dessas que se mantém é a Bella Hadid, porquê? A Bella Hadid é um ícone quase... eu falei dela há pouco tempo, até na página, fiz uma crítica em relação à organização dela, uma crítica por acaso bastante positiva, mas a Bella Hadid não é um bom exemplo... A Bella Hadid tem cirurgias desde muito cedo, tem alterações quase impossíveis de atingir. A Bella Hadid é metade árabe, metade holandesa, é



uma mistura muito exótica, já ela por si, antes das cirurgias. Os árabes têm muito boa predisposição, é muito fácil trabalhar a cara deles, a lombar, o estilo de rosto, mais uma beleza nórdica junta, é muito exótica. Logo, não estamos só a falar de cirurgias plásticas, a base dela já era exótica, depois ela fez alterações. E ficou perfeita. Ela ficou tão perfeita que ela parece um alien, ela não parece um humano.

Em termos de corpo, por exemplo? Não, não pedem Bella Hadid. Eu ia-te dizer, a segunda pessoa que veio muito à moda, muito, muito, muito, muito mesmo, é a Kendall Jenner.

A sério? As pessoas adoram a Kendall. Gostam muito dela. Quando falam de Kardashians, é a Kendall para trás, a Kendall para a frente, porque a Kendall tornou-se um quase...“Ah, ela é a Kardashian natural, zero natural, mas...”

É que ela está muito operada, não é? Sim, está muito operada, mas as pessoas gostam da Kendall Jenner, já não é tanto a Kim, as pessoas já não falam na Kim, já não falam na Kylie, falam na Kendall, falam em tudo aquilo que é tipo, ah, ela mexeu, mas está bem natural. Olha, pessoas que têm falado muito, Christina Aguilera, têm-me pedido muito...

Ok. Pedem muito, mas as miúdas mais novas. Sim, as miúdas agora pedem-me Sabrina Carpenter, Madison Beer...É, por aí.

Ok, já agora vamos aqui a um pequeno quiz. Diz-me três personalidades de pessoas em Portugal que estejam mexidas, e que seja tão discreto que poucas pessoas sabem, mas que o teu olho clínico permite ver. Pessoas que mexem, mas que estão naturais. Isso é difícil. Porque há pessoas, estou a pensar, Mais velhas...As pessoas mais velhas, não é? A Sofia Alves nunca fez nada, tenho a certeza.

A Sofia Alves nunca fez nada? Não. Uma pessoa que eu não tenho a certeza... Catarina Furtado. Ah, sim, olha, boa. É isso mesmo. Fez? Fez, claro. Fez, mas está perfeita.

Silvia Alberto? Sílvia Alberto... Sim, já deve ter feito ali umas coisinhas muito subtis, está maravilhosa. Se fez, ninguém percebe.

Bárbara Guimarães? Não é o meu tipo de referência.

Mas já fez alguma coisa? Claro, já fez e nota-se.

Liliana Campos? Boa, um ótimo exemplo. Outro exemplo, Liliana Santos...

Ah, ela é amorosa, estive com ela há relativamente pouco tempo. Liliana Santos. Maravilhosa. Isso, isso é o melhor exemplo. Ela é um bom exemplo, é um ótimo exemplo. É uma mulher que trata, faz... Ela sabe andar nisto. Depois, Jessica Athayde, para mim, é um ícone. Não é muito fácil ter a pele da Jéssica.

Ok. Porquê? Não é fácil, porque ela tem uma pele muito branca e sardenta, hardcore, quase russa, não é? Para mim, os três ícones que eu escolheria, não sei se se pode usar ou não, de... nem precisas de dizer que é mexeram na cara, de natural beauty, que depois se mexeram ou não é com elas, é Catarina, Jessica e a, não vamos pôr a Liliana, a Fernanda Serrano, estás a perceber? Ok. Estas três pessoas, eu fico... Jessica Athayde, Catarina Furtado e a Fernanda Serrano. São três ícones diferentes, altamente diferentes umas das outras. Ok, sem dúvida. E que tu ficas tipo ok, isto sim está a ser bem acompanhado.

Neste momento, depois de todo o crescimento, o que é que ainda pretendes criar ou achas que ainda falta criar em Portugal e que tu vais ser o pioneiro? Então, o que é que eu acho que falta? Até agora consegui instituir nas pessoas que tu podes alterar o que tu quiseres, que não tens que ser julgado, muda o que tu quiseres, quando quiseres deixo que seja por ti, isso era o meu primeiro passo, que era quebrar barreiras, depois tratar da pele, agora vamos para a terceira, que é a saúde levada ao limite. Eu gosto, eu sou mesmo obcecada por isso, por saúde. Eu gosto até onde é que nós podemos ir com a nossa saúde e bem-estar. O meu próximo foco em Portugal será, sem dúvida, eu apostar na medicina hiperbárica. A medicina hiperbárica é importantíssima na manutenção dos seus órgãos na cicatrização, no teu

bem-estar, na tua respiração, no teu desenvolvimento muscular e é zero explorado em Portugal. A câmara hiperbárica renova celularmente, faz bem ao cérebro, faz bem ao teu... é 100% oxigênio no teu corpo, renovação celular. Isto vai ser o futuro.

Fala-nos dos seus projetos de expansão fora de Portugal.

Ok, fora de Portugal os meus projetos são sem dúvida o Medio Oriente, já tinha falado disso.

Sim, falaste isso na Forbes, abertamente.

Exato. Mais focado ali em Arábia Saudita, por aí, porque sinto que querem, gostam, eu tenho bons desenvolvimentos lá, gosto da maneira como eles trabalham, identifico-me com a maneira como eles estão a começar a trabalhar nesta área e sempre foi do meu interesse, eu sempre gostei muito do Médio Oriente e nunca escondi isso.

Por ser um mercado com muito dinheiro?

Sim, mas sobretudo porque há muita gente que tem uma ideia premeditada do Médio Oriente e que acha que eles são muito close-minded em tudo. Isso é mentira. A parte do Kuwait, Qatar, Arábia Saudita, que estão um bocado mais à parte desta situação de guerra, eles estão em extremo desenvolvimento e, para além do poder, eles têm poder de compra. Eles não têm a produto. Eles não têm pessoas em quem confiar. E eles gostam de interlaçar as conexões que têm com produtos europeus. Isso é muito interessante para mim, eu gosto, identifico-me com a maneira como eles trabalham, claro que o poder de compra é muito importante, mas eu gosto também como a mentalidade no Médio Oriente está a mudar de ok, agora tratar, porque eles eram os primeiros a ser muito exagerados nos filmes, eles eram...

A sério?

Sim, se faz ver as celebridades árabes de 2004, assim... Tudo em exagero, muito exagero estético. A Elisa, que é uma das melhores cantoras de lá. E agora não. Começou no Dubai, porque é sempre aí que começa, e depois lá por fora. E eu quero, gosto muito.

Se puderes adivinhar uma tendência estética para daqui a dois anos, qual é que vai ser?

Dois ou três anos vai ser...Invisible procedures, que é tipo..., mais hardcore, que é, tu vais ver uma pessoa com 50 anos undetectable, exatamente, undetectable procedures e há pessoas que vão dizer assim, ah, mas então é porque ela não fez nada, fez mas em poucas quantidades. Não, ela fez... Os lasers, os ultraformers, mais os bioestimuladores vão criar.... Esquece, os fillers de alteração, vai ser... A tua pele vai estar em tão boas condições, fora do normal que tu vais parecer tipo porcelain. Sem alterações físicas. Isto vai ser a tendência daqui a dois anos.

Através de laser?

Apenas. Através de fillers também, mas em quantidades minúsculas, com muita água, com muito leves, nada densos, não esquece a água, muito pouco densos. Mas sim, à base de lasers, à base de biostimuladores injetáveis, de escultura, de radiese diluído, vai ser estes produtos bem trabalhados com bioestimuladores como Ultra Farmer, Fotona, Pico para remover manchas, BBL, estes vão ser o futuro para totais undetectable procedures.

Francisco, terminámos a entrevista, obrigada, até daqui a dois ou três anos a confirmarmos a teoria.

entrevista
foto

Patrícia César Vicente
Inês Melim

EDGAR

*A força do amor pela
Sétima Arte*

entrevista
fotografia
styling
hair&makeUp

António Barradas
Lucas Fonseca
Silv3r Studio
Beatriz Texugo

MORRIS



shoes 1017 ALYX 9SM
latex socks DEADLY COUTURE INC

Nasce em Coimbra a 25 de Junho de 1989, aos dois anos muda-se para a cidade Invicta, onde fica até 1996. Após o divórcio dos pais, vai viver com a avó para a aldeia de Quintãs, perto do Fundão. Nos 5 anos em que lá vive, descobre a beleza das pequenas coisas e aos 12 muda-se para a Covilhã. Surge aí um fogo mais forte por aquele primeiro amor pelo cinema, através dos filmes copiados do videoclube, graças ao acordo silencioso com o dono. Foi esse mesmo cinema que o salvou da solidão e da dura realidade de viver com a mãe numa cave com água a escorrer pelas paredes.

Enquanto os amigos escondiam e levavam jogos ou brinquedos, Edgar fazia-o com os filmes. O plano era simples: um supermercado, uma caixa de cereais e lá dentro um filme, porque o dinheiro escasseava e o cinema falava sempre mais alto. Uma janela para o mundo. Aos 14, depois de quatro anos a vender uma revista de cinema, de autoria própria, fotocopiada na escola, consegue juntar dinheiro para comprar uma televisão, um leitor de dvd e um sistema de som. A mãe não ficou radiante, mas a força da paixão pelo grande ecrã levou a melhor.

Anos mais tarde, na Escola Profissional de Teatro de Cascais, volta a ligar-se a um videoclube, desta vez trabalhando lá. A imersão neste paraíso para cinéfilos levou-o a copiar centenas de filmes, fazer scan das capas e a ser despedido no entretanto. Tudo pelo amor ao cinema.

Não há outra forma de começar, Edgar: depois de toda uma infância ligada ao cinema, podemos dizer que todos os sacrifícios e malandrices valeram a pena? A sério?

Vão valer. O cinema facilita a percepção de que o que vivemos já passou, que o que estamos a viver já foi, é uma memória. Um filme é uma memória fabricada, mas que mesmo assim faz parte do passado. O cinema oferece-nos esse presente. Os bons filmes lembram-me de que não preciso de filmes. É por isso que são indispensáveis.

No livro que estou a ler, o “Flores” do Afonso Cruz, ele diz: “viver não tem nada a ver com isso que as pessoas fazem todos os dias. Viver é precisamente o oposto, é o que não fazemos todos os dias” (Cruz, Afonso 2015). E eu quero-te perguntar se sentes que é mesmo isso.

É algo que me pergunto várias vezes, mas para o qual não tenho resposta, para ser honesto. Mas essa noção de tempo está bastante presente na minha vida e ajuda-me a definir ao que me dedico em determinado dia. Mais agora do que tinha estado no passado.

Ou seja, tu sentes que rotina é viver da mesma forma ou que tens de te forçar a “desrotinar” esse quotidiano?

Sinto que o que faço é à conta de bastantes sacrifícios. Muitos deles têm a ver com isso, com o que é a vida. E sinto que às vezes estou a sacrificar coisas que talvez no futuro me venha a arrepender. No sentido em que há experiências que eu acho que não estou a ter ou que estou a perder pelo que estou a fazer.

Sendo tu actor/realizador quero-te perguntar onde é que tu achas que vives mais? Se achas que vives mais no palco, à frente das câmaras ou atrás delas?

Tento fazer a separação o máximo possível. Varia um bocado, de tempo para tempo. Neste momento, sem dúvida, mais atrás (das câmaras). Quando estou à frente das câmaras tento estar só à frente das câmaras. O último filme que filmei, que estou a montar agora, entro também como actor, e foi extremamente desafiante. Foi essa dualidade que tive que ter, que é eu ter que estar à frente das câmaras ao mesmo tempo que tenho que estar atrás. Enquanto estou à frente a ideia é não ter muito a noção do que está ao lado. É um pouco como aquela frase da árvore no meio da floresta. Ser actor é um pouco ser a árvore. Ser realizador é mais poder ver a floresta toda. Foi extremamente desafiante trocar de um para o outro, neste último filme.

Ser a árvore e a floresta, não é?

Certo. Portanto, depende muito. Neste momento, diria mais atrás. Estou bastante envolvido nos meus projetos, que estou a montar, que realizei. E a nível do que é ser actor, a minha paixão pela representação e o meu respeito pelo cinema são tão grandes, que já não consigo fazer ou aceitar fazer tudo aquilo que me aparece. Não me interessa. Há vários castings e vários projetos que me aparecem e já sei que não me vão dar nada, não vou gostar. Não tenho nada para dar a esses projectos, também. Eu não sou esse





shoes 1017 ALYX 9SM
latex socks DEADLY COUTURE INC



jumper custom JOÃO BENGALA
shoes 1017 ALYX 9SM
latex socks DEADLY COUTURE INC

tipo de actor. Não sou o tipo de actor de ficar satisfeito em fazer o que me aparece. Precisa de haver algo mesmo muito interessante neste momento. Não foi sempre assim, mas é-o actualmente.

A nível profissional, foi primeiro a representação. Estou a falar mesmo no nível literal e profissional. Fiz um espectáculo no São Luís, do Luís Miguel Cintra, quando tinha 15 anos, o “A Tragédia de Julio César.” A nível do que comecei a fazer em casa, acho que foi mesmo a realização. Lembro-me, aos 4 ou 5 anos, de ter descoberto que podia gravar coisas com um leitor de cassetes VHS em casa, foi a partir desse momento que tudo mudou. Comecei a gravar cenas, depois aprendi a programar o gravador VHS para gravar os filmes que queria ver e que passavam à noite, aqueles que não podia ver. Comecei a ver desde muito novo tudo o que passava na TV, e o que fazia era usar uma pastilha elástica para tapar a bolinha. Fui apanhado várias vezes com pastilha elástica no ecrã a tapar a bolinha vermelha (risos).

Também acho que não (risos). Foi nesse momento que comecei a ter essa veia de realização. A primeira curta-metragem que fiz, não profissional, foi aos 16 anos, só com amigos e com a minha Handycam. Depois montei, finalizei e pus no YouTube. Só mostrei a alguns amigos. Passado um ano ou dois anos, voltei a vê-la e achei que era tão má que apaguei do YouTube. Já não tenho registos (risos). É mesmo uma lição para o futuro. Mesmo que no momento sintas que tens de meter de lado, não olhes, mas não apagues. Não sei se vou poder encontrar a curta de novo.

Tens razão. Eu acho que a vida em si é bastante solitária. Mesmo quando estamos acompanhados, é um acto solitário. Como é que eu lido com isso? Acho que é essa a razão pela qual estou interessado em cinema. Essa também é a magia do cinema. É a possibilidade de que, mesmo que por um segundo, consiga fazer com que estejamos mais acompanhados. Mesmo com pessoas que já não estão vivas, que viveram há imenso tempo.

No início? Não faço ideia. Aconteceu tão naturalmente. Para ser honesto, acho que ainda estou a tentar perceber qual é a razão exacta pela qual o faço. Sei que o cinema é a minha vida.

Consigo mesmo dizer isso, porque é verdade. Para o melhor e para o pior, há dias em que detesto o que faço e não é um mar de rosas. Tenho sofrido imenso ao fazê-lo, mas sei que é a minha vida. Acho que tem qualquer coisa a ver com aquilo que tu disseste, de encontrar a conexão, de sentir-me menos sozinho e uma ligação não só com o resto do mundo e as outras pessoas, mas também comigo mesmo.

Eu acho que sim, que o actor é o que representa, mas também acaba por se tornar o que representa e aquilo que não é. Acho que as duas coisas são verdade. É uma metamorfose, uma coisa que, dependendo do papel que estás a fazer, da personagem que estás a fazer, há imensas coisas que aprendes e acabas por crescer com a personagem. Há coisas que eu acabo por guardar da personagem e que aprendo. O oposto também é verdade.

Sim, e há outras coisas, e há partes de cada personagem que ficam também em mim. Acho que é uma troca mútua, que existe entre algo fictício e o actor.

Edgar, pegando-te exactamente nisso, tu disseste que amas a representação, apesar de agora estares mais na parte de trás das câmaras, ou seja, no backstage de tudo. Mas onde é que começaram os teus primeiros passos?

(risos) Hoje em dia já nem existe bolinha vermelha, eu acho.

É engraçado dizeres-me que começaste pelo cinema, usualmente não é assim. Queria saber um bocadinho melhor sobre representar. O quão solitário é ser actor ou representar? Porque mesmo que tu estejas rodeado de pessoas, acaba por ser um processo teu. Um processo de construção, de aprendizagem. Como é que lidas com isso?

Podemos dizer que representar é uma dicotomia: estás só, mas fazes para dar companhia aos outros. Quando tu começaste a ver, a representar e a fazer, o teu objetivo era qual? Era de criar histórias?

“O poeta é um fingidor que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”, dizia Fernando Pessoa. E o actor? É um fingidor? Ele é o que representa? Como é que é isso?

Então cada personagem é um Edgar diferente? Ou é o mesmo Edgar? Cada personagem tem partes diferentes do Edgar. E que ficam contigo para depois tu seres o Edgar?



pants ISABEL MARANT
hoodie & tshirt OFF-WHITE
trench coat MICHAEL ANDREWS



denim shorts LEVI'S
faux leather chaps HARLEY DAVIDSON

Remontemos agora aos Estados Unidos. Em 2007, acabado de fazer 18, foste para lá a primeira vez. O que é que tu esperavas? O que é que querias?

E com inocência viver o sonho, certo? O teu sonho. 16 anos depois, como é que está esse sonho?

Tens dividido a tua vida entre os Estados Unidos e Portugal. Além do que é óbvio, onde é que tu vês as maiores diferenças? Falando sobretudo de cinema.

Sentes que o cinema português é um bocadinho ostracizado por nós? Talvez pelos motivos que dizes, a divulgação ou o facto de associarmos a um "cinema lento" ou de serem aqueles filmes mais para rápido consumo, percebes? Se calhar falta algo intermédio em Portugal.

Falemos do filme no qual participaste com o teu irmão "A Cup of Coffee and New Shoes On". Como é que foi essa experiência? Sobre tudo porque vocês, além de serem irmãos gémeos, eram ambos estrangeiros num filme albanês.

Fui aos 18, porque podia ir sem pedir autorização aos meus pais, que não me iriam dar. Não sei se o teria feito hoje... Certamente não com esta idade. Foi algo que aconteceu talvez pela inocência que tinha na altura. Ainda bem que a tive. Primeiro, fui para ver como é que era LA (Los Angeles). Para ter uma ideia da cidade. E... deixei tudo. Fui quase sem dinheiro nenhum, acabei por fazer amigos lá, que se tornaram família, fiquei a dormir em vários hostels durante muito tempo. Meses e meses. Eles tinham uma data máxima para estar no hostel, então tinha de ir trocando. Há uma lei qualquer que não permite que se fique nos hostels mais de 20 dias seguidos, então mudava de hostel para hostel por volta de Hollywood. Foi bastante difícil, mas parte foi inocência. Queria muito sair de Portugal.

Está ótimo. Muitas coisas mudaram. O sonho foi-se clarificando mais. Embora a base seja a mesma paixão, venha do mesmo sítio e esteja presente da mesma forma. Eu adoro os Estados Unidos. Adoro. Sinto que sou metade americano em todos os sentidos. Só nos bons (risos). Cresci lá, a minha idade adulta foi toda passada lá, o meu primeiro amor foi lá, as primeiras aventuras foram lá. O cinema inclui-se também, como é óbvio. Adoro o cinema mundial, europeu, mas também o cinema americano. Particularmente o independente, com especial foco no dos anos 70.

Em quase tudo. Vou tentar ser o mais positivo possível para ambos os lados. Em Portugal há uma diferença enorme, que é o apoio público ao cinema, que é fundamental e acho que a América devia ter. Sem dúvida. Por outro lado, acho que Portugal teria muito a ganhar se houvesse incentivos ao investimento privado. A falta de incentivos complica um pouco mais as coisas, porque não há filmes portugueses que tenham feito muito dinheiro de retorno que, a nível de investimento privado, é o que atrai. Acaba por ser "uma pescadinha de rabo na boca". Ou seja, não há investimento, não há retorno; não há retorno, não há investimento. Portugal tem um problema muito grande, que é o financeiro, em que não há dinheiro suficiente para fazer os filmes de forma certa. Não há. Mesmo com os apoios do ICA (Instituto do Cinema e Audiovisual), não é o suficiente. Acabamos sempre por ter que adaptar os projetos ao orçamento, o que limita bastante, especialmente a visibilidade depois de estarem feitos. O que acaba de sofrer mais, infelizmente, é o marketing e a publicidade aos filmes, que é essencial. É essencial não só para ter um retorno financeiro, mas para poder chamar as pessoas aos cinemas. E é um dos maiores problemas que o cinema português tem é o não haver publicidade que leve as pessoas ao cinema. Eu vivo numa bolha e os artistas e os realizadores vivem numa bolha, na qual estamos entre nós na maior parte das vezes. O que estou a tentar dizer é, para quem não está dentro da área, para eles estarem interessados em ver filmes, têm que saber sobre os filmes. E eu acho que não é feito o suficiente para esse tipo de exposição e publicidade.

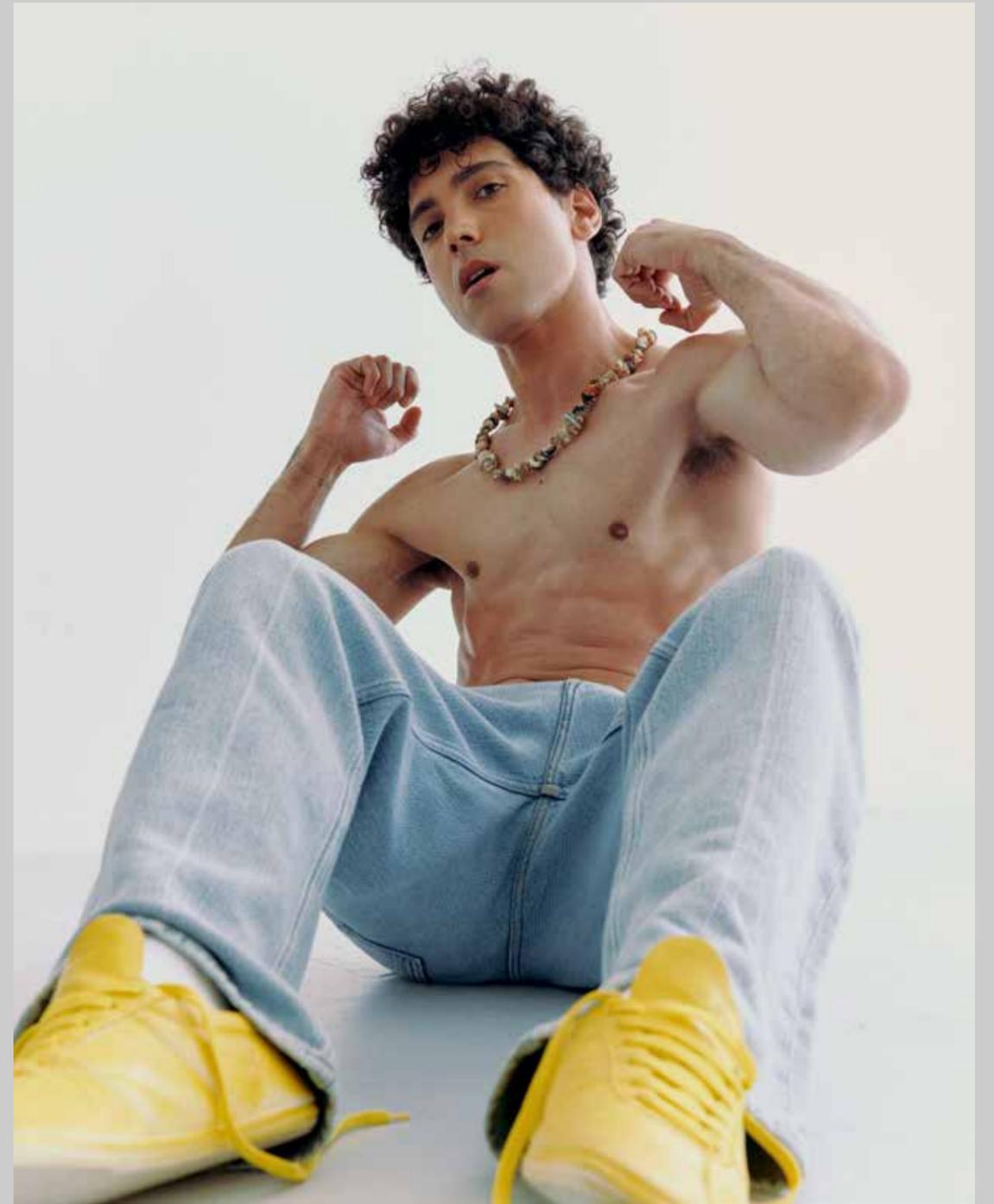
Sim, sim, concordo que o cinema português seja ostracizado por alguns espectadores por essa razão, já ouvi isso antes. Mas muito injustamente. Lento como? Quem diz isso não deve ter visto muitos filmes na vida.

Foi intenso. O realizador abordou-nos online, estava à procura de gémeos já há algum tempo. Ele viu centenas de gémeos pelo mundo inteiro, americanos, espanhóis. Contou-nos sobre o projeto. No início estava um pouco relutante em levar ao projeto a sério, porque é comum ter propostas de trabalho para personagens gémeos, que não me dizem nada. Para mim não me interessa se a personagem é gémea ou não, desde que o projecto me cativa.



suit JIL SANDER
sunglasses MIAMI
flip flops HAVAIANAS





jeans OUR LEGACY
sneakers MIAMI
jockstraps AMORABLE

Como foi esse enredo que te cativou?

É baseado numa história verídica de dois gémeos. As personagens poderiam ser só irmãos. Não há nada na narrativa ou no filme que obrigue a que fossem gémeos. Pode tornar o filme mais interessante, mas não é extremamente necessário. Foi um desafio enorme. No início estava bastante assustado em fazer o projeto porque, para além da responsabilidade óbvia de fazer esta personagem extremamente complexa como indivíduo, tive que ganhar imenso peso para o papel, tive também que aprender a língua gestual albanesa, uma vez que muda de país para país.

Processo difícil, aprender uma língua não falada baseada numa língua que não conheces.

Certo, não é universal. Há palavras que são semelhantes, mas não é universal. Aprender uma língua não é fácil, foi muito intenso. Tivemos 9 meses, duas vezes por semana, a ter aulas através de Zoom, depois foram dois meses de ensaios na Albânia, com a Fundação de Surdos Mudos local, foi excelente. A partir do momento em que o Gentian (realizador) me disse que ou eu fazia o filme, ou o filme não existiria, foi aí que eu comecei mesmo a ganhar confiança no projecto e decidi fazê-lo. A coisa mais importante para um realizador é ganhar a confiança dos actores e ele conseguiu fazer isso comigo e com o meu irmão.

Numa entrevista que li do Rafael, o teu irmão, diz que recebem muitas propostas para explorar o facto de serem gémeos, mas que ele também prefere manter as cenas separadas. Pensas que é uma forma de manter mais identidade própria enquanto artistas, fugindo um bocadinho ao que é mais comum acontecer?

Não penso muito nisso. Não há nada que eu faça ou que não faça com a ideia de me diferenciar dele. Sou mesmo muito diferente. Os projectos que me interessam, não são os que lhes interessam. Não temos os mesmos gostos, a minha drive no cinema não é a mesma que a dele. Também foi essa razão que fez com que fosse tão interessante trabalhar com o Rafael num projeto tão intenso como o "A Cup of Coffee and New Shoes On". Não faço escolhas para tentar ser diferente.

Venceste o prémio de Melhor Actor no Festival Internacional de Cinema de Prishtina com este filme. Como foi ganhar um prémio como actor num filme em que tiveste de fazer de surdo-mudo?

Vou tentar não soar cheesy de forma alguma (risos). No momento da estreia, na Estónia, no Festival Tallinn Black Knights foi a primeira vez que vi o filme e aí percebi, pela reação das pessoas, que o filme ia ter sucesso. Tocou as pessoas de uma forma muito especial. Nos 20 minutos depois do filme as pessoas ficaram a chorar. Aí pensei: foi este o maior prémio de todos. A partir daí já estava a ganhar. Eu acho que o cinema é uma forma de arte tão pessoal para quem o faz. Assim o é para mim, não só os trabalhos que eu faço como realizador, mas também como actor, preciso que sejam pessoais, que me toquem de alguma maneira. Só isso já é óptimo, mas quando começa a atingir as outras pessoas de qualquer forma, de uma forma intensa, é a coisa mais bonita do mundo.

Não foste cheesy. Quando o actor representa, representa para si, mas também o faz para causar impacto no outro.

Qualquer que seja o impacto. É, isso eu concordo

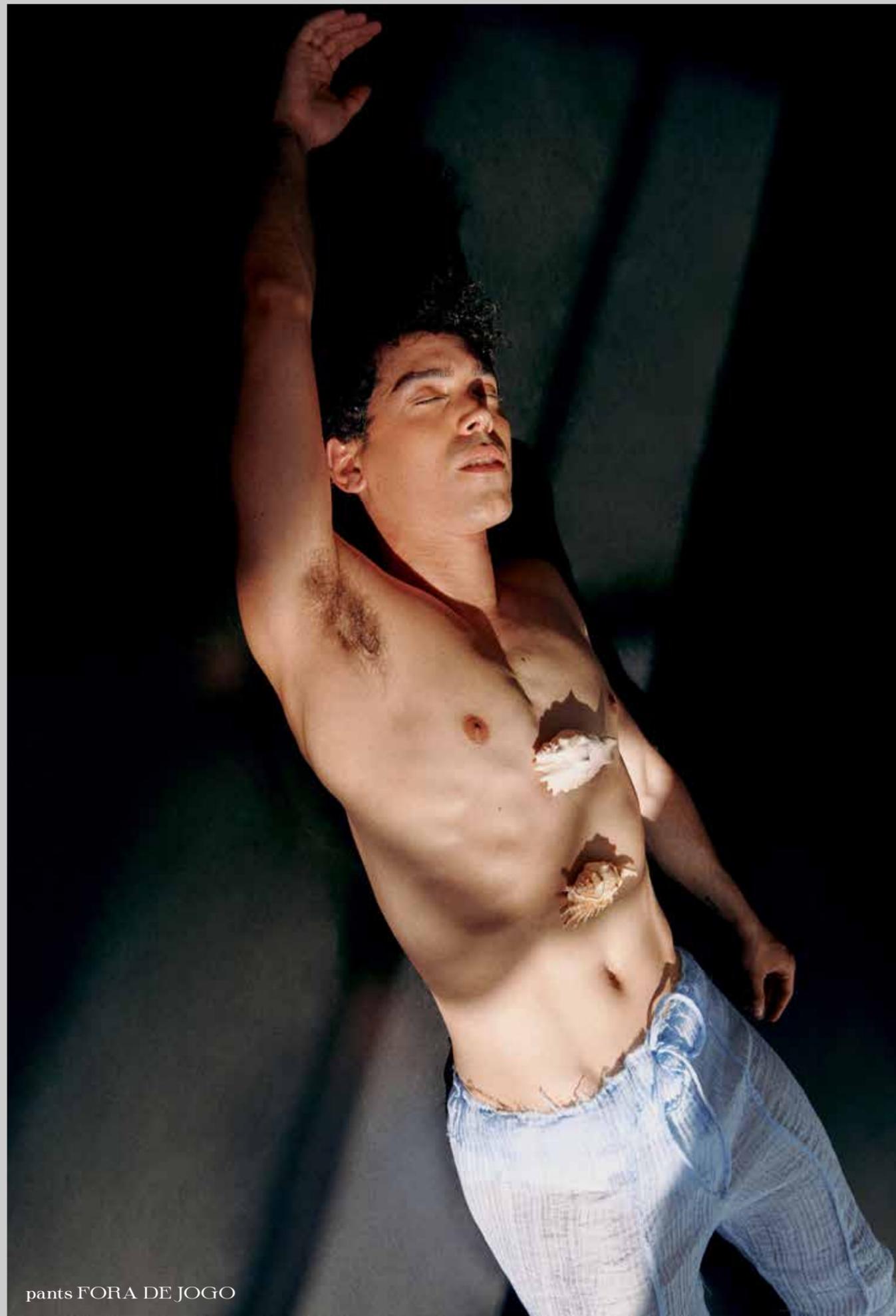
Depois do prémio, estiveste do outro lado da barricada, como jurado do Festival Fest, em Espinho, onde também apresentaste a tua exposição fotográfica "It Lasts Forever".

No cinema é mais fácil avaliar ou ser avaliado?

Ser avaliado, sem dúvida. Para mim é muito mais difícil ter que estar a julgar o trabalho das outras pessoas por duas razões: não só porque sabes o quão importante um prémio poderá ser para certos realizadores; mas também porque acaba por ser mais fácil ser crítico e analisar o meu próprio trabalho do que o dos outros. Consigo aceitar uma crítica positiva ou negativa muito melhor do que quando a tenho de dar. Deve ter um pouco a ver do meu lado autocrítico. Começo a criticar-me e ao meu trabalho muito mais quando tenho que estar a analisar o trabalho dos outros, é óptimo também para aprender imenso, porque fica muito mais fácil para mim perceber aquilo que eu faço.

Podemos dizer que te sentes mais confortável em ser avaliado, mas o que tu mais gostas de fazer é construir algo avaliando-te.

(risos) Isso mesmo. Não é um mar de rosas!



pants FORA DE JOGO

Como é que tem sido esse processo todo de representar no estrangeiro? Qual foi a melhor actriz/actor com quem contracenaste?

A realização é claramente a área do cinema na qual estás mais focado, certo? O *We Won't Forget* (2021) foi o teu filme mais recente, e é uma curta-metragem; o próximo o *You Above All*, será uma longa.

Tiveste de fazer com que as pessoas da aldeia representassem. Não foi difícil?

O que muda no processo de uma curta para uma longa? É-te mais difícil ter um plano mais restrito?

Já falámos um bocadinho do futuro, agora voltando ao passado, como é que foi criar o *We Won't Forget*? Como é que foi a tua inspiração? Como é que sentiste quando viste efetivamente que “ok, isto saiu, isto está aqui”?

Esta pergunta vai ser respondida em breve. Eu juro que depois respondo (risos)

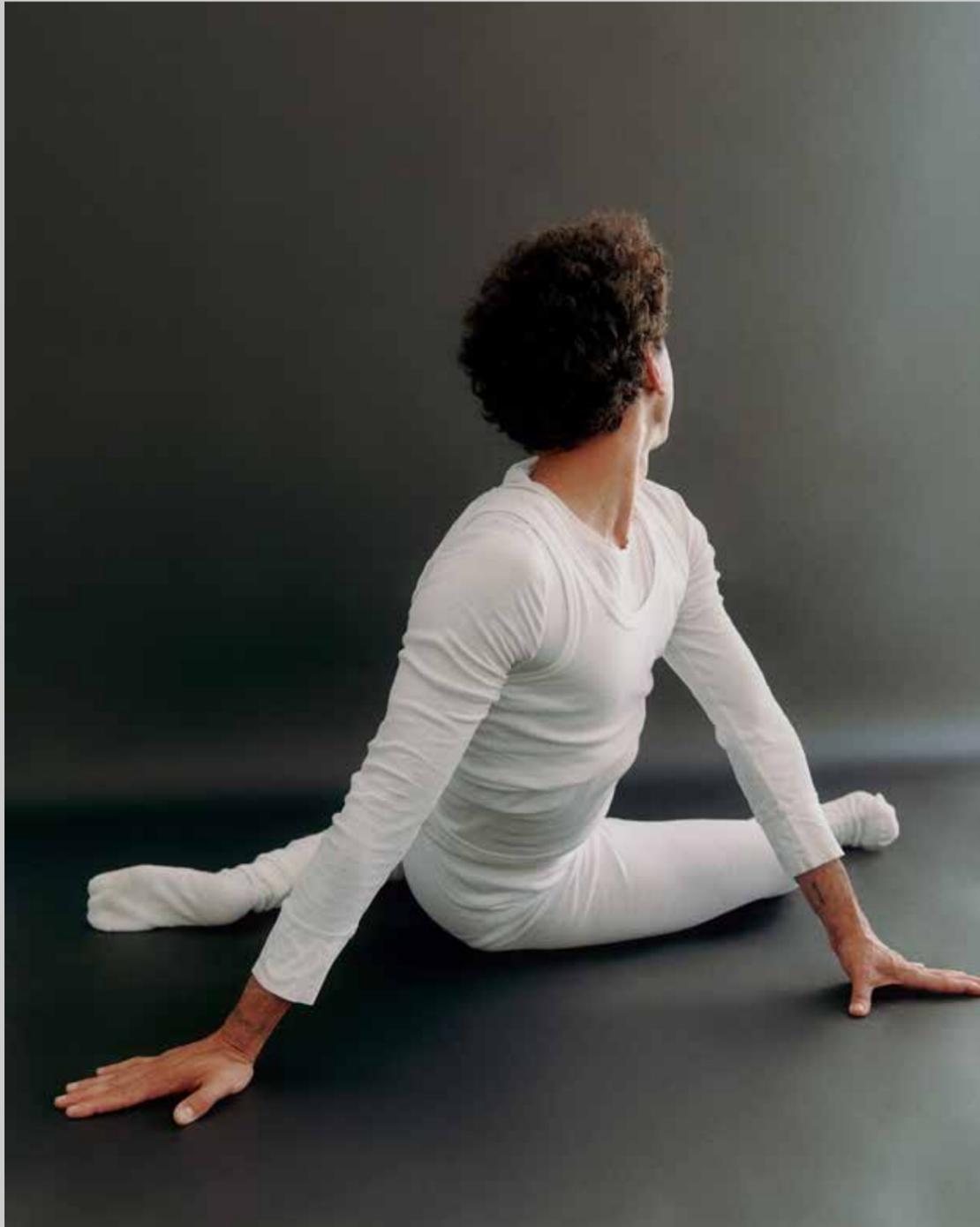
Não diria isso, penso que o meu foco está tanto na representação, como na realização. Estou a co-realizar com o Luke Eberl e decidimos abordar este projeto de uma forma extremamente não ortodoxa em Portugal. Começámos a filmar em película, na aldeia em que cresci, sem termos o financiamento total para finalizar o filme. Fomos usando, e estamos a usar, o que vamos filmando para conseguir arranjar o resto do dinheiro. Por duas razões: uma delas, sabíamos que precisávamos ter alguma coisa para mostrar, para conseguirmos o financiamento que precisávamos; a outra prende-se com o facto de estarmos a trabalhar com dinheiro dos Estados Unidos também, temos mesmo de mostrar alguma coisa. Decidimos que era muito mais fácil fazê-lo e não estar a esperar três anos para ter o dinheiro todo. Filmámos durante mais de cem dias não consecutivos, durante o período de um ano. Com actores profissionais e actores não profissionais que moram na aldeia, pessoas da aldeia.

Não, foi muito fácil. Mais difícil o contrário. Como disse, também estou no filme como actor. Quando colocas actores profissionais com pessoas que não são actores, na maior parte das vezes acaba por se notar mais nos actores profissionais. Eu falo por mim.

Acabo por ser eu a ter que trabalhar mais para conseguir chegar ao ponto dos actores não profissionais. É incrível a naturalidade. Sabem que estamos a filmar, sabem que é uma câmara, mas para eles é como se fosse uma torradeira. Não têm a noção de que estamos a filmar para a esquerda, ou para a direita. Foi mais orgânico para eles e um desafio maior para os actores profissionais conseguir manter o mesmo nível de realismo neste filme. Porque acaba por contrastar mais a performance do actor profissional tendo uma pessoa que é tão natural como a vida real, percebes?

Acaba por ser o mesmo, sabes? Quando estou a filmar, e mesmo agora a montar, a diferença não é muita. Tento perceber, antes de escrever o filme ou de começar a trabalhar nele, se vai ser longa ou curta, mas as coisas vão mudando. A minha longa, se tivesse que acabar por ser uma curta, faria uma curta. Então, o que eu estou a dizer é tentar ser o mais flexível possível e fazeres o filme pelo que é. Não pelo tempo. E não pela duração, e não tentares estar preso num tempo, porque eu acho que isso vai acabar... Se estiveres preso por um certo limite de tempo, ou um mínimo de duração, vai acabar por influenciar o filme de uma forma negativa. Por exemplo, quando eu fiz o *We Won't Forget* não sabia se ia ter 10 minutos, 15, 20, 30. Acabou por ter 14, mas a primeira versão da montagem tinha 20 e poucos minutos, e não fazia ideia, nem sequer me interessava saber.

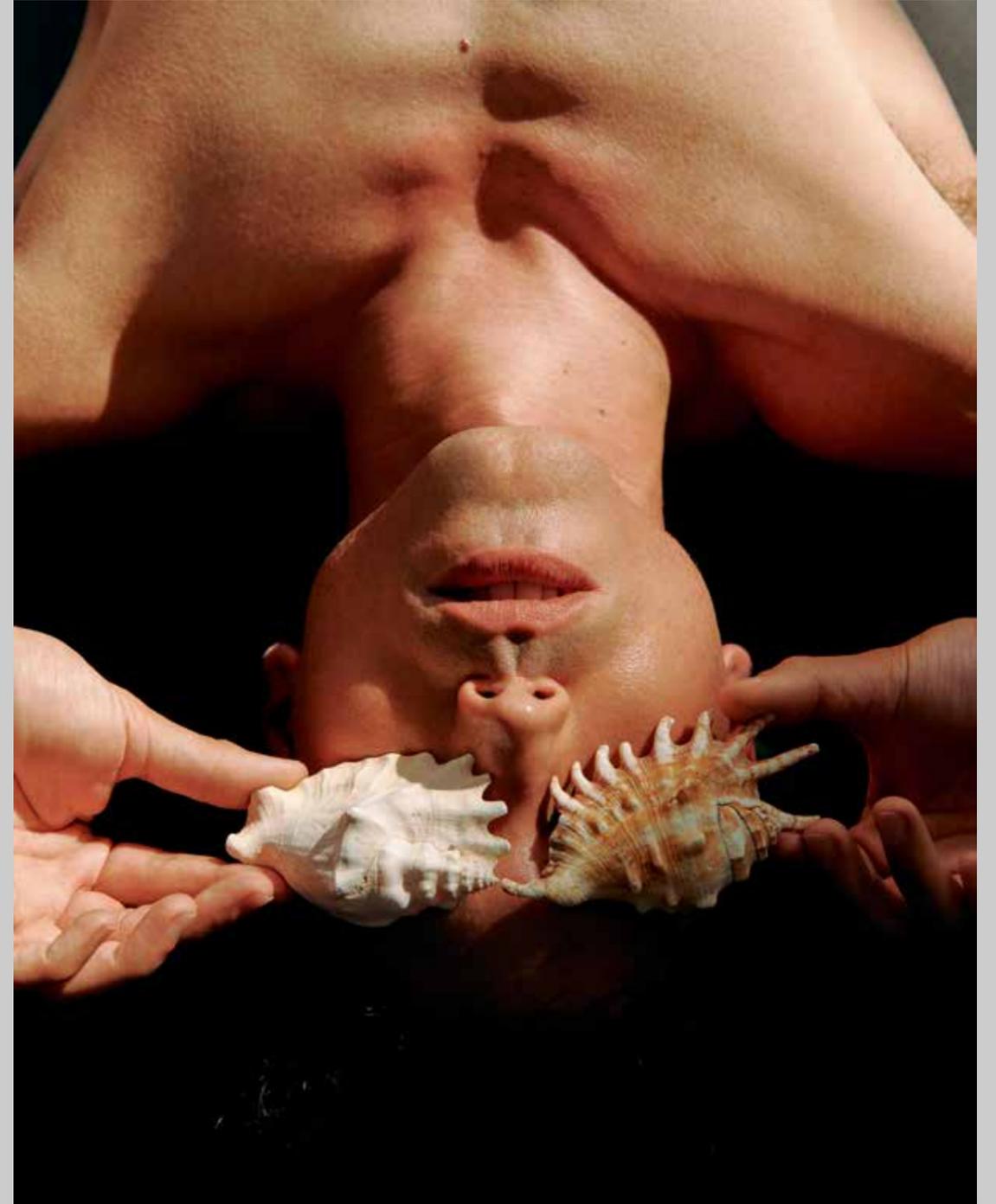
A ideia aconteceu na festa de anos da protagonista, Whitney Able, com quem escrevemos o filme. Eu, o Luke e a Whitney escrevemos todos em conjunto durante 5 meses, uma vez por semana encontrávamo-nos para trabalhar. Surgiu uma conversa onde estavam vários actores amigos meus e estávamos a falar sobre o quão difícil é hoje em dia estarmos confortáveis nos bares e em discotecas, especialmente em Hollywood, porque há sempre alguém a filmar ou a fotografar. A ideia surgiu devido a esse sentimento de haver sempre a sensação de que há alguma coisa a gravar para o futuro, ou que há sempre uma gravação do que se está a passar. E depois foram vídeos, aqueles de freak outs que existem bastante no TikTok ou no YouTube. E fizemos uma mostra disso. A ideia foi comentar um pouco ou explorar a ideia do que é um espaço privado e de que forma nós somos cúmplices com o que vemos na internet ou com o que filmamos. Para mim o *We Won't Forget* é um filme sobre cinema, mais de tudo. A forma como uma câmara pode ser usada com a melhor das intenções, com a pior das intenções



long sleeve & tank top CDLP
long johns ERL
socks TEKLA



pants FORA DE JOGO





long sleeve & tank top CDLP
long johns ERL
socks TEKLA



cashmere jumper RECTO
shorts TEKLA



pants ISABEL MARANT
hoodie & tshirt OFF-WHITE
trench coat MICHAEL ANDREWS

Isso torna toda a experiência muito mais recompensadora, não?

Despedidas por ti?

A diferença do “Edgar Realizador” versus o “Edgar Actor” sente-se mais em que aspectos? Digo isto porque quando és realizador tens um controlo maior, ou seja, a tal “floresta” que tu vês, podes cortar aqui esta árvore, adaptar ali, mas se tu és uma “árvore”, dificilmente podes fazer mais do que dar frutos, percebes?

E tu consegues fazer isso? Ou seja, eu meto uma câmara à frente, tu és o “Edgar Actor”.

Diz-se no cinema: show, don't tell. Onde é que tu aplicas isso nos filmes que fazes, por exemplo?

E mesmo do diálogo, às vezes não se conta tudo e vai-se dando a entender.

Olha, aproveitando e fazendo já a rampa para o final, sei

ou sem intenção, mas é algo que acaba por ter uma moralidade por trás. O facto de usarmos uma câmara para filmar ou para fazer um filme, ou filmar os nossos amigos, ou filmar alguém que esteja a ter um ataque na rua, acaba por nos fazer parte do que está a acontecer. A nível de experiência, foi a segunda vez em que foi tudo produzido por nós, desde o início até ao final. As submissões para os festivais, ter tratado tudo para a promoção, design dos posters, trailer, foi tudo feito por nós.

Sem dúvida, sem dúvida, sem dúvida. 100%. Estou extremamente orgulhoso mesmo de mim, do Luke e da Whitney, um orgulho enorme, mas não é sustentável continuar a fazer sempre isso no futuro, porque é extremamente difícil e desgastante. Há uma razão pela qual o cinema é um trabalho de equipa, embora seja teoricamente possível fazer sozinho. É muito difícil. Filmar a longa foi muito difícil. Tanto a nível de cansaço, como de dormir duas horas por noite, de carregar, montar e desmontar equipamento, tratar dos almoços, lidar com os transportes, ir buscar os almoços ao mesmo tempo que filmava à frente e atrás da câmara, foi extremamente desgastante. Parte da equipa foi despedida no início.

Por mim e pelo co-realizador. No festival Fest, estava com o realizador Kenneth Lonergan a falar sobre a mesma coisa, em que ele acredita imenso em despedir pessoas quando é necessário. Porque é o melhor para toda a gente, é o melhor para o projeto, é o melhor para elas, é o melhor para nós. E foi o que aconteceu. Há pessoas que não são certas para o projecto, não por uma razão necessariamente má. A partir do momento em que sabes que o projeto vai ser melhor com determinadas pessoas não estarem presentes, ou estarem outras, tens de fazer o que é melhor para o filme. Não é uma questão de guardar rancor, de forma nenhuma.

Quando estou a representar é mesmo tentar apagar completamente a noção do que está a acontecer à minha volta, que não esteja relacionado com a personagem. Como actor, comesas a aprender muito mais sobre o que é a parte técnica de filmar, e eu acho que é o grande truque de ser actor e da interpretação. É estares no momento, é conseguires mesmo enganar-te a ti mesmo, pensando que o que estás a fazer está de facto a acontecer. É um pouco um jogo de luzes na tua cabeça, em que tentas desligar certos botões, ou ligar outros botões para o conseguires.

Tento, tento o máximo possível. Neste filme no qual também entro como actor foi extremamente difícil, porque fiz as duas coisas ao mesmo tempo. Vamos ver como é que vai resultar. De forma indireta, enquanto estava a fazer uma cena, houve momentos em que tive de tentar direcioná-la, especialmente com os não-atores, em que tenho que estar a fazer o personagem, mas ao mesmo tempo saber que a cena tem que ir para determinada direção para fazer sentido.

Depende muito do filme, depende da cena, não tenho uma regra fixa para o que é melhor ou pior. Prefiro mostrar mais do que contar, mas depende muito, depende mesmo. Há cenas, mesmo dentro de cada determinado filme, em que o oposto poderá ser verdade. A câmara e a forma como filmas contam bastante, portanto não é preciso ser só com palavras, há a linguagem da fotografia, há a linguagem do movimento, por aí.

Certo, concordo completamente, 100%. É muito interessante tudo o que acaba por ficar subentendido.

Podia dizer tanto mais. E não esquecer o lado negativo do outro lado da moeda (Estados Unidos). Lá é o contrário: há margem para haver apoios do Estado,

que já te perguntei como é que vês o cinema em Portugal... mas a maior parte dos investidores escolhem fazer tudo através de investimento privado. Acaba por não haver apoio do Estado, de todo. Isto faz com que se “matem” os filmes em que não há a mínima possibilidade de trazer retorno de dinheiro. O que na maior parte das vezes resulta em filmes que não têm uma voz própria. Tendo em conta a quantidade de filmes que é feito nos Estados Unidos, diria que, a nível de percentagem, Portugal faz filmes muito melhores, isto tendo em conta o meu gosto pessoal. Isso está diretamente relacionado com como os filmes são financiados. A América tem filmes extraordinários, principalmente do cinema independente, alguns também em Hollywood, sem dúvida, mas a nível de percentagem, diria que Portugal tem filmes melhores.

O lado negro do investimento privado, então. Lá há muita gente a puxar para o seu lado, porque têm investimento no filme, têm um poder sobre o que está a ser feito e têm o direito de, infelizmente, dizerem “não, eu investi dinheiro, estou à espera de fazer um retorno, tenho o direito de dizer o que é que eu acho que vai trazer-me esse retorno”. A partir desse momento o filme não é de um realizador, o filme é de um realizador, de um produtor, de outro produtor e de outro produtor. Isso não aconteceu, nem vai acontecer, com os meus filmes. É possível dar a volta. Os contratos dos meus filmes são feitos à medida. Eu decido quando, onde e como. Sempre. Limita-me as opções financeiras claro, mas eu não tenho pressa.

O que achas que pode mudar ou que deveria mudar em Portugal? Além do óbvio, que são os apoios, como é que tu achas que poderíamos mudar o paradigma? Os apoios precisam de ser maiores, como disseste. É vergonhosa a situação actual. O dinheiro não chega para os filmes, quanto mais para alimentar as pessoas que neles trabalham. Se alguma vez existir esse aumentodigno de menção, uma percentagem desse montante devia ser alocado ao marketing dos filmes que mais precisam. Esse dinheiro deveria ser pago pelas grandes empresas, como a Netflix, Amazon, etc. Deveriam ter esse dever de promover também o que não é só deles, uma vez que estão a trabalhar em Portugal. Tem que existir ordenado mínimo garantido para os artistas e para o cidadão comum. Essa percentagem dos apoios, sendo aumentados, deveriam ter de ser gastos em publicidade. Sendo depois esse dinheiro pago pelas grandes empresas, como a Netflix. Deveriam ter esse dever de promover, uma vez que estão a trabalhar em Portugal.

Como foi contigo? Na última longa que fiz escrevi um outline extremamente detalhado do que íamos filmar, mas mudou durante as filmagens. Houve cenas que foram decididas no próprio dia de filmagens, houve outras cenas que não filmámos, que foram riscadas do guião, outras foram trabalhadas directamente com os actores. É isso que falta: mais espaço para poder haver financiamento para projetos não tão ortodoxos, que acabam a trazer um resultado diferente dos outros, o que é extremamente positivo.

Não achas que em Portugal se olha muito para o que é feito lá fora, mas olha-se pouco para o que fazemos cá? É tão verdade, eu sinto isso tanto, sinto isso tendo morado lá e cá, também. Eu e o Luke (co-realizador) chamamos-lhe o Foreign Syndrome. Isto não é só em Portugal que acontece, mas é mesmo verdade, nós, os portugueses, temos esse síndrome. Como é óbvio estou a generalizar, talvez eu o tenha também. Porém há aquela ideia de que se é de fora é bom, se é português é mau, o que é tão triste e não é mesmo verdade. Nós não nos devemos esquecer de uma coisa, os filmes e a música que nos chegam cá, já foram filtrados. Os filmes de lá que saem nos cinemas cá são uma amostra muito filtrada e pre-aprovada.

Nos próximos 5 anos como é que tu te vês evoluir, o que é que te vês a fazer mais, o que é que te vês a fazer menos, quais é que são as tuas vontades, mais do que desejos, as vontades? Estou a trabalhar em dois filmes agora, a longa e estou a fazer um documentário, que estou a finalizar neste momento também. Espero em breve ter o poder de ajudar na concretização de projectos em que acredito, de novos cineastas, sem estar necessariamente envolvido de outra forma neles.

Queres revelar sobre o que será o documentário? Também não quero dizer. (risos)

Não queres? Não, ainda não quero.

Podes dizer o nome? Ainda não sei o nome. Estamos a decidir agora. A razão pela qual ainda não sei o nome é porque gosto de deixar isso em aberto até ter a certeza. É sempre possível que à medida que o projeto vai avançando, coisas novas apareçam na forma como eu próprio vejo o filme e que alterem o nome. Por isso que não gosto de dizer o título.

O teu plano é acabar as duas longas? Estou já a desenvolver o próximo filme, a escrever... e não faço ideia. É tão difícil para mim planear.

O teu processo começa sempre contigo sozinho a escrever uma ideia que tens e depois a apresentar a alguém para ver o que pensam? Sem dúvida começa por mim a escrever. Começa tudo por notas, sempre. Milhares. A cada cinco minutos estou a escrever ideias. Há algumas que acabam por ficar na minha cabeça mais que outras e normalmente são essas que começo a desenvolver aos bocados. É a partir do momento em que começo a ter ideias suficientes sobre o mesmo tema que penso “isto está a pedir-me quase que seja um filme”. É mais isto do que eu próprio tomar a decisão.

Começas a visualizar as palavras em cenas? Começo a ver sinais à minha volta, no meu dia-a-dia, que parece que estão diretamente a falar do que estou a pensar. A partir daí começo a escrever o guião. Normalmente começo por desenvolver as personagens e depois vou evoluindo, mas não tenho uma fórmula. Mesmo em filmes que tenham tido um guião mais definido, como o We Won't Forget, acabo a fazer imensa parte da escrita na montagem. É a forma como eu trabalho e é a forma como quero trabalhar por agora. Deixar completamente aberta a porta de poder alterar completamente tudo. Tudo é mutável até ser definitivo.

Então, em 5 anos, acabar as longas, acabar de escrever o novo filme, mas será cá ou lá (Estados Unidos)? Eu? Uau, não sei. Não posso ter essas as respostas. Será nos dois. Há muitos factores no meio. Alguns a ver comigo, outros a ver com várias coisas, não sei. Esperemos por Novembro, pelas eleições nos Estados Unidos. Estou confiante que as coisas dêem certo, mas é possível que daqui a uns anos, se as coisas não derem certo, os Estados Unidos não sejam o melhor sítio para os artistas morarem. Esse seria o pior cenário, não querendo estar a entrar em pessimismos, é algo que vale a pena pensar.

Numa das fotografias que nós te tirámos tens uma t-shirt a dizer “I Love My Job” e nos dias que não amas o teu trabalho, como é? (risos) Nos dias em que não amo o meu trabalho? Vou dar um passeio ou vejo Pasolini, Khrzhanovsky ou um Bergman. Acho que as t-shirts deviam ter estas mensagens, para nesses dias menos bons olhares para ela e lembrares-te que, no fundo, amas o que fazes.

Então amas o teu trabalho? Sim, mas também o detesto (risos), mas o amor não é isso? Acho que o amor é ódio misturado com amor. É preciso ódio para existir amor, tenho certeza disso.

É sinal de que mexe contigo. Isso mesmo, se não mexesse comigo não me causaria este impacto.

Obrigado!



NAN GOLDIN

NAN GOLDIN,
Picnic on the Esplanade, Boston 1973.
1973. (c) António Jorge Silva

*Intimidades
em Fuga*





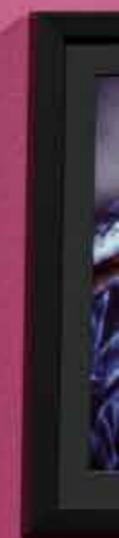
Warren and Jerry fighting,
London 1978



Suzanne in The Parents Bed,
Swampscott, Mass. 1985



Kowald on my bed,
New York City 1984



Dieter on the
Stockholm 19

NAN GOLDIN,
The Ballad of Sexual Dependency,
fotografias, instalação no MAC/CCB



French Chris on the convertible,
New York City 1979



Kenny in his room,
New York City 1979



"Variety" booth,
New York City 1983

NAN GOLDIN,
The Ballad of Sexual Dependency,
fotografias, instalação no MAC/CCB



Dieter on the train,
Sweden 1984



Picnic on the Esplanade,
Boston 1973



Cosmos and Vittoria's wedding,
New York City 1986



Lainhead with the
London 1978

Intimidades em Fuga é uma exposição que propõe como eixo central um conjunto de fotografias de NAN GOLDIN que compõem “*The Ballad of Sexual Dependency*”, um álbum de imagens que ganhou repercussão e hoje é uma referência incontornável. A sua consagração aconteceu em 1985 quando a artista norte Americana é convidada a integrar a Whitney Biennial em Nova Iorque para mostrar essa série de imagens. Até então ninguém realmente tinha ouvido falar de NAN GOLDIN que registava de forma despreziosa o seu mundo afetivo, onde surgiam amigos, jovens criativos que engrossavam o movimento underground de Nova Iorque agora deserdados da Factory de Warhol. Essa espécie de álbum de família alternativa tinha inicialmente sido conhecido como um slide show com cerca de 700 imagens acompanhado por uma banda sonora eclética que incluía CALLAS e VELVET UNDERGROUND. Foi apresentado em bares ou em espaços que NAN GOLDIN e os amigos frequentavam. Incluía imagens realizadas nos anos 70 mas estendendo-se até aos inícios dos anos 80 em passagens por Chicago, Berlim e Nova Iorque. O grau de proximidade a que chegava aos sujeitos fotografados era impressionável, especialmente porque estes sujeitos estavam dispostos a relevar de forma tocante as suas intimidades e vulnerabilidades. Podia-se pensar num confessionário fotográfico onde a própria autora aparece em auto-retratos sem filtros que evocam sofrimento. Várias vezes se fotografou depois de ser vítima de abusos, não se inibindo de mostrar feridas resultantes de casos de violência doméstica. No geral, “*The Ballad of Sexual Dependency*” revela-nos uma década de imagens e quem o percorre, imagem a imagem consegue trilhar os percursos de alguns dos protagonistas, vê-los nos registos de felicidade mas também em registos de dor e mesmo morte, já que alguns deles foram vítimas do vírus da SIDA.

É precisamente este conjunto de imagens que podemos ver no MAC/CCB, ao longo de uma parede de cor púrpura. Dada as características do espaço expositivo foi possível formar uma linha de imagens que se perde de vista e que no seu percurso consegue encetar um diálogo com os restantes núcleos de obras expostas. Intitulada, *Intimidades em Fuga*, é uma exposição que procura explorar o sentido da intimidade numa época em que uma grande parte de nós parece estar bastante disponível para se revelar na sua intimidade e ao mesmo tempo nada parece ser íntimo.

A curadora NURIA ENGUITA, reúne peças a partir dos fundos do MAC/CCB que tem por base coleções formadas no início do milénio onde as questões em torno do sujeito e das formas de representação, assim como da construção das identidades e do género estavam muito presentes no discurso crítico e que trouxeram à ribalta muito dos artistas presentes nesta exposição que favorece o registo fotográfico. São estes discursos que agora parecem ecoar nas coleções Holma/Elipse e Berardo. Neste sentido, esta exposição também nos lembra a existência de peças fundamentais na arte contemporânea que estão em acervos públicos. As séries fotográficas de SHARON LOCKHART ou RINEKE DIJKSTRA presentes nessa exposição são dois bons exemplos. Naturalmente são peças de grande impacto dentro do conjunto expositivo presente no MAC/CCB.

No caso de SHARON LOCKHART, apresenta-se a série, *Pine Flat Portrait* de 2005 um conjunto fotográfico de grandes dimensões em que temos retratos frontais de crianças de uma pequena comunidade no interior da Califórnia onde a artista viveu durante três anos. É uma fotografia de carácter documental esvaziada do cliché do momento fotográfico. É tudo objetivo e serial em que os corpos infantis no centro da imagem ganham, algo escultórico, tornando-se presenças enigmáticas. SHARON LOCKHART explora a opacidade destas imagens em que claramente temos uma superfície e um interior separados e são os observadores a ser chamados a preencher esses espaços vazios com as suas interpretações.

O valor documental também aparece na série de fotográfica de RINEKE DIJKSTRA. Desta vez temos várias fotografias de grande dimensão que contam com um único sujeito, um jovem francês Olivier Silva que estava alistado na Legião estrangeira. O que podemos ver é uma evolução marcada por diversas fardas que surgem a partir dos serviços que Olivier é chamado a fazer em diferentes países. RINEKE DIJKSTRA procura explorar a expressão da transitoriedade, da transformação, da mudança e da evolução em situações de adaptação perante o desconhecido. São imagens de enorme complexidade psicológica onde se revela uma procura pelo registo da fragilidade da condição humana perante a mudança. É interessante equacionar este registo fotográfico com tradição documental da fotografia científica e etnográfica. É também pertinente encontrar relações com outras fotografias expostas que devem a sua existência à necessidade de documentar performances. É aqui que podemos situar os trabalhos expostos de MARINA ABROMOVIC ou de HELENA ALMEIDA, onde a foto surge inicialmente como suporte para registar um corpo o elemento comum e condutor desta exposição.

Mas olhando esta exposição de outra perspetiva, encontramos igualmente uma fotografia que tem por base a tradição do foto-jornalismo, uma foto mais imediata que ganha contornos intimistas que observe muito do que se disse sobre NAN GOLDIN. Nesse sentido, WOLFGANG TILLMANS, artista de origem alemã, mas que fez grande parte da carreira em Londres é continuação de NAN GOLDIN numa sensibilidade queer masculina. Tocando a primeira fase do seu percurso, o conjunto das imagens expostas em *Intimidades em Fuga*, referem-se a uma vivência hedonista do seu autor que testemunha a imposição da cultura gay londrina. Procura definir uma identidade de grupo, no qual o artista se insere, que importa ser visível e, como tal ganha uma dimensão política. Há nesse sentido para WOLFGANG TILLMANS, há nas suas imagens uma verdade a gritar que é vivida como urgente e não se coaduna com formalismos estéticos. As imagens são impressas em jato de tinta, fixadas na parede com fita cola. São fragmentos de uma vida estilizada num mural, tal como posters num quarto de adolescente.

A questão das identidades continua em foco com a obra de FELIX GONZALEZ TORRES, artista cubano radicado em Nova Iorque, uma das figuras maiores dos anos 90 que vê o seu aclamado percurso interrompido pelo vírus da SIDA quando ainda era jovem. O seu corpo queer está no centro das suas análises e os seus trabalhos são pensados de uma forma mais conceptual, por isso não tão imediata. Ele dá ao formalismo mimimal que se vivia na América um caráter discursivo e natureza intimista. Obras aparentemente formais falam de vidas reais, nomeadamente da sua relação com o seu namorado. O conjunto de puzzles expostos em *Intimidades em Fuga* partem registos fotográficos do namorado e do seu cão assim como excertos de cartas e representam memórias, pontos-chaves de uma vida que já se via ameaçada.

Intimidades em Fuga é uma exposição que apesar do contexto histórico em que estas obras aparecem levanta questões que ainda hoje merecem ser pensadas até porque evoluíram, ganharam outros contornos que na viragem do século ainda não podíamos advinhar.



SHARON LOCKHART,
Pine Flat Portrait Studio,
2005 Col. Ellipse/Holma

SHARON LOCKHART,
Pine Flat Portrait Studio,
Instalação no MAC/CCB





Instalação de conjunto fotográfico de Rineke Dijkstra no MAC/CCB



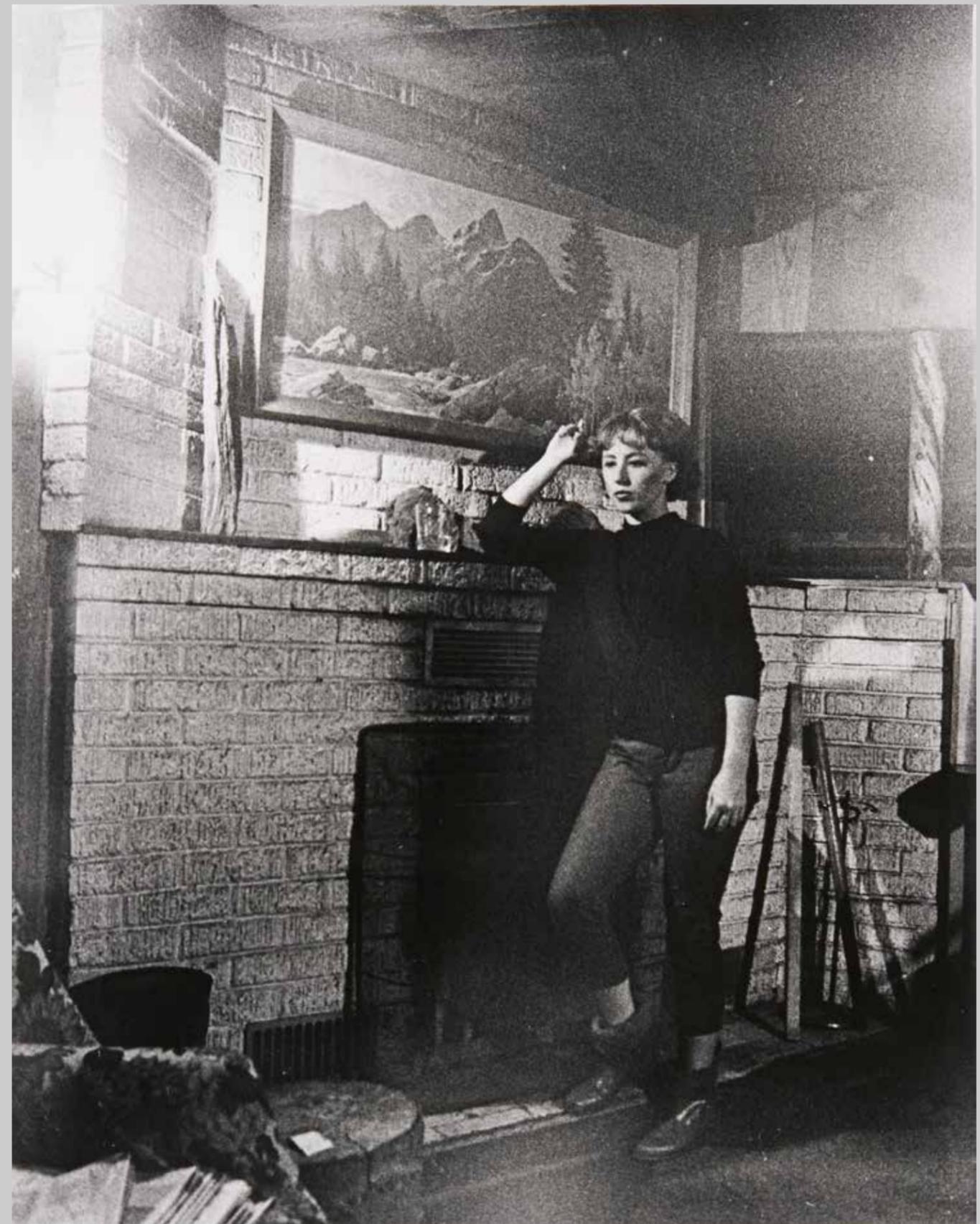
RINEKE DIJKSTRA,
Olivier, Quartier Vienot,
Marseille, France, November 30,
2000 Col. Ellipse/Holma

RINEKE DIJKSTRA,
Olivier, Quartier Monclar,
Djibouti, July 13, 2003, Col. Ellipse/Holma





HELENA ALMEIDA,
Na Experiência do Lugar II,
2004



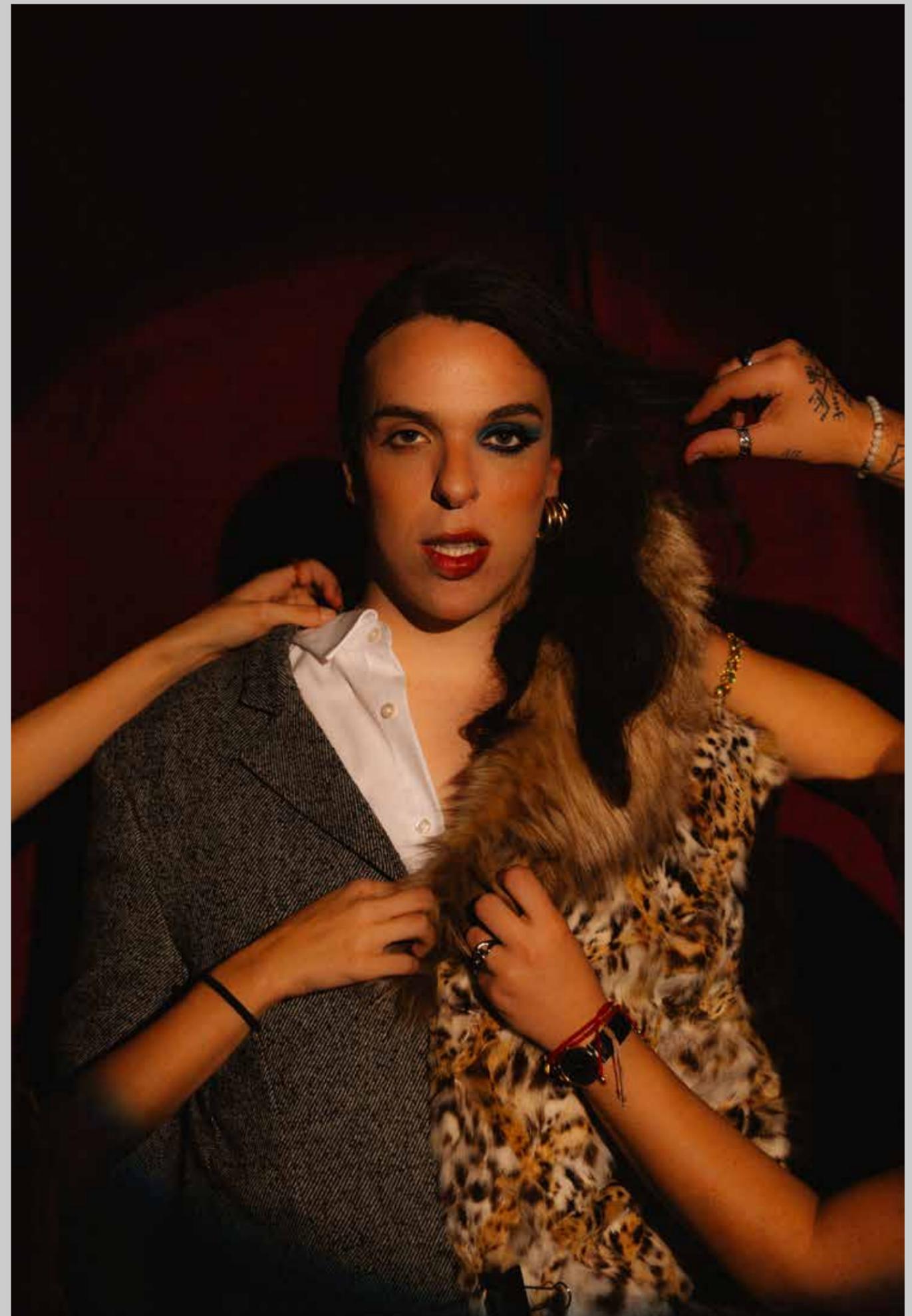
CINDY SHERMAN,
Untitled Film Still,
1979 Col. Ellipse/Holma

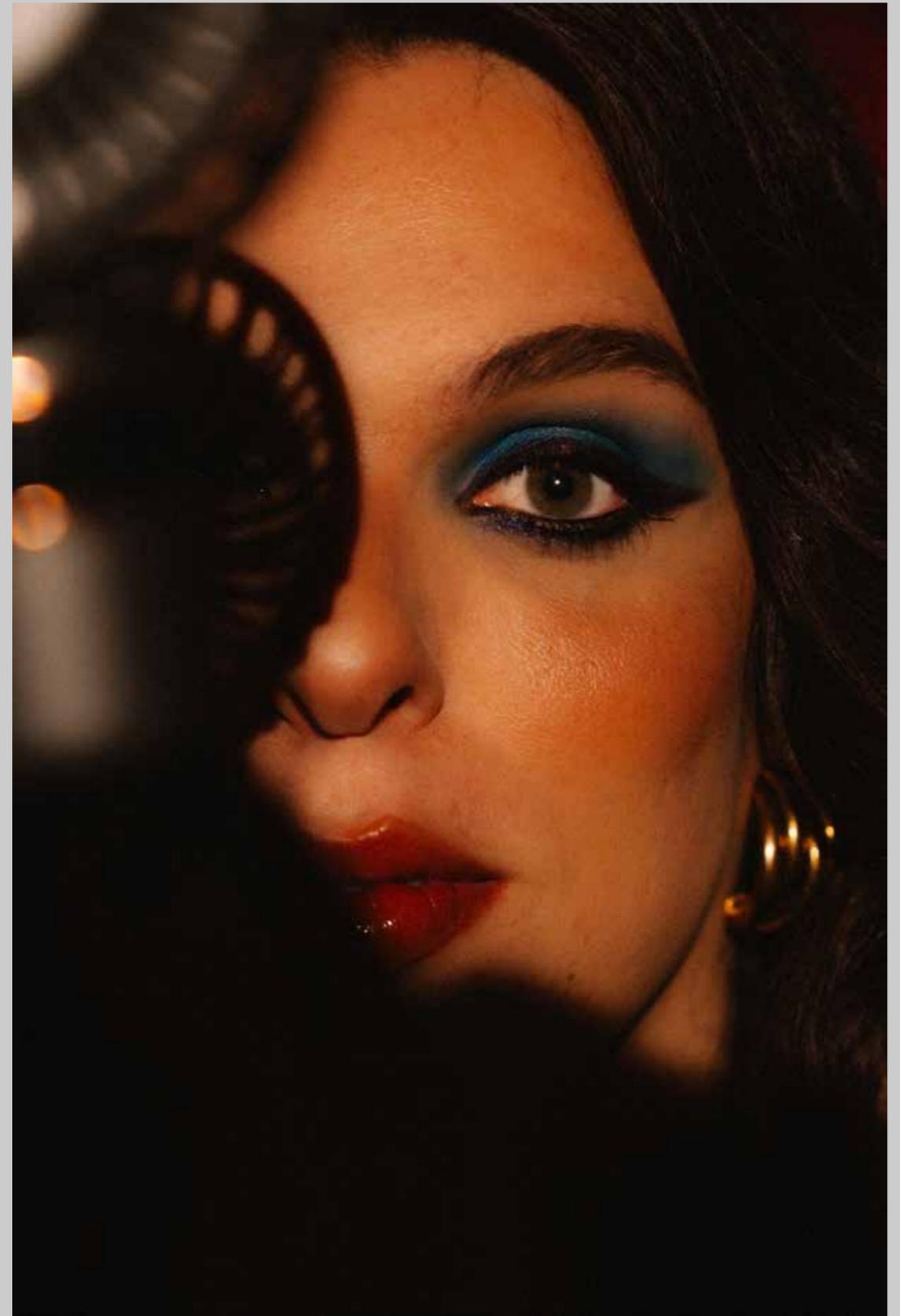
MILO

entrevista
direção artística
fotografia
styling
ass. styling
hair
makeUp

Patrícia César Vicente
Patrícia César Vicente
Manuel Geadá
Tatjana Jourdain
Marco Gomes
Esteban
Abreu Lima

IS NOT





Conheço o Kiko is Hot há uns anos. Não somos amigos, mas por força das circunstâncias profissionais ficou uma cumplicidade de falarmos um com o outro como se nos estivessemos visto ontem. Mesmo que nos tenhamos visto há dois anos.

A verdade é que a força do Kiko que muitos conhecem é o sentido de humor. Agora conhecido por milhares, mas juro por tudo que ele sempre foi e será assim. É a forma como se expressa. Afinal sempre foi a forma como se expressa que para uns é incómodo, e para outros a leveza de um amanhã melhor para todos. Votarei sempre na segunda opção.

Nesta entrevista asseguro-vos que vão ficar a saber coisas que ainda não sabem sobre o Kiko. Momentos passados, e qual a sua posição para quem se identifica com um cão ou um gato. Na comunidade LGBTQI+ como é que ficamos?

E há uma outra camada, aquela normalidade de quando nos sentamos à mesa com quem nos vê evoluir há algum tempo. Vão poder ler com toda a simplicidade e transparência do mundo, e com sentido de humor espontâneo sobre tudo o que foi surgindo no decorrer da entrevista. Resta-me dizer-vos que não fazem ideia da quantidade de pessoas que abordam o Kiko, de todas as idades, de todos os géneros. Fiquei em silêncio a ver. E é bonito ver como a sua atitude tem ajudado (e muito) a mudar mentalidades que finalmente podem abraçar as novas gerações.

Kiko, vamos começar lá atrás. Pode eventualmente haver algum ser humano em Portugal que ainda não te conheça. Quando começaste, o que é que pretendias? O que é que te levou a fazer os vídeos no YouTube? E recorda-nos a idade que tinhas à época?

Tinha 16 anos. E, sinceramente, na altura acho que inventei muitas coisas sobre a verdadeira razão de o ter feito. Era porque queria mudar o mundo, ou queria não sei o quê! Mas a verdade é que agora olho para trás, já com outro olhar, e sei que queria muito ser visto. Acho que era a coisa que eu mais queria era ser visto. Queria que alguém pudesse ver-me ou ver em mim aquilo que eu sabia que tinha dentro de mim, mas que ninguém via. Queria que vissem que era uma pessoa inteligente, uma pessoa com sentido de humor, uma pessoa que... Sabia rir-se dela própria! Eu queria muito ser visto, e ser aceito. Eu acho que é o que nos une aqui neste meio artístico. Nós todos queremos ser aceites e vistos.

Procuramos a validação, não é?

Geralmente todos nós vemos desejos familiares muitas vezes fraturados, queremos muito...

Desculpa mas não estou a aguentar! Acabei de ver um esquilo a passar, a outra foi contra a árvore ao mesmo tempo...E está tudo a acontecer atrás de ti neste momento. Desculpa, mas não estou bem, não estou a conseguir lidar(risos).

Pausa para rirmos os dois!

Eu amo entrevistas sérias, sabes? (risos)

Eu tenho trabalhado para isso a vida toda. Espero que se note. (risos)

Recompomo-nos.

Portanto, no fundo, agora a sério, tinha a ver mais com a validação da vida... de traumas? Era por isso que fazias os teus vídeos no Youtube?

Acho que tinha que ver com uma validação devido ao fato de ter sofrido bastante bullying na escola, por muitas pessoas que não me quiseram ver sequer. Quiseram só julgar aquilo que eu transparecia no exterior. E então, para mim, eu sempre senti que as pessoas não estavam dispostas a ver-me por aquilo que eu era. Então foi importante para mim vir a um sítio online, neste caso o YouTube, expor o que me vinha à cabeça. Sinto que as pessoas aí, ao longo do tempo, foram percebendo melhor.

E o nome Kiko is Hot? Sabes que vai contigo para a cova, não é? Como é que escolheste o nome?

Infelizmente.

Se fosse hoje, que nome é que terias?

Ah, agora vou Kiko is Hot para sempre! Imagina, eu acho um bocado ridículo. Vai ser cada vez mais ridículo com o tempo. Já me imagino assim com 70 anos, sabes? No ar. Vou ao programa da Cristina. E ela, Kiko is Hot! E eu entro de bengala. Acho que vai ser hilariante.

Já tomou medicação, senhor Kiko is Hot?

No ar, imagina. Não, mas acho que... Na altura eu sentia que precisava de um nome que exuberasse o máximo de confiança possível, que eu não tinha na verdade. Portanto, aquilo foi quase um teatro que eu fiz. Pensei Olha num nome que eu posso dar, que as pessoas vão sentir que esta pessoa tem confiança. Como eu não a tinha, sabes?! Eu queria muito que as pessoas achassem que eu tinha. Porque eu sabia que tinha de ser muito forte. Eu sabia que alguém como eu não podia simplesmente surgir na internet. Não podia querer saber o que as pessoas dissessem sobre mim, ou ficar magoado com comentários. Eu não podia, não pude dar esse luxo. Se eu queria fazer aquilo que queria fazer tinha de ter uma pele mesmo forte. Então foi Kiko is Hot, toma, está aqui. Ai gozam comigo? Tudo bem, pronto! Muros, muros e muros que eu criei na altura para não afectarem.

Começas em miúdo com um projeto pessoal, depois projetos coletivos, com outros influencers, a série Casa do Cais e agora novamente a solo... Na tua vida pessoal, como é que realmente as coisas têm acontecido e que as pessoas que te seguem não fazem ideia?

É engraçado, porque imagina, eu agora estar a solo faz muito sentido a minha vida, realmente. As pessoas não percebem isto, mas eu sinto que comecei a solo. Não tinha amigos, não tinha vida social. Depois ganhei uma vida social, e naturalmente os projetos foram para esse caminho. Ou seja, quando eu ganho um grupo de amigos, a Peperan, a Lena, a Soraia, o Andy, nós realmente somos amigos e de repente criámos ali um projeto. Ou seja, tudo fazia sentido porque eu estava numa altura de descoberta de quem eu era, de sair à noite, de me proteger, de fazer tudo aquilo que eu queria. E agora sinto que estou a voltar a casa, de certa forma. É engraçado porque eu sinto que no TikTok voltei a um sítio que já não estava desde que tinha 16 anos. É um sítio muito próprio, é um sítio onde eu estou em casa, e tenho ideias loucas, mas vou fazer. É uma coisa muito pessoal que de certa forma é aquilo que me assenta melhor. A validação é minha, e sinto que toca num sítio onde eu comecei.

Durante um tempo fui a vários sítios da vida, conhecer pessoas, fazer projetos, mas na verdade eu sinto que voltei a casa agora, estando a solo de novo. Claro que vou trabalhar com pessoas na minha vida, se eu quiser, mas eu sinto que se calhar estar aos 30 anos agora... já não tenho 16 anos, fiz 30 anos! Fiz 30 anos e acho que também faz parte desta etapa da minha vida. Deixar um bocadinho.... Diminuir um bocado o barulho e o ruído à volta para saber realmente para onde é que eu tenho que ir.

E as decisões serem tuas. Para o bem e para o mal...

Exatamente. Não é? Tipo, é só meu, só eu é que decido. E eu gosto muito desse controlo. Não vou mentir, eu sou um bocado control freak. Então eu gosto da ideia de eu ter as ideias, produzir, fazer. Não depender de ninguém. Não tenho de dizer nada a ninguém. E pronto, acho que é um bocado isso.

Se pudesses balizar mais ou menos, há quanto tempo é que tu sentes que voltaste a ser visto a solo? Seis meses, um ano? Quando é que se começa aqui a dar o boom?

Se calhar diria um ano e meio, um ano e meio. Vem com o TikTok, acho. Quando criei o TikTok há... não fez ainda dois anos. Um ano e meio, mais ou menos. Eu sinto que cheguei muito tarde. O TikTok deu o seu berro em 2020 e eu só em 2023 é que comecei mesmo a fazer as coisas, a publicar na rede. Acho que foi aí que as pessoas me começaram a seguir.... É muito engraçado, há muitas pessoas que não me conhecem do YouTube já.

Os miúdos...

Os miúdos, ou seja, há pessoas que acham que eu faço conteúdos, pronto. Mas acho que foi aí, acho que foi nesse boom do TikTok que eu voltei a ter realmente um nome a solo.

Agora, sempre que és abordado, seja pelas redes, seja por um programa, seja o que for... O que é

O que é que hoje efectivamente é o teu drive? Se calhar até há meia dúzia de anos era muito a questão de... “Ah, eu vou levantar esta bandeira, seja lá qual for a bandeira, por mim e por aqueles que hão de vir.” Mas acho que já não



que actualmente te motiva? Não é a questão da validação, como quando eras miúdo, e que depois integraste numa série de projetos...

estamos a viver isso. O que é que nós estamos a viver agora na tua óptica?

Eu gostava de sentir que... as capacidades que eu tenho, por exemplo, da comunicação, que é uma coisa que se tem revelado ao longo dos anos fossem recompensadas de alguma forma, ou seja, eu consigo chegar a sítios onde supostamente pessoas como eu não existem. E essa é a parte da bandeira que eu digo que levo em mim, mas levo-a de forma indireta. Ou seja, quando eu ganho certas hipóteses e quando eu chego a certos sítios, estou a abrir um caminho, mas é pelo meu talento.

Acho que estou a abrir um caminho de pessoas como eu, que podem chegar a estes sítios. Tu não tens que mudar quem tu és, tu não tens que te conformar, tu não tens que começar a ser mais sério, ou ser mais beto para conseguires chegar a sítios que deveriam estar abertos a toda a gente.

Quando te apresentas ao público, ou quando digo ao público, não só através do TikTok, das redes sociais, mas quando tu és convidado agora para uma série de eventos, quando tu vais... Qual é que é o teu drive? O que é que tu queres passar a quem te vê...

Sinto que para mim é super importante, talvez aquilo que se tem mostrado mais e mostrou para mim nos últimos dois anos, é a vulnerabilidade. É a cena mais verdadeira possível. Eu aprendi isso até pelos números que tenho agora. As pessoas dizem “Mas como é que é possível? Como é que tens tantos números? Como é que não sei o quê? É vulnerabilidade. É eu não ter, não sentir que tenho alguma coisa a perder. Já estou confiante o suficiente para não achar que “mas eu vou perder esta oportunidade se eu falar disto”. Já te falei disto há muito tempo. Estou numa altura onde estou completamente verdadeiro naquilo que sinto, e no que estou a passar. E isso atrai imensas pessoas. Às vezes já demos por nós a querer fingir. Ou querer... “Ah, mas é suposto sermos assim, é suposto sermos... Se calhar é suposto eu estar a dizer aquilo, se calhar é suposto eu vestir aquilo, se calhar é suposto”... Isso não existe! As coisas que as pessoas mais se relacionam comigo, às vezes, é estar na cama há dois dias. E então há gente que se consegue relacionar porque há gente que sabe o que é estar num período mais depressivo. O poder da vulnerabilidade é o poder da verdade, no fundo.

Sim, nu e crua...

É a coisa que eu acho que tem mais poder e que mais motiva. É uma coisa muito genuína, e eu nem tenho que pensar quase. É só ser eu próprio. E acho que esse ser eu próprio é uma coisa que inspira as pessoas.

Vou partilhar aqui algo Pessoal, meu e teu. Não estás preparado, mas cá vai. Certo dia, há uns anos, fomos todos sair à noite. E estávamos ali perto da Rua Rosa no Cais do Sodré. Cheia de gente. Isto era uma sexta ou sábado à noite. Estávamos a conversar à porta de um bar e aquilo estava a dar-te uma ansiedade imensa. Percebi isso, claramente. Eras abordado constantemente de uma forma até um bocado selvagem. Havia desde os miúdos e miúdas que gostavam de ti, só queriam uma fotografia e dizer gosto muito de ti, mas também apareciam grupos de homens mais velhos que queriam tirar fotografias contigo, até num tom de gozo. Estarem ali homens todos juntos, a beberem copos, e tu tiraste uma fotografia com um deles. Ele claramente ficou impressionado com a tua atitude, e no final até te deu um aperto de mão. Esse homem claramente ficou com uma ideia diferente tua. Pela sua expressão acredito que até se sentiu ridículo pela sua atitude inicial...Portanto, era um grupo de homens, todos a gozar contigo, a pedirem para tirar uma fotografia contigo nitidamente no gozo e tu foste educadíssimo, tiraste a fotografia com a maior naturalidade a seres tu próprio, e no final ele até agradeceu e apertou-te a mão. Percebi claramente que tinhas conquistado o respeito daquele grupo pela tua postura e profissionalismo. A fazeres as tuas poses nas fotos, sem pudores mas com um enorme respeito...Nunca me esqueci da cara com que ficaram, não contavam que fosses como és... A cada dois passos tinha de parar contigo, e via dedos todos a apontarem na tua direção, a chamarem-te, uns por umas razões, outros por outras. Como é que isso resultou para ti? Ou seja, como é que se lida com estas provações e provocações constantes?

Sabes o que é que eu acho? Agora estavas-me a contar isso e eu não me lembrava qual ia ser a minha reação. Eu não me lembrava qual ia ser a minha reação.

Normalíssimo, confor-me estás aqui comigo.

E tu estavas-me a contar, eu estava a pensar assim, espero que tenha sido super educado. Na verdade, comprovaste aquilo que eu acho, as atitudes são para quem as tem. Para mim, não me faz sentido nenhum estar a ser mal-educado com alguém. Se alguém quer fazer uma gracinha ao tirar uma foto comigo, essa pessoa vai viver com essa vergonha um dia. Essa pessoa vai olhar para trás, e vai dizer assim “olha, eu a tentar minimizar a vida de alguém, ou fazer pouco de alguém” Essa pessoa tem que viver com isso. Não sou eu. Porque eu estou na minha. Querem tirar uma foto? Vamos, claro! Eu não vou partir do pressuposto que alguém quer abusar comigo, porque eu não trato assim as pessoas. Então, eu não vou ser essa pessoa para ninguém, e se as pessoas quiserem ser isso comigo cada um vive com as suas escolhas. Cada um vive com aquilo que faz. Portanto, para mim, a educação tem muito poder e no meu caso, na minha carreira já ganhei muito com isso. As pessoas já têm um preconceito nas suas cabeças, daquilo que acham que eu vou ser. Porque me veem uns segundos na internet, ou por isso ou por aquilo. E acabo sempre por surpreender as pessoas, sendo só eu próprio. Portanto, quando à bocado eu falava da mudança indireta, é isso a mudança indireta. É a acharem que me vão conseguir meter numa caixa, e eu não vou para essa caixa. Eu sou um ser humano normal, sou um ser humano como todos os outros e vou ser educado porque foi assim que a minha mãe me ensinou.

É isso, eu até queria aqui só... já passaram uns anos, mas ainda me lembro perfeitamente daquele aperto de mão. E lembro-me de olhar para ele e ver o ar surpreso dele pela tua atitude e um bocado de vergonha da sua própria atitude.

Nessa altura que fomos sair ainda te afetava?

A atitude fica com ele, não fica comigo. Já sofri bastante com isto no passado, as pessoas às vezes olham para mim só como uma personagem. Ou só uma pessoa que não é real, ou que não é carinhosa. E acham que podem fazer pouco de mim. Porque eu sou uma piada. E quando eu não tinha estrutura para isso, afetava-me muito.

Eu acho que sim. Afetava-me bastante. Até houve uma altura que até deixei de fazer conteúdo, e escondi-me um bocadinho do público. Porque fazia muita confusão. As pessoas que eu conhecia, os meus amigos, viam de uma certa forma, e o público via de outra. Começou a fazer-me muita confusão, na altura ainda não olhava para o que faço como um trabalho. Portanto, fazia muita confusão... Não me veem como uma pessoa real. Sou visto como um palhaço. Eu não quero ser um palhaço. Eu não sou um palhaço. Ou seja, esta negação que eu tive foi um bocado o momento onde eu pensei... Não quero mais ser uma personagem. Eu quero ser uma pessoa real, que gosta de pessoas, que tem as suas experiências. Atualmente, tenho outra estrutura e sei que cada um me vê como quer, e sei que isto é o meu trabalho, portanto, separo as coisas. Mas na altura sentia muito isso, sentia que as pessoas às vezes vinham ter comigo numa de acharem que eu ia ser este palhacinho, ou um pessoa que não tem pensamentos, ou não sei o que é que elas achavam...

A família...a tua! Como é que lida com o Francisco, que é o Kiko is Hot cada vez mais visível. Tens o Instagram, o TikTok, depois vais à televisão, rádio, vais fazer o teu DJ set. Imagina, vou dizer assim um exemplo... um almoço em família no restaurante perto de casa da tua mãe...

Não existe.

? Não existe? Não. Eu também tenho um size familiar muito pequeno. Portanto, basicamente a minha família é a minha mãe, as minhas duas irmãs e o meu irmão. Apesar de que o meu irmão está em Manchester a viver. Então, na verdade, somos só três aqui. E as coisas que eu mais gosto é sentir que não sou o Kiko is Hot com eles. Portanto, não há essa coisa até de falar das coisas que eu faço. Não, eu quero é saber como é que está a minha sobrinha. Quero saber como é que está o voluntariado da minha mãe.



O meu trabalho pode ser, muito facilmente, uma coisa muito narcisista. Está tudo em mim, o que eu faço, o que eu posto, ele é famoso, ou seja, para mim é saudável para a minha saúde mental retirar-me um bocadinho daí às vezes, e ter o meu valor pela forma como me preocupo com os outros. Para mim isso é importante, senão acho que me torno uma pessoa detestável. A coisa pode subir-me à cabeça, e eu não quero nunca que isso aconteça.

Afecta a tua mãe na vossa convivência a forma como as pessoas te abordam ou as razões pelas quais o fazem? A tua mãe comenta, ou diz alguma coisa?

Acho que lhe dá igual, mas ela tem muito orgulho em mim. Essa parte é importante. Ela demonstra muito orgulho em mim. E acho que na pessoa que eu me tornei também se deve a ela obviamente, não é?

Questões de género. Esta capa editorial da Parq tenta representar tudo aquilo que tens querido dizer ao mundo ao longo dos anos. O que é que ainda te falta dizer?

Então, em questão de género, não é?

Seja no que for. Da tua visão de mundo à medida que vais avançando pessoalmente ou profissionalmente...

Agora falaste da questão de género e, por acaso, lembrei-me de uma coisa que sinto, sobre minha experiência, é a única coisa que posso falar. A mim nunca me fez sentido fazer mudanças drásticas, dolorosas, só para me encaixar em padrões que as pessoas querem que eu me encaixe. Houve uma certa altura que até achei que podia ser trans, mas rapidamente percebi que estaria a fazer aquelas mudanças todas... tenho amigas trans que fazem, que são mudanças dolorosas, hormonas e operações, E para mim, sabia que o estava a fazer para tentar encaixar-me num molde que criaram para mim. "Ah não, tu não podes ser um homem e fazer isto e aquilo. Porque se calhar és uma mulher trans..."

Portanto, era para facilitar a minha experiência. Eu acho que se calhar o que eu quero deixar é a ideia de que nós podemos ser livres e exprimirmos quem nós somos. E isso não tem de fazer sentido para ninguém para além de nós. Portanto, não é necessário tu teres isto, ou fazeres aquilo ou não sei o quê para te encaixares. Isso não existe na minha cabeça.

Masculino e feminino para mim sempre foram danças. Sempre foram expressões onde eu às vezes estou mais assim, às vezes estou mais acolá, e não tenho de fazer sentido para ninguém. Ou seja, para mim, ser masculino e ser feminino até é muito mais daquilo que eu visto. É muito mais sobre o que penso, é muito mais daquela sensibilidade que tenho. Talvez a que a minha mãe me passou, a minha parte emotiva e a minha parte sensível. Mas se calhar eu também tenho de ser mais despachado e ser mais racional e mais... sabes?! Ou seja, para mim, masculino e feminino são dois pontos num só. Se existe algum sítio que está a requerer que nós mudemos a nossa essência é porque esse sítio não é para nós.

Ainda sobre as questões do género, achas que há um exagero? Nos adolescentes que se identificam como um gato, um alce ou um cão, e os pronomes? A confusão que é feita e vista como ofensiva. Achas que há um exagero atualmente?

Acho que as pessoas estão muito sensíveis ultimamente, e consigo olhar para isso numa linha temporal e perceber que isso vem de um sítio onde elas não se sentiram compreendidas. Portanto, agora estão numa revolta. E consigo entender isso, consigo ter respeito. Acho que a questão dos alces e dos gatos, não sei o quê, acho que isso é uma minoria. Obviamente, isso é uma minoria e é uma minoria que se calhar até afecta a luta totalitária que nós temos tentado ter quando tentam realmente falar de... de se identificar como um gato, digamos assim. Mas, para mim, eu sou da opinião que se nós estivermos a falar com amor e com uma de compreender e com uma de querer aceitar o outro, eu acho que isso tem que valer. Eu ainda acredito na intenção. Sou defensor da intenção. Portanto, se alguém me quiser ofender e se der para perceber, então aquela pessoa não tem nada a aprender. Eu não vou querer gastar sequer o meu latim. Agora, se perceber que a pessoa está a fazer um esforço para me entender, pode não saber certas coisas, mas está a tentar não me ofender, ou estar a tentar ser o mais respeitável possível e se calhar a cometer uma gaffe vou ter a intenção da pessoa na minha cabeça. Isso vai ter de ser uma coisa que pesa na minha resposta.

Tem muito mais a ver com a intenção, não é?

Para mim tem. Para mim a intenção é muito importante.

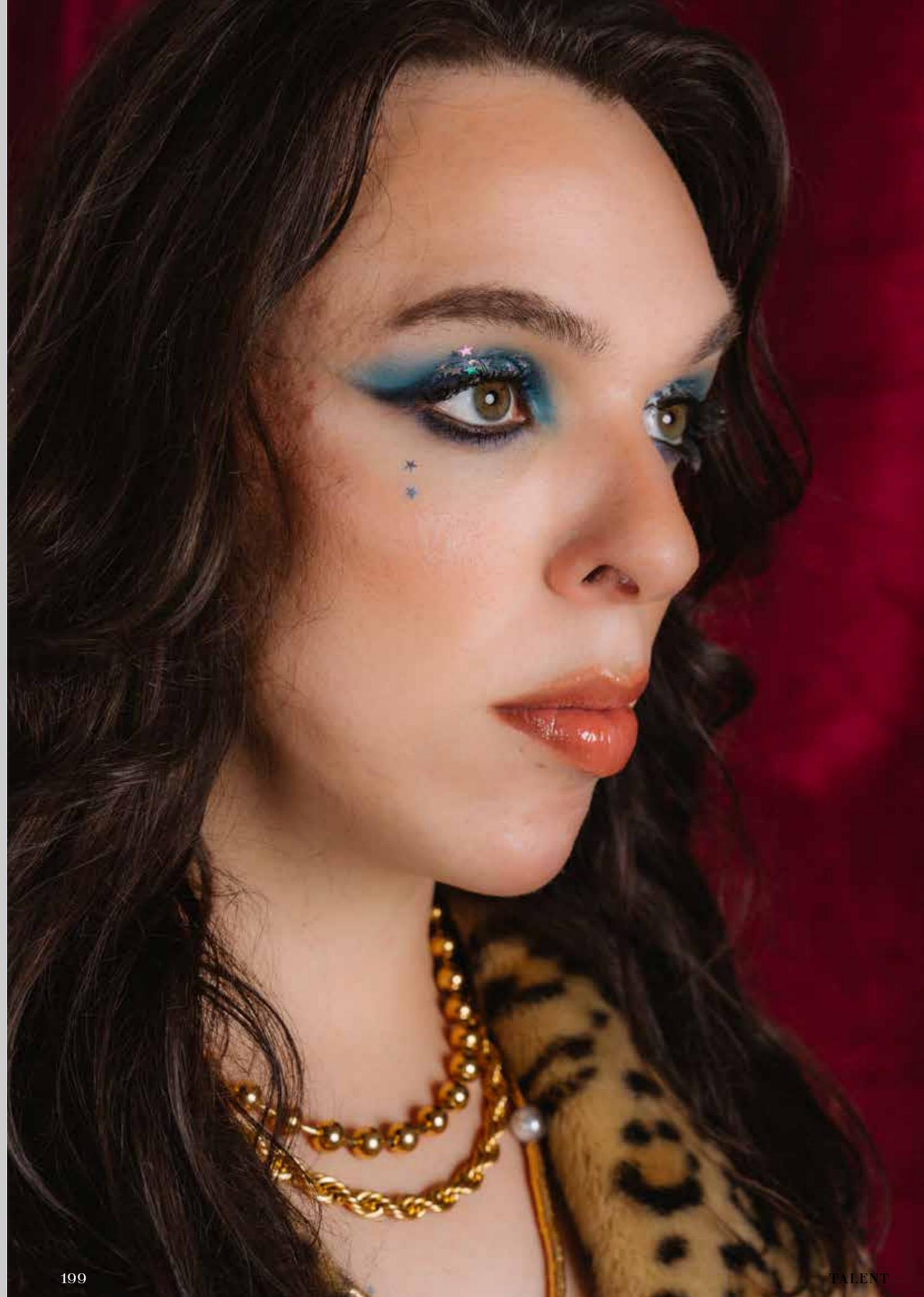
A última pergunta.

Ai, ai, ai.

Há uns anos jogávamos o Fuck, Marry, Kill. (risos) E tu disseste... que comigo casavas, que era para teres uma stylist todos os dias. Kiko, ainda queres casar comigo? (risos).

Eu já ouvi dizer que tens um closet em casa, portanto.... Estou lá! Mas é sem separação de bens.

Obrigada Kiko por esta entrevista, e pela loucura da ideia da capa e tudo o resto ao longo dos anos!







CHIC

REBELLION

fotografia
styling
ass. styling
ass. styling
makeUp

model

Rúben Corta Largo @cortalargo
Eduardo Tobar @eduardotobar98
Fábio Girão @meias_cor_de_rosa
Noemi Oliveira @noemioliveira
Sara Litardi @saralitardi
(team Raquel Batalha @raquelbatalha.makeup)
Mariana Vasques @marianavasquesss @elite_lisbon

casaco e saia LACOSTE





vestido VUGALLI



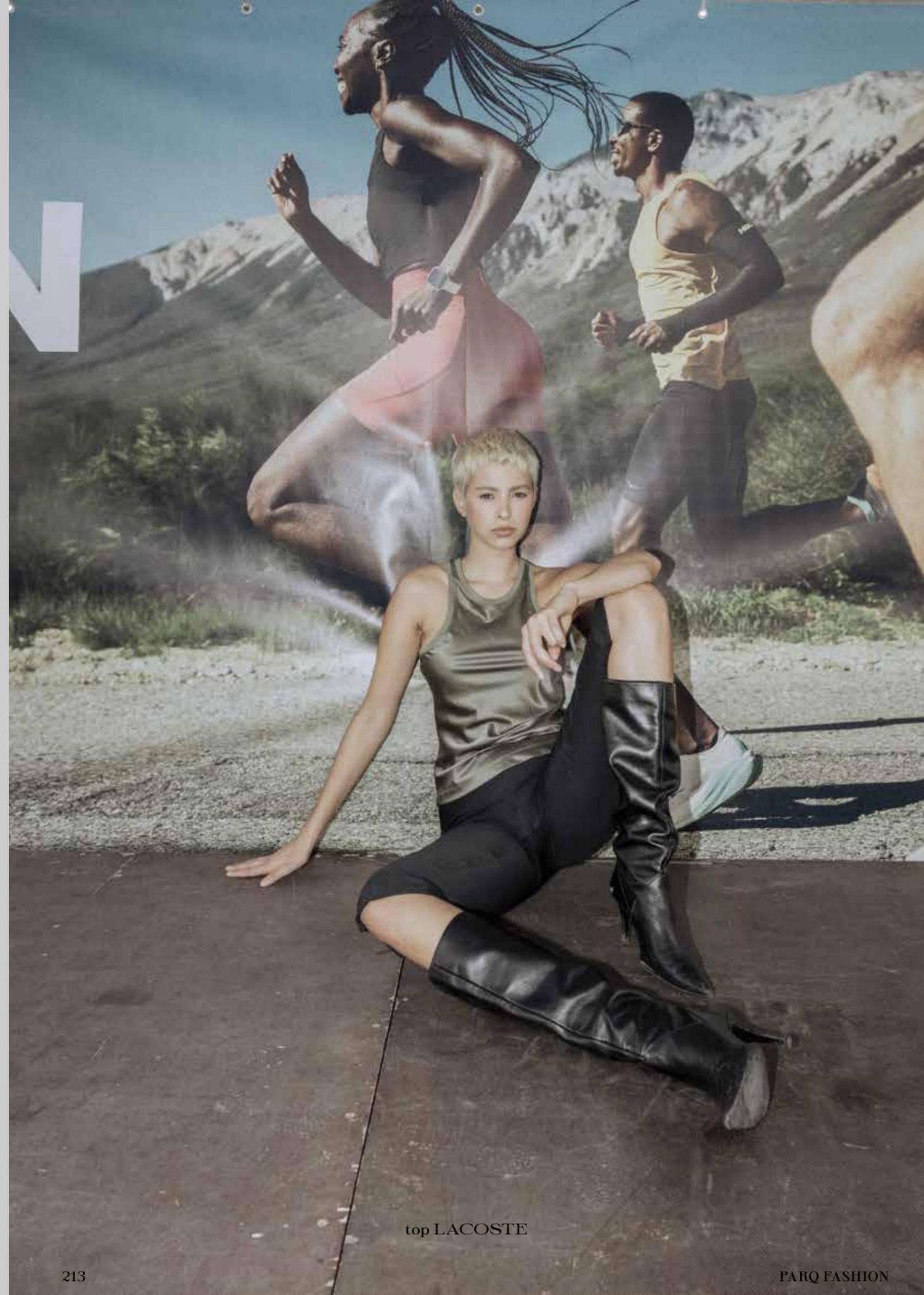
conjunto VUGALLI



vestido VUGALLI



vestido VUGALLI



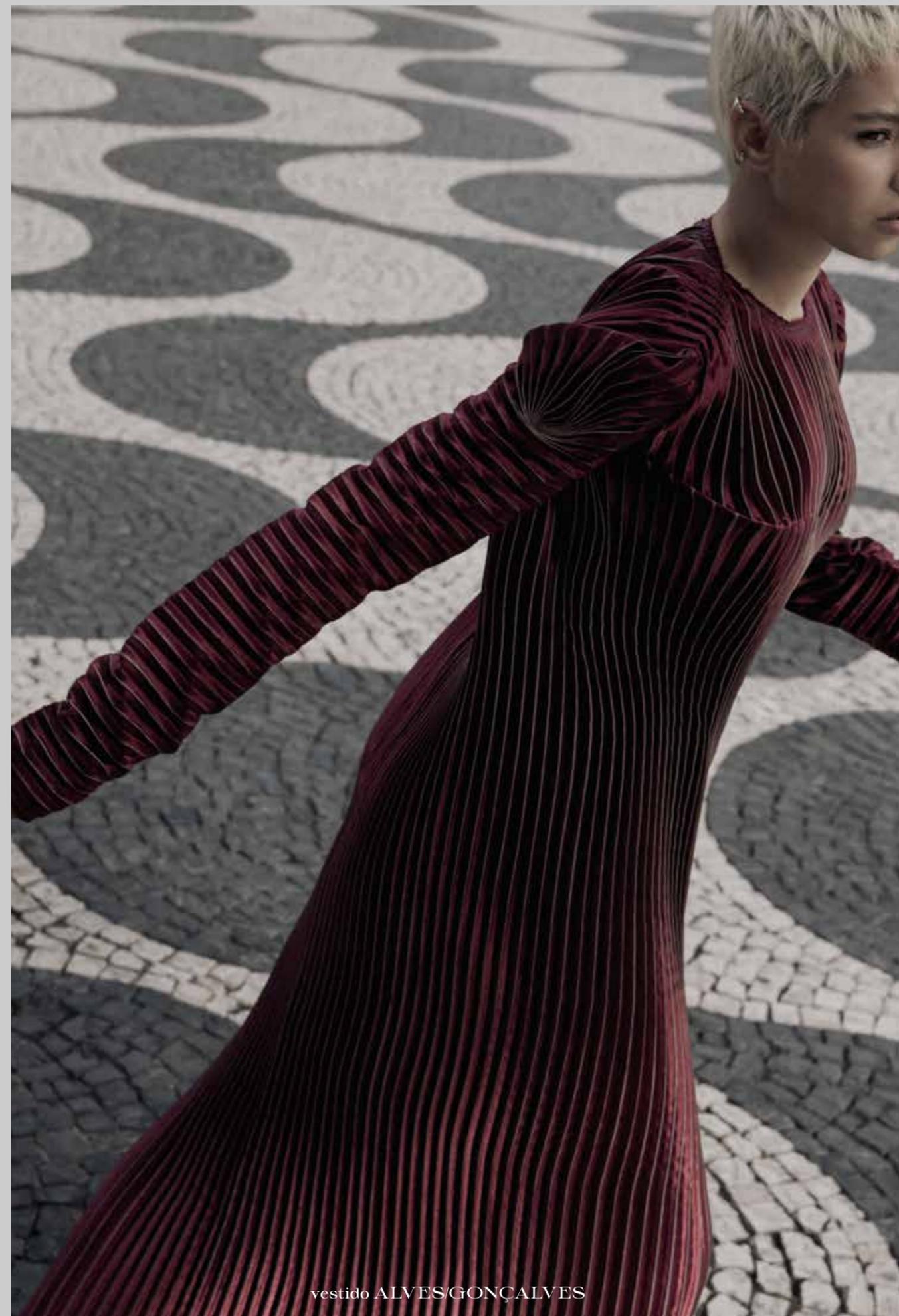
top LACOSTE



casaco LACOSTE
saia VUGALLI



casaco MABÔ



vestido ALVES/GONÇALVES

FRAGMENTS

OF LIGHT

fotografia, creative direction & styling

hair & makeUp
model
agency

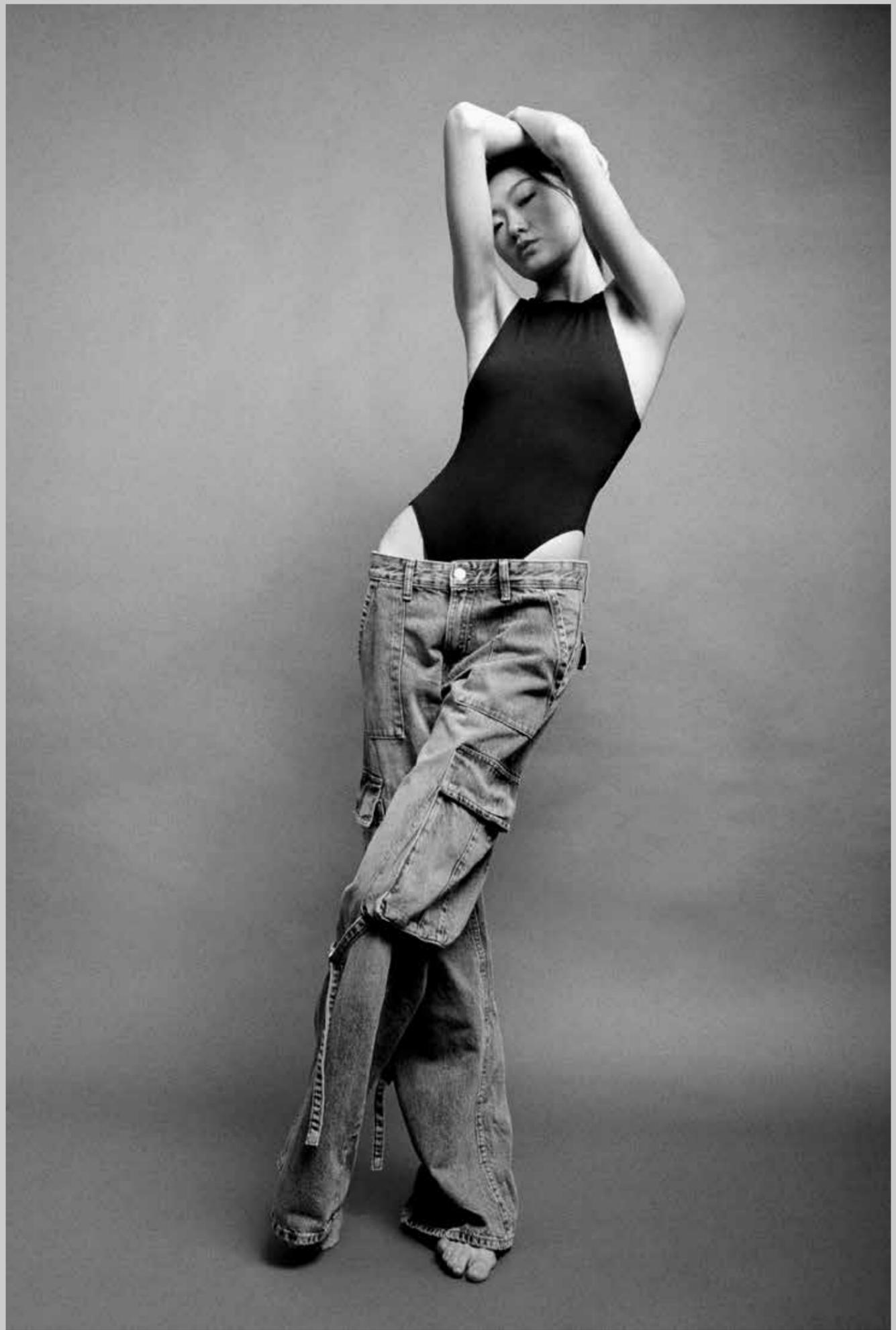
Pedro Silva [@pedrosilvaphotographer](#)
Rita Prates [@ritaprates_](#)
Wang [@wangzhuozzz](#)
Mirrrs Models [@mirrrsmodels](#)













HOUSE OF CAPRICORN

diversificados, provenientes de vários continentes. Nesse sentido a House of Capricorn oferece uma continuidade em termos de filosofia da Fashion Clinic Home. Há uma complementaridade porque se introduzem outras matérias que evidentemente estão mais de acordo com as nossas tradições.



No seguimento da entrada da Amorim Luxury Group, no mercado do Homeware com a abertura de uma loja na avenida da Liberdade em Lisboa, dedicada a decoração, o grupo vem apresentar uma linha própria, a House of Capricorn, que em breve será apresentada internacionalmente na Maison et Object, a maior feira de design em Paris. Nesse sentido é uma linha que desde o início da sua conceção, procura alcançar a globalização tendo como marca forte, a Portugalidade. Ou seja, procura-se adaptar o que ainda temos nas nossas tradições manuais presente no artesanato e na pequena indústria, dando uma imagem mais atual ao produto para que ganhe atualidade e assim ganhar num mercado de luxo apreciador de um savoir faire que ainda conseguimos manter em Portugal. Isso levou, numa primeira fase, a um trabalho exaustivo de pesquisa, para identificar os mestres que preservam esses conhecimentos e técnicas. Depois foi trabalhar essa matéria crítica em conjunto, estendendo o produto a outras fronteiras mas sem o desvirtuar. Por tudo isso, a primeira produção criada para House of Capricorn é plena de manualidade, matérias naturais, tudo embrulhado em cores vivas e alegres, numa expressão maximalista da vida. Tudo com um apelo nostálgico certo, de um Portugal profundo, algo que nos faz lembrar a casa dos nossos avós e que naturalmente é cada vez mais uma lembrança em vias de extinção.

E o que podemos ver na loja? Atravessando a porta da Fashion Clinic Home e olhando para o conjunto somos cativados pela exuberância decorativa. A cor e o detalhe imperam com produtos de decoração muito

Por exemplo todo o trabalho que se faz com palhinha ou com junco, realizado nos açores é um elemento que se torna estruturante na coleção e é aplicado tanto em mobiliário como em acessórios para o serviço de mesa. O entrançado típico da cestaria torna-se até um motivo decorativo e aparece em relevo em louça cerâmica. Outro ponto forte é o trabalho têxtil. Temos toalhas, almofadas, mantas, tapetes, panos de cozinha, guardanapos realizados em tear. Tecidos bordados são outro ponto forte da coleção. Encontramos motivos coloridos, divertidos e até inesperados que lhe tiram aquela carga solene domingueira dos jantares de família, o que o torna todo o têxtil da House of Capricorn apetecível. Aqui o único problema serão as quantidades disponíveis, naturalmente serão sempre pequenas, podendo mesmo haver produtos que estejam em loja mas não apareçam no site.

Para além destes elementos portáveis podemos ainda encontrar em House of Capricorn peças de mobiliários dando destaque para mesas e sideboards lacadas ou coffee tables de mármore com pés metálicos coloridos, assim como sofás. Está tudo em exposição na loja e já em pre-order no site da Fashion Clinic.

texto —————> Francisco Vaz fernandes

Fashion Clinic – House of Capricorn

Av da Liberdade, 144, Lisboa
@fashionclinic.home
www.fashionclinic.com

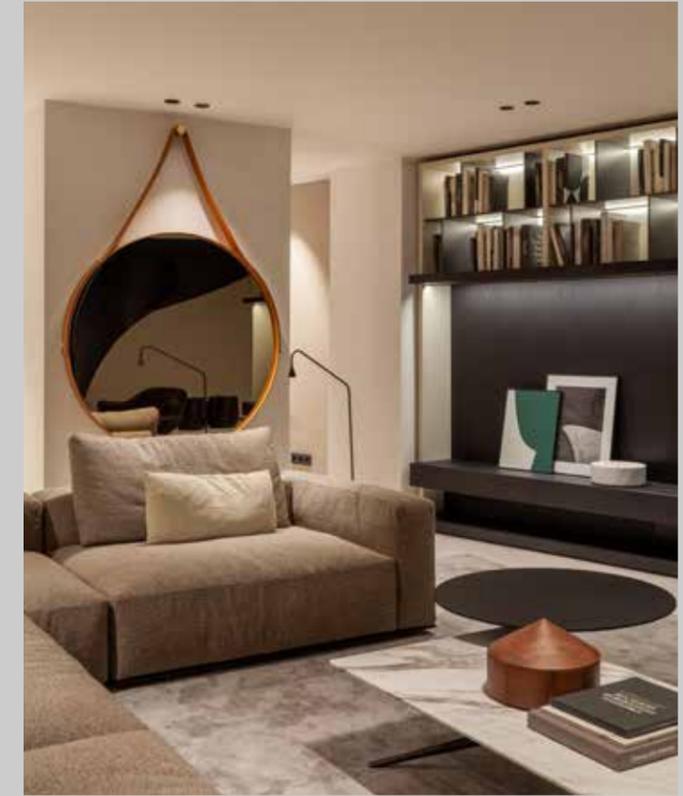
POLIFORME LISBOA by QUARTOSALA



A Poliform é uma marca de design italiana que em Portugal é à vários anos representada pela QuartoSala e acredito que tenha sido provavelmente uma das joias de portfólio da empresa lisboeta que representa várias marcas internacionais de design e decoração. Grande parte do destaque da Poliform nasce da oferta de elementos modulares que podem ser facilmente adaptados ao desenho de um espaço de arquitetura de interiores. Os módulos para os seus closets tornaram-se uma preferência no meio profissional da decoração. Quem diz closets, também pode referir cozinhas e todo um tipo de moveis onde funcionalidade é essencial sem descorar a parte estética.

Dado ao destaque que a Poliform ganhou no grupo naturalmente foi ponderado a existência de espaço próprio para melhor revelar todo o potencial da marca que ainda está por descobrir. É com esse propósito que nasce então a flagship da Poliform em Lisboa pela mão da Quarto Sala a poucos metros do jardim das Amoreiras. São 500m² distribuídos em dois andares que permitem uma visão mais completa das suas coleções. Têm produtos para todo o tipo de ambientes que uma casa possa necessitar, sempre dentro de uma linha minimal, marcado por uma certa descrição onde funcionalidade e qualidade são as traves mestres.

A estrutura da loja é desenvolvida de forma a criar vários tipos de ambientes domésticos que podemos encontrar numa casa ou até mesmo numa empresa não tão formal. No percurso aleatório pela loja é fácil de identificar os núcleos e as suas funcionalidades específicas reconhecendo conjunto fáceis de harmonizar.



A Poliform nasceu em Itália nos anos 70 convertendo uma pequena indústria artesanal familiar com origem nos anos 40 em algo a uma escala superior com capacidade de chegar ao mercado global. A possibilidade de pensar em conjuntos a partir de módulos acabou por ser a trave do seu sucesso dado que ajuda em muito o trabalho de um designer de interiores.

A Poliform Lisboa é a quinta loja do universo Quarto Sala que continua a privilegiar o eixo Chiado Amoreiras com dois espaços multimarca no Príncipe Real e duas flagship stores exclusivas.

texto —————> Francisco Vaz fernandes

Poliforme Lisboa by QuartoSala

Av D. João V, 2B, Lisboa
2a a 6a, 10:00 -19:00, Sab 10:00 - 18:00

SALTA

A Rua Rodrigo da Fonseca é uma daquelas ruas bonitas e discretas de Lisboa onde só se vai quando se tem um propósito. Beneficia da ausência de trânsito, mesmo estando a poucos metros da rotunda do Marques de Pombal. Por isso, o Salta ao final da rua, só podia ser um restaurante tanto central como discreto. Sem grandes anúncios, um vitrine generosa revela o essencial, uma sala minimal com decoração sóbria e luz quente. Ao fundo avista-se ainda uma cozinha com uma equipa laboriosa que não é pequena. Justifica-se porque além do que está a vista, existe ainda uma sala no andar em baixo que nos revela ainda um pequeno pátio com mesas que se mostra bastante simpático.

O Chef Tomaz Reis iniciou este projeto em Maio de 2021 com mais quatro sócios propondo um cardápio que cruza sabores da América Latina com o sudoeste asiático refletindo as suas raízes no mundo gastronómico. Português, quis o destino que nascesse no Brasil onde basicamente passou toda a juventude tendo depois mais tarde partido para a Austrália, quando a vocação e a oportunidade de seguir uma carreira na área da gastronomia surgiu, tendo aí trabalhado nos melhores restaurantes locais. Por isso o Salta é um reflexo do seu universo e percurso pelo mundo. Ou seja, um restaurante que revela bastante latinidade na base mas com uma expressão extensa ao sudoeste asiático. A combinação não podia ser melhor. Degustamos, viajamos e só pensando no momento em que poderíamos voltar.

O Chef Tomás Reis gosta que os seus clientes se deixem seduzir e apesar de um serviço à carta, procura privilegiar várias opções de degustação que têm vários momentos que vão mudando em função do produto fresco de estação que encontram no mercado. Como refere, “oferecemos qualidade e sabor, onde o elemento surpresa também está presente”. Ou seja, oferece uma cozinha de sabores, sofisticada e dando relevância visual, sem que o Ego do chef reprima o prazer do cliente à mesa. É um restaurante que pede tempo e disposição para desfrutar dos momentos proporcionados e por essa razão continua a só abrir para jantares se bem que para breve possa haver novidades para a hora do almoço.

Neste momento, em termos de menus de degustação, conta com a modalidade chefs que contém 5 momentos num valor de 55€ e a modalidade chefs +, com 7

momentos num valor de 79€. Há ainda um menu de degustação vegan com o valor de 49€. É possível fazer um wine pairing, com 5 vinhos (50€) para o serviço de degustação mais completo, a partir de sugestões do Chef que numa curta conversa revela grande paixão pelo tema, garantindo surpresas e descobertas a partir da investigação e acesso a pequenas vinícolas.

Nos seus três anos, o Salta acabou por criar com a ajuda dos clientes os seus pratos clássicos. A Ostra Don Julio é um dos imperdíveis no Salta. Esqueça o limão espremido sobre o molusco, aqui a salinidade natural da ostra é mesclada com uma tequila repousada, wasabi e uma compota de pera noshi garantindo um final explosivo de sabores intensos que se complementam tão bem. A tradição do sushi bar também está presente, mas desafiando o classicismo nipónico e procurando uma liberdade a partir de fusões que enriqueçam o prato final. Há um sashimi de atum que é servido numa taça mergulhado num vinagrete que é verdadeiramente engenhoso, só para referir uma das hipóteses. Outro ponto alto é o ceviche de vieiras que se destacam à partida por não ter tanta acidez como é habitual. O Chef revela que é uma vieira vinda do Japão com uma textura menos fibrosa o que a torna mais fácil de fatiar e de ser degustada. Não há na base o tradicional caldo um leite de tigre. Na verdade, o caldo é mais um dashi, algo próximo do miso, o que muda completamente o sabor.

Relativamente à carne temos que destacar os croquetes de pato como sendo obrigatórios. Podem ser mergulhados num molho a base de ameixa. São certamente uma excelente entrada como acontece na mesa portuguesa. Contudo nos serviços de degustação, o chef gosta de introduzir os croquetes a meio, depois dos pratos de sushi, para limpar o palato. Trata-se de algo mais gordo que pode mediar bem pratos mais cítricos ou ser uma boa introdução para um entrecôte de que muito se fala. Com toda a vivência no Brasil o entrecôte do chef não poderia deixar de ser umas das estrelas da noite. Mas excelência parte de pesquisa e experiência até encontrar o naco com que mais gosta de trabalhar. Atualmente tem trazido para a mesa, peças oriundas da raça rubia galega que tem um curtimento de 24 dias, processo onde a soja tem um efeito chave. Aqui entra também a tradição do churrasco brasileiro que não será indiferente a suculência da carne que nos chega à mesa.

Para terminar, destaque ainda para a tempura de Gelado, ou seja um gelado frito, que nunca deixa de surpreender na hora de cortar a crosta crocante que revela a cremosidade fria do gelado que tudo envolve ao final. Para além de dominar a técnica o que sobressai nesta sobremesa é a excelência do produto, uma baunilha que vem do México, com um aroma profundo e envolvente que nunca vamos esquecer. É de “saltar” por mais.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES

Salta

Rua Rodrigo da Fonseca, 82A
Lisboa
De 2a a Dom. das 19h às 24h
Telf 211 325 822



O GRINCH MANDOU DIZER...

Sentei-me pacientemente, ele apareceu depois da hora e vinha tudo em verdes, e a bater com as portas.

Não me cumprimentou sequer e sentou-se à minha frente com um ar entediado. No fundo eramos dois entediados, mas deste lado tínhamos de fazer o nosso papel. Um minuto de silêncio, mas lá ganhamos impulso:

- Boa tarde, Senhor Grinch...
- Não é boa tarde para ninguém, pelo menos no que depender de mim!
- Certo...
- E também não é por senhor que me trata, é só Grinch. As pessoas ainda pensam que sou tão velho como o outro do Natal a quem estupidamente chamam de pai... idiotas.
- Pois... estou a ver...
- Anda lá com isso que eu já não saio de casa nesta época, só vim mesmo porque me disseram que esta entrevista ia acabar com o Natal dos leitores da Parq... então eu vim! Esta foi a parte em que tive medo... o que é que era suposto dizer? O meu editor, o Francisco, mete-me em cada uma...
- Pois... não é... pro-pri-a-menteece para estragar o Natal aos leitores. Queremos só... sei lá... perceber o seu ponto de vista, não é? Sobre... quer dizer (recompus-me na cadeira mas com medo de levar com uma) ...
- Então se não vim para estragar o Natal a ninguém, vou-me já embora. O que não me faltam são lugares para ir estragar o Natal às pessoas.
- Tais como? (foi o que me saiu no momento, foi o melhor que se conseguiu)
- Para o Terreiro do Paço, onde vai tudo ver a árvore e são roubados por carteiristas a meu mando... para as ruas do Chiado onde as pessoas vão tirar fotografias, e vão os desgraçados que lá trabalham a sair dos trabalhos a levarem encontrões, e dizem para eles mesmos: "odeio o Natal, trabalho como um escravo para receber comissões de vendas em cima do ordenado mínimo..." Sou eu que lá estou no ouvido deles...
- Estou a ver... e onde é que mais gosta de ir no Natal?

- Antes de mais quero-te dizer uma coisa! És feia... não gosto de ti.
- Claro, entendo... Mas, e o Natal gosta de ir onde?
- És feia! Não gosto da tua roupa, não gosto do teu cabelo, não gosto de nada em ti!
- Tudo bem Sr. Grinch, quer dizer, só Grinch o... o... grande vulto anti-Natal... Verde... lindo... e simpático!
- Quem diz é quem é! Nha-nha-nha-nha-nha...
- Porque é que não gosta do Natal, Grinch?
- Porque não posso com as crianças birrentas de dez anos a pedirem Iphones, não posso com os pais que trocam presentes caros entre si e que não se aturam o ano todo, não posso com a falsa onda solidária que é muito filmada nesta altura, não posso com aquela troca de presentes entre famílias que não se podem ver à frente, não posso com os bêbados dos jantares de Natal sa empresa que acham que podem tudo, não posso com o amigo secreto. Se é secreto não é amigoooooooo! Não posso com as árvores, casas e ruas todas cheias de luzes que me ofuscam a vista. Dizem que é para receber o menino Jesus, ele não nasceu em Las Vegas seus parvos! E o pai Natal... é o cartão de crédito dos vossos pais... que vão pagar aquilo até Março. E a casa da Barbie? Provavelmente vai ser a única casa que vão ter na vida crianças... aproveitem bem... Termina ele com aquele sorriso maléfico a olhar fixamente para mim...
- Certo Grinch... é isso. Obrigada pelas suas... palavras... por ter vindo...
- És feiaaaaa! Não gosto de tiiiiii...

E levantou-se, deu um pontapé na cadeira onde estava sentado até a cadeira estar no chão... olhou com ar desafiador. Permaneci quieta... saiu pela porta, não sem antes dizer mais uma vez:

- És feiaaaa. Criança feia. O Pai Natal não existe sua feiaaaa!

Acenei em forma de despedida enquanto ele saiu da sala, e só me ocorreu dizer:
- Feliz Natal, Grinch!



PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com
www.instagram.com/parqmag/